



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**SILVIA TAVARES DA SILVA**

**POR UMA HISTÓRIA DA MÍDIA TELEVISIVA EM CAMPINA GRANDE**  
**1961-1965**

**Campina Grande**  
**2009**

**SILVIA TAVARES DA SILVA**

**POR UMA HISTÓRIA DA MÍDIA TELEVISIVA EM CAMPINA GRANDE  
1961-1965.**

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA  
ORIENTADORA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História, Área de Concentração em História, Cultura e Sociedade, Campina Grande, 2009.



S586p Silva, Silvia Tavares da  
Por uma historia da midia televisiva em Campina Grande  
1961-1965 / Silvia Tavares da Silva.- Campina Grande, 2009.  
118 f. : il.

Dissertacao (Mestrado em Historia) - Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

1. Modernidade 2. Memoria 3. Identidade Televisiva 4.  
Dissertacao I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade, Dra.  
II. Universidade Federal de Campina Grande - Campina Grande  
(PB) III. Título

CDU 654.753(09)(043)

**SILVIA TAVARES DA SILVA**

**POR UMA HISTÓRIA DA MÍDIA TELEVISIVA EM CAMPINA GRANDE  
1961-1965.**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Christina de Andrade Lima  
Orientadora

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa Souza  
Examinador interno

Prof. Dr. Luis Custódio da Silva  
Examinador externo

*Aos eternos amigos e companheiros Fábio Gutemberg e Ronaldo Nerys que nos acompanham agora de um outro plano.*

## RESUMO

A presente dissertação é resultado da nossa pesquisa sobre a chegada da televisão na cidade de Campina Grande, Paraíba. Nosso principal objetivo é discutir o processo de implantação da TV Borborema na cidade, partindo dos discursos proferidos por uma elite local a respeito do pioneirismo da cidade ao receber mais um símbolo da modernidade e do progresso. Nossa incursão teve como ponto de partida os primeiros anos da década de 1960, quando o projeto de implantação da primeira emissora da Paraíba já se mostrava como um empreendimento promissor para a cidade e para o estado, pelo menos nos discursos do Diário da Borborema, responsável pela criação de um imaginário modernista em torno de tal investida. Para tanto, perpassamos os anos de 1961 quando o projeto já se fazia anunciar no jornal impresso e vamos até o ano de 1965 quando a TV Borborema se encontrava com dois anos de transmissões experimentais, as vésperas da sua instituição oficial. A partir de relatos de memória de alguns ex-profissionais e de campinenses que vivenciaram como telespectadores a chegada da emissora de TV em Campina Grande, buscamos (re)constituir algumas das experiências com o fazer televisão nos seus primeiros anos de existência na cidade. Buscamos também discutir a recepção da TV Borborema junto aos campinenses e como esta contribuiu para a criação de uma identidade televisiva local.

Palavras-chave: Modernidade; Memória ; Identidade Televisiva.

**ABSTRACT**

This dissertation is a consequence of our research about the arrival of television in the city of Campina Grande, Paraíba. Our main aim is to discuss the process of implantation of TV Borborema in the city, starting on discusses of local elite about Campina Grande being the pioneer in receiving another symbol of modernity and progress. Our incursion began on the first years of the decade of 1960, when the project of implantation of the first broadcasting station of Paraíba already looks like as a promising enterprise for the city and the state, at least on the discusses of *Diário da Borborema*, responsible for the creation of a modern imaginary about the new attempt. For this, we go trough the years of 1961, when the project was being announced in printed newspaper, and 1965, when TV Borborema had already two years of experimental transmissions, on the brink of official institution. Using relates of memories of some ex-professionals and people from Campina Grande, which had lived the arrival of television to the city as telespectors, we try to (re)built some experiences with the act of doing television on its first years in city. We also try to discuss the reception of TV Borborema by the people from Campina Grande and how this contributed for the creation of a local televisive identity.

Key words: Modernity; Memory; Televisive identity.

## AGRADECIMENTOS

Desde o início desta caminhada, em meio a escolhas difíceis e alguns obstáculos contei com o apoio e a confiança de muitas pessoas que me foram fundamentais para chegar ao final do percurso com menos pesar e com muito mais prazer. Registro aqui os meus agradecimentos especiais a todos que contribuíram com essa minha investida...

Aos meus pais, Iratan e Vaudete que sempre estiveram torcendo pelo sucesso dos seus filhos e sonharam junto com cada um na realização seus objetivos. A vocês todo o meu apreço e admiração.

Aos meus irmãos: Simone, Saulo, Breno, Amanda e cunhados, Renata e Dayan, os meus sinceros agradecimentos pela compreensão dos meus muitos momentos de ausência e distância.

À professora Elizabeth Christina que muito carinhosamente me acolheu desde o início com sua calma, paciência e muita competência. Agradeço de coração pelo incentivo, pela presença constante nessa caminhada, pelo apoio e confiança que me prestou desde o nosso primeiro contato...obrigada pelos muitos ensinamentos como profissional e como pessoa.

Aos professores do mestrado (Antônio Clarindo, José Otávio, Gervácio Aranha, Roberval Santiago, Marinalva Vilar, Iranilson Buriti, Alarcon Agra, Osmar Luiz, Maria Lucinete) e colegas (Ana Paula, Daniel, Daniela, Fernanda, Giulianne, Helmara, Herry, José do Egito, José Júnior, Lincon, Cláudia, Isabel, Paula, Pávula e Roseane) os quais dividimos leituras, conhecimentos, momentos de tensões, mas também, de descontrações e muito aprendizado.

Aos amigos de trabalho (Ada, Flaubert, Fábio) que muitas vezes foram sensíveis as minhas faltas e distrações.

A todos os meus amigos e amigas que estiveram sempre na torcida mesmo aqueles mais distantes que nunca deixaram de se fazerem presentes com alguma palavra de apoio e incentivo. Registro aqui os meus agradecimentos a Fernando Millani, Stéllio Mendes, José Sankárshana, Raphaela Oliveira, Zélio Sales, Sérgio Ricardo.

As minhas amigas Paula, Cláudia, Fernanda que dividiram comigo as dúvidas, incertezas, alegrias, tristezas e satisfações da realização deste trabalho. Obrigada pela atenção e pelas muitas conversas e risos...

Finalmente aos meus grandes colaboradores depoentes que me foram tão receptivos e gentis. Juntos, revisitamos suas memórias, alicerce primordial para a versão dessa nossa história. Meus sinceros agradecimentos aos senhores Assis Felix, Duduta, Mário Araújo,



Gervácio Aranha, Antônio Lucena, Ivo Rodrigues, Joel Carlos, Eraldo César, Edilson Alves e Rômulo Azevedo e as senhoras Graziela Emerenciano e Clotilde Tavares.

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
1. Cidades e as Tramas do moderno .....	22
1.1. Discursos que (des)constroem cidades .....	23
1.2. Algumas considerações sobre a TV: história e perspectivas desse meio de comunicação .....	31
<b>CAPÍTULO 1</b>	
2. E se fez a imagem: a chegada da TV em Campina Grande .....	43
2.1. Com quantos sonhos se faz uma TV: relações de saber e poder .....	47
2.2. Jornal impresso e TV: uma parceria em nome de um projeto.....	51
2.3. Os primeiros passos da TV Borborema.....	59
<b>CAPÍTULO 3</b>	
3. As experiências com o fazer televisão em Campina Grande .....	64
3.1. “mil maneiras de ‘fazer com’”: a arte do improvisado na TV.....	66
3.2. A TV Borborema: encantamentos e conflitos.....	80
3.3. Um lugar que seduz: câmaras que despertam sonhos.....	85
<b>CAPÍTULO 4</b>	
4. Discursos e práticas que construíram a trajetória da TV Borborema.....	91
4.1. “A magia da imagem”: recepção da primeira emissora junto aos campinenses.....	93
4.2. - O “televizinho” em Campina Grande.....	97
4.3. Idéias e antenas que “capturam” telespectadores: popularização e expansão da TV Borborema.....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo narrar sobre as experiências e as vivências de alguns campinenses que assistiram à chegada de sua primeira emissora de televisão, a TV Borborema – Canal 3. Esta teve a sua estréia na cidade mais precisamente no ano de 1963, quando entrou na sua fase experimental, mas, desde o ano de 1961, sua chegada já se fazia anunciar em um dos jornais impressos da cidade. Referimos-nos ao Diário da Borborema, veículo de comunicação que fazia parte do Grupo dos Associados de Assis Chateaubriand, mesmo grupo responsável pelo investimento e instituição da emissora em Campina.

Nessa perspectiva, buscaremos analisar a instituição desse veículo de comunicação através das transformações que este trouxe para a cidade, no sentido de imprimir mais um novo ritmo ao cotidiano das pessoas. Partimos, então, de uma análise mais crítica dos discursos oficiais que no início da década de 1960 tentavam impor uma recepção positiva dessa nova investida tecnológica em Campina Grande. Mas, tentaremos ir ainda mais longe, construir, através de depoimentos de alguns campinenses que vivenciaram a chegada da emissora, uma história mediada pelas suas múltiplas experiências que nos darão subsídios para traçarmos uma trajetória inscrita em meio às práticas cotidianas dos cidadãos, telespectadores, que se encantaram com a novidade e, mesmo sem ter condição de adquirir um aparelho, procuraram de muitas maneiras estar em contato com aquela “caixa mágica”; bem como, de pessoas que se apaixonaram pelo trabalho na TV, os ex-profissionais, que a partir das suas experiências na frente da câmara desenvolveram um sentimento de identidade e satisfação com o “fazer televisão” e que tiveram sonhos e expectativas aguçados pela nova tecnologia .

Para tanto, gostaríamos de estabelecer dois aspectos com os quais nosso trabalho está diretamente relacionado. O primeiro diz respeito ao “novo” a que vamos nos referir ao longo do texto, pois em se tratando de televisão, desde a sua invenção, ela apresenta uma trajetória de muitas inovações tecnológicas, o que traz também mudanças na sociedade; foi assim não só com a sua implantação no Brasil e, conseqüentemente, nas cidades brasileiras onde era implantada, mas também, com as transmissões coloridas, bem como se especulam mais transformações com a era da TV digital interativa. Logo, o nosso “novo” remete ao contexto histórico da sua chegada à cidade, 13 anos após a sua implantação no país, portanto se constituía ainda como uma novidade tecnológica avançada que despertava a curiosidade de muitos brasileiros que só tinham conhecimento desta através “do ouvir falar”. Esse “novo”

vem pautado pelo discurso de modernidade e progresso que tanto foi estampado no jornal da cidade como algo que daria destaque a Campina Grande dentre muitas capitais brasileiras. Assim, o novo nesse contexto está atrelado a mais um aparato tecnológico visto como símbolo do moderno, que ao chegar a Campina Grande reforça o discurso de uma cidade com ares progressistas. O segundo aspecto diz respeito à televisão de caráter massivo, aquela a qual todos podem ter acesso e que começou a se definir desde a sua implantação no país na década de 1950 e que apesar de todas as dificuldades no seu início já demonstrava sua intenção e potencial à massificação. Hoje, ela também assume outras dimensões que a torna restrita a um pequeno grupo da sociedade, como, por exemplo, a TV por assinatura. Nosso foco aqui será para aquele veículo que surgiu ainda sem uma audiência considerável, por se constituir em seus primórdios como um objeto de consumo muito caro, mas que já se apresentava como um veículo de comunicação que ganharia rapidamente uma acentuada característica popular. Esta sim nos interessa mais por ter sido apropriada e consumida pelos campinenses que dividiram as mesmas programações, os mesmos sonhos, decepções, encantamentos propagados por aquele “eletrodoméstico luminoso” que foi tomando conta das salas das casas de muitos campinenses e os envolvendo cada vez mais no momento da chegada da sua primeira emissora.

Pensamos que a chegada da primeira emissora impulsionou a curiosidade dos campinenses pela tecnologia da televisão. Alguns já possuíam o aparelho receptor que captava imagem de emissoras de outros estados como da TV Tupi de São Paulo e das TVs Jornal do Comércio e TV Rádio Clube do Recife, mas a chegada da TV Borborema despertou na população o desejo de consumo por aquele novo meio de comunicação. Podemos afirmar que foi a partir da inauguração desta na cidade que Campina Grande começou a desenvolver uma cultura televisiva local.

Nosso recorte temporal e espacial será a década de 1960, mais precisamente 1960 a 1965, pois abrange as investidas das elites locais para a implantação da emissora, a sua adaptação à realidade da cidade com a fase experimental, e finalmente a sua instituição definitiva. Nesse período, a TV Borborema teve uma total autonomia para a produção de toda uma programação, pensamos, nesse sentido, que isso foi fundamental para a criação de uma identificação do campinense com este veículo de comunicação. A partir de 1965, a criação das redes televisivas fez com que as programações locais perdessem autonomia e a partir daí a era da televisão entra em outra fase, mediada por novas leis políticas regulamentadoras, bem como, entrou na era das transmissões em rede em que as emissoras dos grandes centros passaram a ditar o ritmo das programações televisivas das suas afiliadas. Pensamos assim que

o período por nós estudado nos possibilita criar uma narrativa de uma emissora local com uma identidade própria, carregada de sonhos e idealismo entre os envolvidos neste projeto.

O recorte espacial será o espaço urbano, visto que a televisão nos seus primeiros momentos estava exclusivamente associada às cidades devido às condições estruturais que estas já dispunham, mesmo que ainda precárias, para subsidiar tal empreendimento, como por exemplo, o abastecimento de luz elétrica.

Nesse sentido, a nossa narrativa será pautada dentro de outra discussão, a de cidades, pois é a partir do espaço urbano que nos propomos a entender as mudanças sociais e culturais que a televisão proporcionou aos campinenses, e não só, mas por ter tido os seus primeiros anos de experiências associadas à urbe e das suas perspectivas políticas responsáveis pelos muitos projetos modernizadores desses espaços. É neste cenário que se desenrolaram múltiplas relações sociais que inspiraram as tramas da nossa narrativa. Auxiliaram-nos aqui trabalhos como os de Michel de Certeau (1994), Roger Chartier (1998), Nicolau Sevcenko (1998), Sandra Jatahy Pesavento (2005), Maria Estella Bresciani (1991), Fábio Gutemberg Ramos de Sousa (2006) e Antônio Clarindo Barbosa de Souza (2002).

Como o nosso objeto de estudo é um meio de comunicação, não poderíamos abrir mão de estabelecermos um diálogo com teóricos dessa área, mas precisamente os que trabalham com mídia televisiva. Aqui demos prioridade às discussões sobre mídia – conceito associado ao de modernidade – como também às discussões sobre meios de comunicação de massa. Para tanto, recorreremos a autores como John B. Thompson (1998), Douglas Kelner (2001), Giovanni Sartori (2001) e Esther Hamburger (1998).

Para construirmos a nossa representação sobre a chegada da primeira emissora de televisão na cidade de Campina Grande, apelamos para a produção das nossas fontes de investigação, e assim recorreremos aos depoimentos orais. A História Oral foi o procedimento metodológico adotado por nós para tal empreitada, também lançamos mão do arquivo do Diário da Borborema, mais precisamente da década de 1960, no qual está explícito o apelo de certos grupos de campinenses em apoiar a implantação da emissora na cidade de Campina Grande como uma forma de atender aos seus interesses políticos e econômicos. Foi a partir dos discursos do jornal Diário da Borborema que investigamos como esse grupo ajudou a criar um imaginário de uma cidade progressista no momento em que esta recebia mais um símbolo de representação da modernidade.

Pensamos que um trabalho como este, com uma temática ainda pouco abordada dentro do campo da historiografia, nos faz esbarrar em algumas dificuldades. A mídia televisiva ocupa espaço privilegiado nos estudos sociológicos, nas abordagens dos comunicólogos e nos

registros dos memorialistas, e mesmo estes trabalhos são muito escassos, logo, as fontes de diálogo para quem quer enveredar por essa temática são quase inexistentes. Sem contar que registros audiovisuais praticamente não existem, pois, nos primeiros anos das transmissões televisivas no país, não existia o VT, tecnologia que permite a gravação das programações, logo, muitas cenas, imagens desses programas foram “registrados” apenas pela memória dos que vivenciaram tais experiências. Seguindo por essa alternativa, não hesitamos em procurar os antigos profissionais da TV Borborema, aqueles que participaram da sua fundação e contribuíram para a sua instituição definitiva, mesmo correndo o risco de nos depararmos com relatos legitimadores de uma memória predominantemente oficial; mas todo trabalho tem seus riscos, e nós arriscamos. O que para nós pode fazer a diferença é o trato que daremos a essas fontes, de como nos apropriaremos delas a partir do nosso lugar de historiadora. Assim, seguimos por uma (re) significação daquela história.

## CAMINHOS DA PESQUISA

O nosso ofício de historiador está pautado no trato com as fontes de investigação. São elas quem nos dão embasamento para criarmos mais uma representação de um determinado período histórico. Essas fontes, que ao longo do tempo foram se alargando, na contemporaneidade se apresentam como um campo vasto de possibilidades para o nosso trabalho. Graças a esse alargamento podemos nos apropriar da oralidade para desenvolver a nossa escrita, mas não de uma forma arbitrária, antes buscamos estabelecer um lugar de discussão com alguns autores que discorrem sobre a História Oral como um caminho para se fazer história. Compartilhamos aqui da ideia de que

a história interessou-se pela “oralidade” na medida em que ela permitiu obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas e novas<sup>1</sup>.

Ela partiu do campo antropológico e ganhou relevância em outras áreas das ciências humanas e assim permitiu não só outros espaços para as produções historiográficas, como

---

<sup>1</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaina e MORAES Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 25.

também um diálogo mais interdisciplinar com outros campos do saber, tais como a antropologia.

Hoje, a História Oral é bastante recorrente como um processo metodológico para a produção do conhecimento histórico. Ela consiste na produção de fontes de pesquisa que fornecerão caminhos para apreendermos a História em suas muitas facetas. Assim como a define Lucília Delgado Neves (2006):

A História Oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas facetas e dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.<sup>2</sup>

Esse procedimento metodológico nos parece propício na elaboração de um conhecimento do chamado tempo presente, entendido aqui como o define a autora “tempo ainda envolto por emoções recentes traduzidas de maneiras muito marcantes nas falas, nas omissões, nos silêncios e nos lapsos de cada depoente”<sup>3</sup>.

O depoimento das testemunhas oculares torna-se um lugar de descobertas e de percepções diversas a respeito de um tempo vivido e experienciado por quem relata suas vidas, estas envoltas em sensibilidades que submergem junto às lembranças memoradas de um determinado tempo e espaço. O que é o depoente senão alguém que deposita no seu esforço de trazer à tona suas vivências, uma performance que deixa transparecer suas sensibilidades, emoções, bem como, sua capacidade e inteligência de reelaborá-las? Tudo isso expresso na “arte da voz” acompanhada de gestos, músculos, respiração... e imaginação.

Nossa intenção foi tomar como ponto de partida para nossa viagem no tempo as recordações advindas de personagens que foram buscar num passado recente suas histórias de vida relacionadas a uma determinada experiência, e que através das suas recordações criaram para nós imagens de práticas e relações de proximidade, identidade, reconhecimento ou até mesmo de afastamento e negação. Acreditamos que as novas experiências vivenciadas pelos sujeitos em um determinado espaço temporal proporcionam lugares não só de encantamento, mas também de repulsa. São múltiplas as identidades construídas a partir das relações humanas no seu tempo e espaço.

---

<sup>2</sup> DELGADO, Lucília Neves. In: **História Oral** – memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 15.

<sup>3</sup> Idem. p. 30.

A oralidade, como algo indissociável da história oral, tem em sua essência uma recorrência constante à memória. O sujeito que revisita suas experiências de outrora imprime nesta um conjunto de dimensões temporais que se entrecruzam; seriam elas, o tempo individual (vida privada) e o tempo coletivo (social). Essas lembranças rememoradas nos fornecem pequenos fragmentos, que ao costurarmos formarão uma colcha de retalhos resultado desse intercruzamento dos estímulos externos com o ato de buscar memórias de um tempo vivido que traz à tona um passado revisitado, reapropriado, reelaborado pelo sujeito que o recorda. O depoente torna-se, assim, alguém dinâmico capaz de mover-se pelos muitos tempos que compõem a sua existência. Segundo Lucília Neves Delgado (2006),

história, tempo, memória são processos interligados. Todavia o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História visto que se nutre de lembranças de família, de músicas e filmes do passado, de tradições de histórias escutadas e registradas.<sup>4</sup>

Pensamos, assim, que lembranças rememoradas pelos indivíduos, ao relatar suas experiências, estabelecem uma relação entre o passado e o presente, esta é (a memória) “inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos” e é assim que estas nos colocam em sintonia com a continuidade do tempo. Ao se referir à memória, Paul Zumthor (1993) revela: “de fato, ela envolve toda a existência, penetra o vivido e mantém o presente na continuidade dos discursos humanos”<sup>5</sup>; e, nesse sentido, a memória assume um caráter político, ao propiciar esse diálogo entre esses dois tempos, e também por se constituir interessada, fluida. Através dessas reminiscências, que se pretendem relatos de episódios localizados em espaços temporal, temos uma associação da experiência individual e das experiências coletivas, o que nos dá uma concepção social da prática da história oral, como afirma Lucília Delgado (2006) “a relação memória e História é também relação memória coletiva e individual, sempre entrelaçadas e quase sempre dotadas de poder: poder de esquecer, de lembrar, de omitir, de silenciar”<sup>6</sup>. É aí que se anuncia mais expressivamente o seu caráter político.

Assim, a memória é o lugar do esfacelamento, do residual que nos fornece o sentimento da continuidade com o passado. É através dos fragmentos que buscamos uma

---

<sup>4</sup>DELGADO, Lucília Neves. In: **História Oral – memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 17.

<sup>5</sup>ZUMTHOR, Paul. In: **A Letra e a Voz – A literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>6</sup>DELGADO, Lucília Neves. In: **História Oral – memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 31.



interação com um tempo vivido e que nos chegam em migalhas a partir de uma lembrança aqui outra lembrança ali... “há locais de memória por que não há mais meios de memória”<sup>7</sup>.

Partimos do pressuposto de que “tempo e espaço tem na memória sua salvação”<sup>8</sup>. Lançamos mão dessa memória para a criação da nossa narrativa, que nos levou a uma reelaboração das muitas experiências vivenciadas pelos campinenses na primeira metade da década de 1960 como um novo aparato tecnológico. A memória, daqueles que vivenciaram as primeiras produções, criações e transmissões das programações televisivas locais, serviu de lugar de diálogo do qual nos apropriamos para criarmos a nossa representação sobre as primeiras experiências de transmissões televisivas da/cidade. “A memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente”. Foi esta memória que deu inteligibilidade ao nosso texto, à nossa escrita.

Falas e significados presentes nos deram suporte para a criação da nossa história a respeito de um período da mídia televisiva na cidade de Campina Grande. A implantação da primeira emissora constitui-se como “foco temático” da pesquisa. Segundo Alessandro Portelli (1981), é este foco uma exigência epistemológica e prática da história oral que, diferentemente das outras disciplinas que se utilizam igualmente da entrevista e do trabalho de campo, tem nele uma possibilidade da “combinação entre a prevalência da forma narrativa, de um lado, e a pesquisa por uma conexão entre biografia e história, entre experiência individual e as transformações da sociedade, por outro”<sup>9</sup>. Seria aí que residiria a singularidade da história oral com relação às demais disciplinas.

Através da realização de entrevistas, investimos na busca de relatos de pessoas comuns (telespectadores), bem como de pessoas diretamente ligadas àquele veículo de comunicação no momento da sua implantação, os quais nos possibilitaram outra alternativa para nos apropriarmos da experiência a nós relatada, até então, pelo discurso oficial como algo singular para uma cidade do porte de Campina Grande, motivando ainda mais o discurso de progresso e modernidade que marcavam as falas das elites locais.

A partir dos relatos orais de memória das pessoas que vivenciaram tal experiência, participando ativamente como produtores, apresentadores, assistentes ou apenas como telespectadores, nos foi oferecida mais uma possibilidade de análise sobre aquele momento

<sup>7</sup> NORRA, Pierre. In: *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História: revista do Programa de pós-graduados em História do departamento de História da Pontifícia Católica de São Paulo, nº 10, São Paulo: EDUC, 1981.

<sup>8</sup> DELGADO, Lucília Neves. In: *História Oral – memória, tempo, identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 37.

<sup>9</sup> PORTELLI, Alessandro. In: *História Oral como gênero*. Projeto História: revista do Programa de pós-graduados em História do departamento de História da Pontifícia Católica de São Paulo. Nº 22, São Paulo: EDUC, 1981.

que se distancia, ou pelo menos acreditamos se distanciar, dos discursos oficiais dos jornais da época, mais especificamente o Diário da Borborema. Nesse sentido, as entrevistas foram tomadas por nós como mais uma possibilidade de interpretação daquela época, mesmo que não tenhamos aberto mão da comparação e cruzamento com outras fontes, pois entendemos que, seguindo esse caminho

(...) ampliaremos o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações<sup>10</sup>.

Assim, nossa “aventura” deu-se no sentido de revelar lembranças, reminiscências, dessas pessoas que vivenciaram a chegada da primeira emissora de TV à cidade. Que sonhos, alegrias, frustrações, perspectivas, medos, angústias, desafios esse encontro e relação com um novo veículo de comunicação, que inaugurava uma nova era tecnológica de transmissão de som e imagem, proporcionaram aos moradores da cidade de Campina Grande? Versões dos moradores, telespectadores e ex-funcionários da época nos interessaram mais; suas histórias, anedotas e imaginação guiaram-nos por vestígios do passado.

Entendemos que o trabalho com a memória requer um cuidado minucioso, pois esta ao ser estimulada, obedece sempre a um contexto presente que acaba por filtrar lembranças, ao mesmo tempo, em que a imaginação do depoente cria outras lembranças envoltas de experiências posteriores daquela investigada pelo trabalho. É nesse sentido que tomamos a memória como algo seletivo e fluido. Sabemos que, ao falar das suas experiências com as primeiras transmissões televisivas na cidade de Campina Grande, os nossos depoentes (ex-profissionais, primeiros telespectadores) buscaram enfatizar as suas práticas mais marcantes, aquilo que eles achavam que tinha relevância para registro. Do mesmo modo que suas falas deixaram transparecer seus lugares sociais, suas posições hierárquicas dentro da emissora, seus interesses com relação à empresa, no caso dos funcionários. Com relação aos telespectadores, as falas deixaram transparecer também os lugares sociais da época e o atual, pois muitos deles eram de uma camada social que não tinha recursos para possuir um televisor, constituindo, assim, a categoria de “televizinhos”. Hoje, possuindo algum *status*

---

<sup>10</sup>ALBERTINI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

dentro da sociedade ou até mesmo uma condição melhor que aquela da infância e adolescência, falaram com um saudosismo e entusiasmo das suas experiências como um “invasor da privacidade alheia”. Para muitos, se tornou até engraçado aquela prática corriqueira da época.

Como forma de buscar nossas fontes orais, estabelecemos alguns critérios para tal escolha. Optamos em trabalhar tanto com pessoas que desenvolveram atividades, junto àquele veículo (apresentadores, produtores, técnicos), pessoas estas que participaram diretamente das primeiras experiências com o fazer televisão na cidade, bem como com pessoas que vivenciaram aquela experiência, sendo os primeiros telespectadores daquela que foi a primeira emissora de televisão campinense. Assim, participaram da nossa investida doze pessoas, entre elas: sete, que classificamos como ex-profissionais, e cinco que classificamos como telespectadores. Estes responderam a um roteiro de questões semi-estruturadas – um específico aos ex-profissionais e o outro aos telespectadores – que os direcionaram a abordar a temática da chegada da primeira emissora de televisão na cidade, assim puderam falar das suas vivências com aquele novo veículo de comunicação que se implantava na cidade nos anos 60. Em alguns momentos, as entrevistas se cruzam, assim pudemos ter uma visão dos ex-profissionais também como telespectadores.

Para se chegar até os nossos entrevistados, recorremos a alguns conhecidos que trabalham na área da comunicação da cidade como forma de obter alguns nomes que participaram da fundação da emissora. Amigos (Joel Rufino, Verônica Oliveira) e professores da UEPB (Luís Custódio) e da UFCG (Antônio Clarindo, Elizabeth Christina) também forneceram contatos e informações de algumas pessoas que podiam colaborar com suas falas. Muitos nomes foram acrescidos à nossa lista, mas muitos destes sem nenhum tipo de contato para chegarmos até eles; alguns não mais residentes na cidade. Assim, partimos para encontrar, através de telefones fornecidos pelos nossos colaboradores, ou até mesmo indo até ao Calçadão localizado no centro da cidade, ponto de encontro dos moradores mais velhos da cidade, alguns dos nossos entrevistados. Da nossa lista conseguimos localizar quinze nomes, mas destes, quatro não puderam colaborar.

Nossas entrevistas contaram com alguns materiais que nos auxiliaram. Além dos roteiros de entrevistas semi-estruturados, também lançamos mão de um gravador cassete e um gravador MP4 que foram de extrema importância para o registro daquelas falas que se constituíram como fontes imprescindíveis ao traçado das linhas que compõem esse texto.

Depois de uma busca cansativa por nossos depoentes e de todo o processo de gravação e transcrição das falas, partimos para o processo de colagem das entrevistas<sup>11</sup>, o que definiria os caminhos a serem percorridos para a construção do texto. Entre conversas, leituras, encontros de orientação, dúvidas, momentos de reflexão, nosso texto ia ganhando seus primeiros traçados. Mais conversas, encontros, acréscimos de leituras, banca de qualificação, mais entrevistas, muitas dúvidas e algumas escolhas difíceis, mas que foram fundamentais para chegarmos a uma: a nossa representação de uma fase da história da mídia televisiva na cidade de Campina Grande.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo – **Cidades e as tramas do moderno** – dialogamos com algumas leituras que discorrem sobre os estudos de cidades dentro das produções historiográficas, tentando perceber como estes espaços foram apreendidos em vários momentos por campos de saberes diversificados. Nossa intenção foi discutir o nosso objeto a partir das relações que se desenrolaram especificamente dentro do espaço urbano de Campina Grande e como ele também refletiu o discurso de modernidade proferido por determinados grupos citadinos. Nesse capítulo realizamos também uma discussão sobre mídia, pois é notório que não podemos nos distanciar destas por estarmos comprometidos com um objeto de estudo que se constitui como um mecanismo midiático.

No segundo capítulo – **“E se fez a imagem”**: a chegada da TV em Campina Grande – procuramos discorrer um pouco sobre o projeto de implantação da televisão no Brasil, sem perder de vista os interesses econômicos e, principalmente, políticos que rodearam tal projeto, pois estes também estiveram presentes na realização do projeto local. Tentamos, ainda, entender o contexto político e econômico de Campina Grande no momento da chegada da sua primeira emissora de TV e como foram dados os primeiros passos no sentido de possibilitar as primeiras transmissões televisivas na cidade.

No terceiro capítulo – **Experiências com o fazer televisão em Campina Grande** – discorreremos a respeito das primeiras experiências televisivas a partir da implantação da TV Borborema. Traçamos também um perfil de alguns dos programas locais produzidos na época, sem abrir mão de discutirmos um pouco sobre os conflitos e perspectivas que experienciaram os primeiros profissionais do meio, como também dos seus primeiros telespectadores.

---

<sup>11</sup> O processo de colagem das entrevistas reside na atividade de seleção de todas as falas dos depoentes, segundo as questões elaboradas; em seguida essas respostas ajudam na composição das questões a serem trabalhadas ao longo da dissertação.

No quarto e último capítulo – **Discursos e práticas que construíram a trajetória da TV Borborema** – tratamos de algumas práticas que foram se definindo a partir da instituição da primeira emissora de TV em Campina Grande. Assim, tentamos evidenciar algumas apropriações dos moradores da cidade da época com relação àquele novo aparato tecnológico e como ele foi definindo novos códigos de sociabilidade e se propondo como um novo meio de diversão e entretenimento.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos os resultados a que chegamos, acreditando que estamos traçando apenas uma leitura possível de nosso objeto de estudo, frente a tantas outras igualmente possíveis e nunca exclusivas.

“A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam”.

(Sandra Jatahy Pesavento)

## CAPÍTULO 1

### CIDADES E AS TRAMAS DO MODERNO

Para realizar a nossa leitura sobre a chegada da TV Borborema, privilegiamos, sobremaneira, o espaço urbano, pois trataremos aqui de um aparato tecnológico que se constituiu a partir dos discursos dominantes como algo moderno e que despertou o sonho e o encantamento de muitos campinenses. A televisão, nos idos da década de 1960, já começava a fazer parte da realidade de muitas cidades brasileiras e possuir, participar desta novidade era algo espetacular, inovador, inusitado, espantoso.

Os discursos de modernidade e progresso, que mediaram muitas práticas de figuras políticas e profissionais, tais como governantes, engenheiros, médicos, urbanistas, que resolveram através de seus campos de saber impor suas concepções de limpeza, salubridade, organização e beleza, estão atrelados ao espaço urbano; assim como os mecanismos tecnológicos que impuseram novos ritmos à vida cotidiana dos indivíduos, são experienciados primeiro nas cidades o bonde, o automóvel, o cinema... Dessa forma, esses espaços passam por transformações no que diz respeito a sua própria dinâmica expressa nos novos modos dos seus habitantes se portarem diante de tais mudanças. Nesse sentido, novos códigos de comportamentos são apropriados, novas sociabilidades são criadas, novas sensibilidades são despertadas nos cidadãos que passam a interagir de múltiplas maneiras com o seu espaço e com os outros, mesmo que essas interações se processem ora de forma harmoniosa, ora de forma conflituosa.

A chegada da TV nos centros urbanos também impulsionou os discursos de modernidade, pois a televisão inaugurava uma nova linguagem nas comunicações tendo por base uma tecnologia avançada para os padrões dos meios de comunicação de massa que se tinha até então.

Para tanto, nos cabe discutirmos um pouco sobre a própria noção de cidades como um espaço e um objeto de estudo, principalmente, no campo historiográfico, que busca estudá-las tentando perceber as relações entre as suas transformações espaciais e as apropriações feitas por seus habitantes.

## 1.1 – DISCURSOS QUE (DES) CONSTROEM CIDADES

A cidade se constitui hoje, dentro da chamada Nova História Cultural, como um campo de discussão bastante amplo, e é a partir desse campo que podemos problematizar, através de múltiplos aspectos diretamente ligados ao espaço urbano, os vários discursos que instituem a cidade.

As cidades, desde suas origens, já se constituíam como um *locus* de observação pela dinâmica que o próprio espaço passa a dispor, em decorrência de suas características singulares impostas aos seus habitantes. Assim formula Sandra Jatahy Pesavento (2007):

(...) a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam.<sup>12</sup>

Como chama atenção a autora, as cidades sempre foram foco de discussão, mesmo que estas discussões estivessem atreladas ao seu tempo e a determinados interesses de pensá-las e atribuí-las muitas formas de representação. Mas na contemporaneidade as formas de pensar as cidades ganharam novos caminhos e abriram um leque de enfoques que fogem àquela lógica de apreensão do que se convencionou chamar de urbes, como um mero *locus* privilegiado de alguns outros lugares de saber que pensavam essa cidade sem uma visão mais crítica. Dentro desse aspecto, podemos destacar a própria história política de viés mais tradicional que escrevia a história de determinado espaço urbano destacando seus aspectos mais qualitativos e quantitativos, com atenção voltada a nomes e fatos que marcaram as transformações urbanísticas, ou até mesmo, a partir do viés de uma história econômico-social que pensava a urbe dentro da discussão do materialismo histórico, sendo assim a cidade um cenário das lutas das classes sociais marcadas pela acumulação do capital – como afirma Sandra Pesavento (2007), isso graças às investidas da História Cultural que introduziu novos olhares e perspectivas aos estudos historiográficos sobre o espaço urbano:

---

<sup>12</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. V.27, nº 53, São Paulo, jan/jun. 2007, p. 1.



O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela História Cultural é que a cidade não é mais considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais.<sup>13</sup>

A cidade passa a ser vista como um lugar de múltiplas vivências e experiências que envolvem os mais diversos atores sociais que criam seus significados próprios a respeito da urbe e, mais do que isso, definem suas múltiplas formas de se apropriar e de consumir os diversos espaços que o seu habitat pode lhes oferecer. Assim, concordamos com Fábio Gutemberg Ramos Barbosa de Sousa (2006), ao afirmar que “a cidade passou a ser compreendida também enquanto um lugar de muitas vidas, tensas e alegres vidas...”<sup>14</sup>.

Pensar a cidade é também pensar as relações sociais que se desenvolvem todos os dias nos seus espaços públicos, nos seus bairros, vielas, ruas, logradouros... São essas relações que dão a dimensão das muitas cidades que se configuram num só espaço físico e nos revelam olhares e vivências diversas daqueles corpos que habitam, transitam por aquele espaço coletivo e singular. Ainda segundo Pesavento (2007):

A cidade, na sua compreensão é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos, festas, comportamentos e hábitos.<sup>15</sup>

Nesse sentido, tentaremos pensar as representações de alguns cidadãos de Campina Grande a partir do anúncio da implantação da sua primeira emissora de TV, o que se efetivou ainda nos inícios da década de 1960. Os discursos dominantes ajudaram a criar todo um imaginário que permeou a chegada desse aparato tecnológico como mais um símbolo do progresso e da modernidade. Para a cidade de Campina Grande, como era anunciado em veículos de informação como o Diário da Borborema, a chegada da emissora de TV era um acontecimento que a colocaria à frente, até mesmo de muitas capitais que ainda não possuíam tal aparato tecnológico de comunicação. Podemos pensar, nesse caso, que a noção de uma cidade progressista partiu de um lugar de interesse, obedecendo a uma lógica de determinado

---

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. In. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. V.27, nº 53, São Paulo, jan/jun. 2007, p. 3.

<sup>14</sup> SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. In. **Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFPG, 2006, p. 40.

<sup>15</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. In. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. V.27, nº 53, São Paulo, jan/jun. 2007, p. 3.

grupo social. Se tomarmos como base para elaboração desta pesquisa a concepção de cidade pensada por Sandra Jatahy Pesavento (2005), veremos que a cidade

(...) é objeto de muitos discursos, a revelar saberes específicos ou modalidades sensíveis de leitura do urbano: discursos médicos, políticos, urbanísticos, históricos, literários, poéticos, policiais, jurídicos, todos a empregarem metáforas para qualificar a cidade.<sup>16</sup>

Partindo desse pressuposto é que a cidade também é pensada e legitimada a partir de discursos dominantes, mesmo que de uma forma excludente e homogeneizadora. Entendemos que foi assim que os discursos jornalísticos dos inícios dos anos de 1960 passaram a legitimar uma imagem de Campina Grande, mediada pela idéia de progresso a partir do projeto de implantação da primeira emissora de TV do Estado. A primeira cidade do Estado da Paraíba a receber uma emissora de TV, passava a ser projetada como o orgulho do Estado e de todos os paraibanos. Manchetes como as descritas abaixo, corroboram nossa assertiva:

“VEM AÍ A TV BORBOREMA – CANAL 3. PARA O ORGULHO DE TODA A PARAÍBA”.<sup>17</sup>

“VEM AÍ A TV BORBOREMA – CANAL 3. UM EMPREENDIMENTO QUE AGRADECERÁ A PARAÍBA”.<sup>18</sup>

Tais discursos ajudam a legitimar a vontade de um grupo da elite de promover tal empreendimento na cidade. A vontade de poucos é colocada, a partir dos discursos jornalísticos, como a vontade dos campinenses e até mesmo dos paraibanos.

Campina Grande apresenta na sua trajetória vários momentos em que os discursos de modernização e progresso se fizeram presentes, marcando muitas transformações que a cidade vivenciou no que diz respeito à higienização, à urbanização, aos lugares de diversão. Referimos-nos, particularmente, a três momentos na história da cidade que foram investigados e analisados por pesquisadores locais: Giscard F. Agra (2005), Fábio Gutemberg Ramos Bezerra (2001) e Antônio Clarindo Barbosa Souza (2002). Entre outras características, os autores citados trabalham com os discursos das elites campinenses, que a partir de um saber

<sup>16</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. In. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2005, p. 80.

<sup>17</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 27/12/1961.

<sup>18</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 11/01/1962.

científico, impuseram certas práticas como uma forma de atender a um modelo de cidade moderna.

No trabalho de Giscard F. Agra, intitulado “A Urbes doente medicada: a higiene na construção de Campina G(g)rande, 1887 a 1935”, mostra que o discurso das elites locais a partir de um saber científico determinou que uma cidade moderna deveria ter um ar de limpeza, assim tornar-se-ia civilizada. Nesse sentido, a cidade passou a ser alvo de mudanças com reflexo no cotidiano dos seus moradores, principalmente dos grupos populares: “a cidade e seus moradores se tornaram corpos doentes a serem medicados em nome do progresso”<sup>19</sup>.

No trabalho de tese de Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa, intitulado “Cartografias e Imagem da Cidade: Campina Grande – 1920-1945”, mais precisamente no capítulo 4, os discursos das elites deixam transparecer suas visões de civilidade no momento que relacionam este a um projeto de urbanização onde a cidade passou a ser alvo de novas transformações em sua estrutura física que visava o seu embelezamento estético. As práticas do prefeito Werniaud Wanderley, legitimadas por um discurso modernizador e apoiado em alguns momentos por uma elite letrada, proporcionou, mesmo que de forma autoritária, o que causou muitas tensões entre os campinenses, novos contornos, novas feições à cidade de Campina Grande.

Também o trabalho de tese de Antônio Clarindo Barbosa Sousa, que tem como título “Lazeres permitidos, Prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)”, nos traz mais um período de investidas discursivas das elites locais. Na sua análise sobre os lugares de diversão e lazer na cidade de Campina Grande, nos períodos referidos, o autor detecta uma teia de discursos acerca de comportamentos que não condiziam mais com uma realidade de cidade civilizada. Os discursos eram uma tentativa constante de impor uma ordem às práticas e costumes dos campinenses que consumiam as suas ruas, praças, largos, clubes, cinemas, bares, cabarés, etc, para os seus momentos de diversão e lazer. Segundo o autor,

as críticas dos letrados da cidade aos ‘velhos’ costumes praticados por alguns dos seus conterrâneos, faziam parte dos discursos da modernidade que busca sempre afirmar o ‘novo’ sobre o ‘antigo’, não apenas no sentido de se opor teoricamente a ele, mas se possível, de destruí-lo ou

---

<sup>19</sup> AGRA, Giscard F. A Urbes doente medicada: a higiene na construção de Campina G(g)rande, 1877 a 1935. 1 Ed. Campina Grande: Gráfica Marcone, 2006, p. 12.

incorporá-lo à força aos novos hábitos e costumes impostos pelo desenvolvimento econômico, político ou cultural.<sup>20</sup>

Não por acaso nos referimos aos três trabalhos, pois seguindo uma cronologia linear, nos reportamos aos discursos de uma elite letrada que buscou sempre legitimar suas práticas através dos conhecimentos científicos e que por sua vez criaram, e criam, uma imagem de cidade ideal, limpa, civilizada, moderna, urbanizada e de “bons costumes”. Campina Grande é pensada por essa elite como uma cidade de tradição progressista, sempre ávida ao desenvolvimento e é nesse sentido que sempre se destacou como uma cidade propícia ao recebimento de muitos dos símbolos da modernidade, pelo menos para suas elites locais.

A chegada da televisão vem reafirmar mais uma vez esses discursos progressistas a respeito da cidade de Campina Grande. Na década de 1960, Campina Grande começava a viver uma fase de crise econômica devido à decadência das oligarquias algodoeiras, que décadas anteriores foram responsáveis pelo grande desenvolvimento da economia de Campina Grande, o que lhe deu outras feições urbanísticas e populacionais. Abria-se assim espaço para a propagação de novos discursos que vão de encontro àquela economia e política oligárquica tradicional até então dominante na cidade. Um grupo político passou a proferir, em seus discursos, projetos mais modernizadores em suas plataformas políticas para Campina Grande, baseada na investida da sua industrialização para a geração de emprego e desenvolvimento para os novos tempos que se anunciavam na cidade<sup>21</sup>.

Em geral, a cidade ganhou outro lugar de representação, mesmo que este partisse de olhares de determinados grupos que defendiam os seus interesses e estratégias de preparar a cidade para um novo empreendimento. Segundo Chartier (1988),

“(...) às representações do mundo social que à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*: UFPE, Recife, 2002 – Doutorado em História, p. 38.

<sup>21</sup> Sobre essa questão ver nessa dissertação o tópico: Com quantos sonhos se faz uma TV? Relações de poder e

Os discursos de determinados grupos de privilégio econômico e social da cidade passavam uma idéia homogênea de satisfação e da importância para os campinenses e paraibanos da implantação da primeira emissora na cidade. Esta, nesse momento, estava sendo pensada pela “elite” e para ela. Esses grupos privilegiados tentavam impor os seus discursos em defesa dos seus interesses políticos, econômicos, e para isso ressaltavam os seus valores e visão de mundo que perpassavam as suas posições de privilégios perante outros grupos sociais. Formula ainda Chartier (1988):

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por eles menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.<sup>23</sup>

Mas esse novo, por ser privilégio de poucos, foi consumido, de forma mais intensa, num primeiro momento, por uma pequena camada da sociedade que podia obter o artigo, que mesmo antes da chegada da primeira emissora, possuía televisores que recebiam transmissões vindas do Recife. Assim, para muitos, o acesso ficou restrito, principalmente, no que diz respeito aos moradores dos bairros mais populares, pois segundo relatos, em muitos desses bairros somente em uma única residência havia uma televisão. Para as facções mais populares da cidade, o acesso a esse novo aparato deu-se de forma paulatina, mesmo que estes, muitas vezes, buscassem estratégias para usufruir também da televisão. Tivemos assim a formação de novos espaços de sociabilidade marcados pela presença dos “televizinhos”, os populares recorriam às casas dos mais abastados para compartilhar daquela novidade que tanto vinha despertando a curiosidade dos campinenses e desfrutar de sua programação que surgia aos seus olhos como mágica. Como nos relata o senhor Gervácio Aranha, ao narrar o seu primeiro contato com a televisão;

Em 1965, ano em que cheguei à cidade, aos nove anos idade para morar no recém formado bairro de Nova Brasília, existia um único aparelho de TV (imagens da Tupi) num raio de três ou quatro quarteirões. Um único aparelho de TV entre as ruas Horácio de Sousa, Mirian Alves de Melo e Obdedon Licarião. Era na casa do Sr. Agenor, dono de uma construtora. Para nós era um homem rico, aquela era uma casa abastada. (Informações do Sr. Gervácio Batista Aranha)

---

<sup>23</sup> CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988, p. 17.

Os discursos jornalísticos apresentavam apenas a visão daqueles grupos sociais (comerciantes, políticos, industriais, profissionais liberais, etc) que já vinham se articulando em torno dessa investida. Nomes como Newton Rique, Hilton Mota, entre outros, foram os maiores promotores do empreendimento do então empresário das comunicações Assis Chateaubriand. Sendo assim, a visão a respeito desse novo meio de comunicação, bem como as expectativas ou até mesmo, as resistências de outros grupos sociais menos favorecidos, ficavam implícitos ou não obtinham nenhuma relevância nos meios de comunicação impressos. Mas acreditamos que aquela novidade embalava também a imaginação dos grupos populares que, através dos comentários nas ruas, dos boatos, criaram suas expectativas sobre a possibilidade de “visualidade do mundo inteiro que se tornaria potencialmente visível na casa de todos”<sup>24</sup>.

Um novo meio de entretenimento e diversão que poderia ser posto na sala de casa era, sem dúvida, uma novidade que despertava a atenção de todos, fosse para desacreditar, fosse para se surpreender. As expectativas eram sempre embaladas pelos muitos anúncios em revistas e jornais a respeito da televisão. Relata o Sr. Eraldo César sobre os seus primeiros conhecimentos a respeito do que era televisão:

Infelizmente eu comecei a tomar coca-cola nas páginas da revista *Life*, Americana, eu via a garrafa da coca-cola suada, gelada, e isso demorou muito a chegar no Brasil (a coca-cola) nós já consumíamos através do desejo e da vontade. O mesmo aconteceu com a televisão, a gente já consumia televisão sem ter televisão porque as notícias vinham de fora e faziam com que a gente aumentasse esse desejo. (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 12/04/08)

Parte daqui o nosso interesse em investigar as apropriações que os grupos ditos populares também fizeram dessa novidade tecnológica. Há de se acreditar em práticas e estratégias desses grupos em promover os seus acessos àquele aparato que se constituiu nos seus primórdios como um artigo de luxo e por isso inivável para alguns. Ainda como nos relata o senhor Gervácio Aranha:

(...) dezenas de pessoas entre crianças e adultos se dirigiam àquela que era considerada a melhor casa daquela área (última casa da rua Miriam Alves de Melo, bairro de Nova Brasília, na Zona Leste). Por nada no mundo queríamos perder aquelas imagens mágicas; por nada deste mundo

---

<sup>24</sup> SARTORI, Giovanni. *Homo Videns: televisão e pós-pensamento*, Bauru, SP: EDUSC, 2001, p.15.

deixávamos de acompanhar todas as noites a novela do horário nobre a saber, “Demian, o Justiceiro” (TV Tupi, com Ioná Magalhães e outros, isto em 1965). Sem dúvida uma tremenda invasão de privacidade na casa do Sr Agenor. Mas o que fazer (...)? (Informações do Sr. Gervácio Aranha)

Para além dos discursos de progresso e modernidade, fica-nos um outro lugar de questionamento que diz respeito às novas práticas e códigos instituídos no cotidiano dos campinenses a partir da chegada da primeira emissora de TV na cidade. Vamos ao encontro, aqui, de um caminho sugerido por Michel de Certeau (1994) que defende a existência de múltiplas maneiras de agir de diversos grupos sociais, mesmo que, para descobri-las, necessitemos lançar mão de uma investigação minuciosa, pois segundo o autor,

ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir.<sup>25</sup>

Seria esse o nosso ponto de partida para se chegar a outras formas de pensar a cidade, seguindo minúcias, vestígios das práticas, estratégias e táticas dos muitos grupos sociais que constituem o espaço urbano e que não são evidenciados nos discursos da elite, mas que experienciaram a chegada daquela que seria mais um símbolo do moderno na cidade e que vieram deixar explícitos para nós suas múltiplas vivências e apropriações.

A partir da chegada da TV na cidade buscamos construir uma narrativa que evidenciasse esses grupos como sujeitos históricos, fazedores do seu dia-a-dia. Partimos a desvendar outros caminhos que nos levaram a novos traçados dessa cidade, aqueles envoltos de perspectivas, anseios dos moradores citadinos dos mais variados grupos sociais. Passamos a vislumbrar a cidade aqui, fora daquela lógica global, que segundo Maria Estella Bresciani (1991), foi apropriada durante algum tempo pelos intelectuais e seus instrumentos de trabalho; compartilhamos da sua idéia quando afirma que a cidade esteja dividida em áreas subordinadas a lógicas diversas e assim

(...) as imagens plenas e as representações racionais se esgarçam e deixam entrever territórios, que podem ser espaços, meios geográficos, mas podem também levantar o véu racional que encobre as fugidas subjetividades. Podem ser espaços onde as múltiplas redes de

---

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1994.

sociabilidade se repetem, diferenciam-se, modificam-se em filamentos imponderáveis.<sup>26</sup>

Acreditamos que a cidade é um espaço múltiplo no momento em que é apropriada por seus moradores de diferentes maneiras. As formas de habitá-la estão diretamente associadas à percepção que cada ator social tem desse espaço e de tudo aquilo que o agrega.

A concepção sobre a chegada da primeira emissora de TV na cidade também se constituiu de várias formas e múltiplas idéias e visões a respeito desse símbolo moderno vêm expressas nas falas dos nossos depoentes que nos ajudaram a construir as próximas linhas dessa dissertação.

## 1.2 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TV COMO UM MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.

Para entendermos o impacto que a chegada da televisão e, particularmente, da repetidora TV Borborema promoveu na vida dos campinenses, necessário se faz problematizarmos um pouco sobre esse mecanismo de comunicação, bem como as dimensões culturais e sociais que este meio midiático instituiu nas sociedades contemporâneas. Começamos nossa “viagem” pela discussão mais geral sobre mídia.

Pensar em mídia hoje faz nos movermos por uma discussão complexa, mas de fundamental importância para entendermos esse fenômeno tão presente nas sociedades contemporâneas, auge do desenvolvimento dos meios de comunicação eletrônica. Não podemos voltar a nossa atenção para as múltiplas práticas das sociedades sem associá-las ao papel das mídias que ocupam um lugar primordial de interação social e cultural nessas sociedades.

Os meios midiáticos encontram-se na atualidade tão imbricados na vida cotidiana dos indivíduos que pensá-los como algo dicotômico como foi, e ainda é colocado por muitos teóricos denominados de “Apocalípticos” e “Integrados”<sup>27</sup>, já não se sustenta mais. A discussão, acreditamos, caminha para outro patamar que está para além do bem ou do mal dos meios midiáticos.

<sup>26</sup> BRESCIANI, Maria Estella Martins. *As sete portas da cidade*. Espaço e Debate, nº 34, NERU, 1991. p.13.

<sup>27</sup> Sobre isto Ver ECO, Humberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.



Podemos pensar, assim, numa ruptura com a teoria crítica fundada pela escola de Frankfurt<sup>28</sup>, pois esta promoveu uma bipolaridade da cultura vista como inferior e superior, havendo assim um privilégio de uma em detrimento da outra. A escola de Frankfurt assume, assim, posição parcial e unilateral da cultura midiática e por isso é questionada e reestruturada, hoje, por muitos autores. Como forma de superar algumas das suas limitações, Douglas Kellner (2001) aponta alguns caminhos, dentre os quais se faz necessário construir uma

análise mais concreta da economia política, da mídia e dos processos da produção da cultura; investigação mais empírica e histórica da construção da história da mídia e da sua interação com outras instituições sociais; mais estudos de recepção por parte do público e dos efeitos da mídia; incorporação de novas teorias e métodos culturais numa teoria crítica reconstruída da cultura e da mídia<sup>29</sup>.

Reconhecemos, assim, que a divisão binária empregada à produção cultural entrou em crise, o que nos permite compreender o campo midiático e, conseqüentemente, as suas produções como algo circular de interação entre as diferentes facções da sociedade que as recebem e se apropriam de múltiplas formas dessas produções de maneira a atender aos seus interesses, as suas práticas cotidianas, as suas realidades culturais.

É através desses aspectos que tentaremos discutir um pouco sobre esse campo e como ele se firma nas concepções de alguns autores que estudam a recepção e a influência dos meios midiáticos nas sociedades contemporâneas. Ou seja, assim como Thompson (1998), buscaremos caminhar por uma concepção da “mídia que ressalte a autonomia interpretativa do sujeito receptor de bens e produtos culturais”<sup>30</sup>.

Para Thompson (1998), o desenvolvimento das sociedades ditas modernas deve-se também ao avanço técnico dos meios de comunicação e ao seu impacto, visto que estes meios se entrelaçam de forma bastante complexa com outras formas de desenvolvimento que fundaram novas características institucionais dessas sociedades e por isso é crucial dar uma

---

<sup>28</sup> Os frankfurtianos foram os primeiros a localizar seus estudos dentro da perspectiva do fenômeno midiático. A partir de temas como: política, arte, música, literatura, vida cotidiana. Descobriram a crescente importância dos fenômenos da mídia e da cultura de mercado na formação do modo de vida contemporâneo. Ver POLISTCHUCK, Ilane & TRINTA, Aluizio Ramos. Modernidade e Meios de Comunicação. In: **Teoria da Comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003

<sup>29</sup> DOUGLAS, Kellner. **A Cultura da Mídia** – estudos culturais: identidade política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001, p.44

<sup>30</sup> THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.7.

atenção especial a esse avanço dos meios de comunicação. Para este autor, as transformações sociais e culturais promovidas pelos meios de comunicação podem ser observadas desde as mais remotas formas de impressão ainda no século XV, e assim, junto com o processo de invenção e renovações tecnológicas que beneficiou os meios de comunicação dando-lhe maior praticidade e visibilidade.

Defende ainda Thompson (1998), em seu livro “A Mídia e a Modernidade”, que ao pensar esse recorte histórico – a modernidade – numa perspectiva sócio-cultural, não se deve abrir mão de uma atenção especial ao desenvolvimento do fenômeno da mídia, pois esta, como já foi colocado, esteve imbricada de forma cada vez mais complexa nas relações humanas e institucionais que foram definindo o mundo dito moderno. Assim, Michel de Certeau (1994) também corrobora com a idéia de que o fenômeno midiático é causador de grandes transformações sociais e culturais e enfatiza: “o grande silêncio das coisas muda-se no seu contrário através da mídia. Ontem constituído em segredo, agora o real tagarela”<sup>31</sup>.

A comunicação é um processo natural entre os seres humanos, que bem antes da articulação da fala utilizava-se de diversas maneiras para a troca de informação entre os seus pares, que iam desde gestos à emissão de sons. Essas formas foram, cada vez mais, se aprimorando e facilitando, assim, o convívio entre os grupos humanos.

Com a invenção da escrita, finalmente, tivemos a primeira forma tecnológica de comunicação que também é classificada como o primeiro meio de comunicação mediada<sup>32</sup>. Esta constituía um outro lugar de trocas de informação diferente daquela mais convencional, a comunicação face a face, até então a forma predominante. A comunicação é, nesse sentido, caracterizada por Thompson (1998) “como um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos”<sup>33</sup>. Para este autor, com o aparecimento dos meios técnicos e, conseqüentemente, a sua instituição junto aos processos de comunicação, aparece também certo grau de fixação da forma simbólica, esta, segundo o autor, está diretamente relacionada ao meio responsável pela transmissão da mensagem:

Em virtude da capacidade de fixação, os meios técnicos podem armazenar informações ou conteúdo, e por isso são considerados como diferentes tipos de ‘mecanismos de armazenamentos de informação’ preparados, em

<sup>31</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994, p.286.

<sup>32</sup> THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

<sup>33</sup> Idem, p.25.

diferentes graus, para preservar informações ou conteúdos simbólicos e torná-los disponíveis para o uso subsequente.<sup>34</sup>

Outra característica significativa dos meios técnicos foi a sua capacidade de reprodutibilidade que começou com a utilização do pergaminho e do papel. A esse tipo de reprodução se dedicavam os escribas que ocupavam um tempo considerável para tal ofício, mas que detinham um grande poder, pois eram os detentores do saber, ou seja, de todas as informações que circulavam e se perpetuavam na época, e que eram controladas pelas autoridades religiosas e políticas que subordinavam estas ao seu controle. Com a invenção da imprensa, essa reprodutibilidade passou por um impacto profundo, a velocidade amparada por técnicas cada vez mais avançadas, junto com esse avanço vem também a intenção de se explorar essa área comercialmente. Segundo Thompson (1998),

o desenvolvimento das indústrias das mídias, isto é, das numerosas organizações que, desde a Idade Média até os nossos dias, têm se interessado pela exploração comercial das inovações técnicas, tornou possível a produção e a difusão generalizada das formas simbólicas.<sup>35</sup>

Hoje, mais que nunca, a indústria da mídia potencializou a valorização comercial das formas simbólicas, de maneira tal a se tornar onipresente de uma forma ou de outra no cotidiano dos indivíduos. Seja através dos meios mais clássicos da comunicação moderna, como jornais, revistas, panfletos, seja por meios mais sofisticados como rádio, televisão, computadores etc. A partir deste momento, com a difusão mais extensa dos produtos da mídia – esta vista por Thompson (1998) como grande difusora de bens simbólicos –, tornou-se um fenômeno social: “a ampliação da disponibilidade das formas simbólicas se tornou tão pronunciada e rotineira que todos a supõem como uma característica corriqueira da vida social”.<sup>36</sup>

Sendo assim, vemos a mídia como algo indissociável da vida das pessoas e, portanto, buscamos percebê-la como algo que também exerce um papel primordial nas transformações sociais, políticas, culturais e também históricas.

---

<sup>34</sup> Idem. ibidem, p. 26.

<sup>35</sup> THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.33.

<sup>36</sup> Idem. p. 34.

Nessa perspectiva, voltamos nossos olhares agora para a análise de um dos meios de comunicação que está presente em 90% dos lares das famílias brasileiras<sup>37</sup>, de forma a perceber como as linguagens desse veículo são produzidas, executadas pelos seus emissores, produtores, atores, bem como apropriadas, reelaboradas pelos seus receptores, consumidores.

A televisão é considerada um dos meios de comunicação de “massa”, se não o maior, o mais popular. Mesmo usando o termo “massa”, concordamos com alguns autores que o mesmo tem as suas limitações. Assim como nos chama a atenção Thompson<sup>38</sup>, o termo atende a alguns produtos da mídia mais modernos, isso porque nos faz pensar em uma audiência grandiosa de milhares e até milhões de indivíduos espectadores. Muitos desses produtos são veiculados por meios técnicos bem populares, por isso tornam-se acessíveis a um número cada vez maior de pessoas, como: o rádio, a televisão etc. Mas existiam, e ainda hoje é recorrente, produtos da mídia em que o termo “massa” não pode ficar restrito à quantidade, como é o caso de algumas revistas, periódicos especializados que atendem a um público específico. Sobre isto indaga Thompson (1998): “o que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários”.<sup>39</sup>

Outro questionamento ao termo massa está diretamente associado à visão dada a este pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. A partir da Teoria Crítica, a “comunicação de massa” e, conseqüentemente, a “sociedade de massa” eram vistas como passivas, homogêneas em relação à recepção destas aos produtos da mídia, o que nos induz a pensar o desenvolvimento da comunicação de massa como algo negativo na vida social moderna. Segundo Thompson,

esta linha tradicional de crítica cultural é interessante; ela tem despertado questões válidas que merecem atenção ainda hoje, embora com algumas modificações. Mas esta perspectiva crítica é também impregnada de um conjunto de pressuposições que são insustentáveis e que podem obstaculizar a compreensão da mídia e de seu impacto no mundo moderno.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> Assim como o rádio e a geladeira a televisão faz parte das utilidades domésticas mais recorrentes nas casas brasileiras. Dados do Senso 2000

[http://www.ibge.gov.br/7a12/voce\\_sabia/curiosidades/curiosidade.php?id\\_curiosidade=38](http://www.ibge.gov.br/7a12/voce_sabia/curiosidades/curiosidade.php?id_curiosidade=38)

<sup>38</sup> THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

<sup>39</sup> Idem. p. 30.

<sup>40</sup> Idem. Ibidem. p.30.

Muito do que se produz atualmente, nos níveis teórico e empírico, utiliza-se de outros olhares com relação à mídia, esta passou a ser vista como um fenômeno que obedece a todo um processo de reelaboração que segue, por sua vez, uma trajetória desde a emissão até a sua recepção pelos indivíduos. E é na recepção o foco maior de atenção de muitos estudiosos da área. Os indivíduos passam a ser vistos por eles como agentes ativos, capazes de interpretar e incorporar os produtos da mídia ao seu dia a dia obedecendo assim a uma lógica imbricada por seus interesses, suas visões de mundo etc.

A partir de agora direcionemos nossa atenção para a análise do meio midiático mais popular do mundo contemporâneo: a televisão. Esta, quando surgiu, inaugurou uma nova linguagem midiática, uniu num mesmo aparato tecnológico a linguagem oral do rádio – que era o meio de comunicação mais acessível a todos os grupos sociais devido a sua forma oral de transmitir a mensagem – e o apelo da imagem do cinema que já encantava as pessoas com a magia da fotografia em movimento. Essa junção resultou numa linguagem cotidiana, hoje bastante corriqueira em todos os aspectos da vida social, cultural, econômica e política dos indivíduos. Com a “tele-visão” o mundo passou a ser visto e conhecido por um número cada vez maior de pessoas; agora temos o contato mais constante, através da imagem, com vários povos, culturas, e isso possibilitou outra era da comunicação, como ressalta Sartori (2001):

A televisão – como diz o próprio nome – consiste em “ver de longe” (tele), e portanto, levar a presença de um público de espectadores coisas para ver, quer dizer, visualmente transmitidas de qualquer parte, de qualquer lugar e distância. E na televisão o fato de ver predomina sobre o falar.<sup>41</sup>

A imagem reproduzida por essa nova tecnologia é, sem dúvida, um lugar de ruptura radical com a predominância da oralidade e da escrita no que diz respeito as suas funções de informar e estabelecer a intercomunicação. A televisão foi conquistando cada vez mais espaço e imprimindo uma nova dinâmica, um novo ritmo de vida às práticas individuais e coletivas das pessoas. Podemos pensar que a televisão é um veículo de comunicação, de entretenimento e de lazer onipresente na vida dos cidadãos. Segundo Sevcenko (1998), “a televisão viria completar e dar o toque final do processo iniciado pelo cinema, invadindo e comandando a vida das pessoas dentro do próprio lar”.<sup>42</sup>

<sup>41</sup> SARTORI, Giovanni. **Homo Videns: televisão e pós-pensamento**, Bauru, SP: EDUSC, 2001, p.15.

<sup>42</sup> SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. In: **História da Vida Privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 613.

O rádio predominou durante muito tempo como o meio de comunicação mais popular. Era através dele que pessoas de vários segmentos sociais se informavam dos assuntos mais diversos, bem como se divertiam com suas programações de calouros e suas novelas. Podemos pensar o rádio como a voz do mundo que ressoava notícias de várias partes do país e do mundo, músicas, informes dos mais diversos que entravam nas casas, percorriam ruas, praças, paços, informando, distraíndo, divertindo, acalentando sonhos e fomentando outros. A experiência radiofônica na cidade de Campina Grande não foi diferente da do resto do país, o rádio esteve presente de forma bastante intensa na vida dos campinenses, como relata Antônio Clarindo Barbosa de Souza,

Praticamente tudo que aconteceu de relevante na cidade após 1949, contou com a presença de um repórter das rádios Cariri, Borborema e Caturité; desde *Revellión* de um ano até as festividades natalinas do ano seguinte. As rádios locais estimulavam os foliões a estarem presentes nos festejos carnavalescos desde os primeiros dias do mês de janeiro, divulgando as músicas que pretendiam ser sucesso no Carnaval; transmitiam os passos da Procissão da Paixão de Cristo; os comícios, em anos eleitorais; a vitória dos candidatos a Prefeito; os discursos dos candidatos derrotados e suas mensagens de amor à cidade ou de decepção pela perda de tão sonhado cargo; os funerais de grandes líderes políticos locais e nacionais; os jogos e as finais das copas do mundo em que a Seleção Brasileira fracassou ou foi campeã; os jogos locais e interestaduais em que times da cidade estiveram envolvidos; os desfiles cívicos do e de Setembro e as comemorações do Dia da Cidade; bailes de debutantes, desfiles de Miss; tertúlias e outras festas nos clubes; noites de São João; além de inaugurações de agências de bancos, hospitais, maternidades, cinemas, hotéis, e mesmo bares e restaurantes<sup>43</sup>.

Sem dúvida nenhuma o rádio exerceu grande influência na vida, nas ações dos campinenses e dos brasileiros de uma forma geral e, assim, perdurou por muitos anos desde o seu surgimento. Mas, com o aparecimento da televisão, o rádio foi aos poucos perdendo seu espaço como principal meio de comunicação. A imagem passou a dar outro sentido aos meios de comunicação em relação à forma das pessoas se informarem e se entreterem; a imagem inaugurava uma nova linguagem e promovia uma outra visão de mundo aos telespectadores. Ao vivenciar a chegada da televisão, o Sr. Mário Araújo relata a sua percepção em relação aos dois meios de comunicação, o rádio e a TV:

---

<sup>43</sup> SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. "O mundo que se ouve e o mundo que se vê: O Rádio e os Auditórios em Campina Grande". In. *História da Mídia Regional – o rádio em Campina Grande*. Campina Grande: EDUFCG/EDUEP, 2006, pp. 19-20.

Naquela época a gente tinha essa dificuldade apenas de ouvir, de receber as mensagens verbais, mas não tinha uma comprovação. A credibilidade ainda não era tão grande como hoje quando a gente vê a imagem de televisão confirmando os fatos noticiados. (Entrevista com o Sr. Mário Araújo em 14/07/08)

A televisão passou a ser mais atraente na medida em que convergia um mundo dentro daquela “caixa mágica”. Não queremos negar aqui as resistências e questionamentos de que também foi vítima esse veículo de comunicação, mas para além de ser só mais um aparelho doméstico, como muitos acreditavam, a televisão ganhou uma popularidade considerável. O avanço tecnológico propiciou, ainda mais, que a televisão fosse conquistando mais espaço, e assim, imprimiu uma nova dinâmica, um novo ritmo de vida aos indivíduos, e hoje podemos falar de uma presença constante, diária, desse meio de comunicação, entretenimento e lazer que exerce grande influência em todos os aspectos da nossa vida social.

“A TV é tão importante que de janela passou a paisagem”<sup>44</sup>. É assim, segundo essa afirmação de Daniel Piza (2002), que a televisão apresenta-se na contemporaneidade na vida das pessoas, ela estampa o mundo em sua tela. Hoje, esse aparelho tão comum na vida da grande maioria da população, constitui-se como o meio massivo de comunicação mais utilizado pelas pessoas para se informarem e se entreterem. Ela se faz presente nos lares rompendo quaisquer tipos de barreiras geográficas ou sociais, centros, periferias, ricos, pobres, cidades, zonas rurais, são telespectadores de uma mesma grade de programação que esse veículo disponibiliza aos mais diversos grupos sociais, mesmo que, embalando sonhos, imaginações que divergem de acordo com suas perspectivas sócio-culturais, regionais e econômicas. Para Esther Hamburger (1998),

(...) a TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária. Longe de prover interpretações consensuais, ela fornece um repertório comum por meio do qual, pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras. Ao tornar um repertório comum acessível a cidadãos os mais diversos, a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena. Ela como que alimenta cotidianamente uma disputa simbólica, uma corrida pelo domínio das informações necessárias, um jogo de inclusão e exclusão social.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> PIZA, Daniel. **A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano/ org.** Luiz Costa Pereira Júnior. São Paulo: Editora SENAC de São Paulo, 2002. p. 11.

<sup>45</sup> HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: **História da vida privada no Brasil**. Org. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, Companhia das Letras. 1998, p. 441.

Podemos pensar a televisão como um meio de comunicação mais democrático e popular no sentido de possibilitar o seu acesso a todos sem distinção de região geográfica, poder aquisitivo ou pertencimento social. De acordo com o último censo, a televisão está presente em quase 90% dos lares brasileiros, um número bastante considerável para um país de proporções continentais, e que ainda apresenta um alto índice de desigualdade social, principalmente em algumas regiões do país como o Norte e Nordeste. Para além desses índices, a TV foi adotada pelos brasileiros como um instrumento de rotina que está ali presente em suas vidas, e mais que isso, estabelecendo hábitos e comportamentos.

Como a porta na caverna de Platão, a TV é o contato com o ideal, com o inalcançável, com o indireto. Senta-se em família diante dela como os primitivos se sentavam ao redor da fogueira. O convívio humano direto não foi abolido e não perdeu seu poder maior de consequência sobre a vida de cada um. Mas a TV é um mediador de parte significativa de nossas relações sociais.<sup>46</sup>

Mesmo se pensarmos que hoje o telespectador está mais individualizado, pois além da sala, a televisão ganhou vários outros espaços da casa: quarto, cozinha, onde muitas vezes as pessoas se isolam para ver suas programações preferidas; mesmo com essa segregação em alguns lares, ainda assim, suas programações medeiam as conversas nas ruas, dentro de casa, nas escolas, no ambiente de trabalho etc, na medida em que as pessoas discutem, comentam o que viram em suas programações. Nesse sentido, a experiência, a princípio individualizada, torna-se, de uma maneira ou de outra, uma experiência também coletivizada.

Desde a sua implantação no Brasil, a televisão passou a traçar um caminho de encantamento e foi conquistando cada vez mais espaço nos lares dos brasileiros. Primeiro foi privilégio de poucos, mesmo assim, despertou a curiosidade e o desejo daqueles que não tinham condições de possuir o seu aparelho. Entrou nas casas mais afortunadas e, ainda, com uma transmissão de imagem bastante precária passou a fazer parte da mobília de alguns lares, dividindo o espaço da sala que se tornou uma espécie de ponto de encontro entre parentes, amigos e vizinhos, que se reuniam em torno daquela “caixa mágica” para compartilharem da sua tão esperada programação que enchia os olhos daquela gente ainda nas primeiras investidas do mais novo meio de comunicação. Não tardou muito a sua aquisição foi crescendo gradativamente e mais salas passaram a ter aquele tão desejado “eletrodoméstico luminoso” que, ao longo das décadas de sua existência, foi ganhando novos formatos,

---

<sup>46</sup>PIZA, Daniel. *A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano*/ org. Luiz Costa Pereira Júnior. São Paulo: Editora SENAC, 2002, p. 13.



tamanhos, praticidade, cores e chega ao século XXI com sua mais nova inovação tecnológica, a alta definição da imagem, outra revolução que se espera no cotidiano dos brasileiros.

A primeira experiência de transmissão televisiva deu-se em meio a um grande espetáculo promovido, na ocasião, para dar início ao grande empreendimento de Assis Chateaubriand<sup>47</sup>. Estava finalmente consolidado mais um sonho do empresário que estendia sua cadeia de comunicações com mais esse veículo. No ano de 1950, o Brasil passou a ter sua primeira emissora de televisão, a TV Tupi de São Paulo; mas não tardou muito, o citado empresário criou as Emissoras Associadas com filiais nas principais capitais do país. Assim, em 1965, a rede já possuía estações no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, São Luís, Belém, Goiânia, Belo Horizonte e Campina Grande. Durante vinte anos de história, as Emissoras Associadas de Chateaubriand lideraram o mercado televisivo<sup>48</sup>, mesmo que algumas limitações ainda perdurassem na expansão das transmissões no território brasileiro, segundo relata Esther Hamburger (1998) que “durante seus primeiros vinte anos de história, a televisão era um veículo de alcance limitado em razão do baixo número de domicílios que possuíam um aparelho e da reduzida extensão do território nacional capaz de receber sinais de televisão” ( ). Ainda assim, a televisão já se apresentava como um grande atrativo para a população que se mostrava cada vez mais entusiasmada com a novidade, pelo menos é o que percebemos nos depoimentos dos campinenses ao relatarem os seus primeiros contatos com a televisão, que mesmo com baixo nível de sinal e reduzido número de aparelhos, buscavam estar sempre diante daquele objeto luminoso tão encantador, como lembra o Sr. Edilson Alves:

Era um “chuveiro” e chegava um momento que desaparecia a imagem depois ela voltava... tinha a posição do vento, clima que alterava a imagem, chovia e tudo, aí a imagem dificultava bastante. Ficava nublado... e tinha vezes que passam 2, 3 minutos sem ninguém conseguir ver a imagem depois ia voltando aos poucos e ficava nessa oscilação. (Entrevista com o Sr. Edilson Alves, em 10/05/08)

A primeira emissora de Campina Grande foi inaugurada na cidade treze anos após sua estréia no Brasil. Na ocasião, em solenidade com a participação do seu maior idealizador, Assis Chateaubriand, foi entregue à cidade a estrutura física, localizada no prédio Newton

<sup>47</sup> Sobre a solenidade de abertura das transmissões televisivas no Brasil ver MORAIS, Fernando. In: **Chatô – O Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>48</sup> HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: **História da vida privada no Brasil**. Org. Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p 448.

Rique, na Rua Marquês do Herval, com toda a sua aparelhagem para o funcionamento da TV Borborema – Canal 3<sup>49</sup>. Esta passou a integrar a cadeia que passava a se formar no país para servir de receptora e geradora das programações da então TV Tupi<sup>50</sup>. No início, ainda com uma estrutura pouco autônoma para produções locais, a TV Borborema, cumpriu a função exclusiva de retransmitir a programação de sua matriz como nos relata o Sr. Eraldo César: “nós tínhamos uma deficiência muito grande de material e o que se fez no início não era outra coisa senão transmitir aquilo que vinha de outras emissoras. A gente às vezes conseguia tudo gravado, não tinha satélite, e as gravações vinham em fitas...” (entrevista com o Sr. Eraldo César em 12/04/08), mas não tardou muito os profissionais das rádios locais começaram a esboçar o seu interesse pelo novo veículo e passaram a migrar para a televisão produzindo programas ainda sem muita elaboração pela precariedade dos equipamentos. A criatividade e o improvisado foram características bem marcantes naqueles profissionais que realizavam seus programas ao vivo sem muita experiência no ramo e sem muito apoio técnico, como veremos nos próximos capítulos.

Para se chegar à implantação da primeira emissora da cidade, algumas pessoas influentes foram fundamentais para o processo, assim como o contexto político, econômico da cidade também foram favoráveis para a realização de tal projeto, como veremos no capítulo a seguir.

---

<sup>49</sup>TV Borborema localiza-se no mesmo local da sua implantação. Ainda integrada à cadeia dos Associados, mas constitui-se hoje como uma afiliada do SBT com recepção no Canal 9.

<sup>50</sup> As programações as quais se referem o Sr. Eraldo César são com relação aos filmes norte-americanos – os chamados “enlatados” que passavam primeiro no eixo Rio – São Paulo e depois eram enviados às emissoras de outras partes do país.

“(...) ver televisão é mesmo que estar vendo ao vivo as pessoas e as paisagens (...)”.

(Mário Araújo)

## CAPÍTULO 2

### E SE FEZ A IMAGEM: A CHEGADA DA TELEVISÃO EM CAMPINA GRANDE

A TV teve sua estréia no Brasil em 1950 com a inauguração da TV Tupi – Canal 3, investida do então jornalista e empresário Assis Chateaubriand, paraibano de Umbuzeiro, dono de uma cadeia de jornais impressos e de rádios que formavam os Diários Associados. A novidade, que uniria a oralidade do rádio e a magia da imagem do cinema, era esperada com grande expectativa e surpresa pelas pessoas que não acreditavam ser possível tal “mágica” e que sabiam de tal novidade pelos jornais que relatavam as experiências de outros países com a televisão<sup>51</sup>. Mas, em 18 de setembro de 1950, as transmissões audiovisuais passaram a ser efetivadas no país. A primeira cidade a ser contemplada com uma emissora de TV foi São Paulo. O Brasil seria o primeiro país da América Latina a instalar uma primeira emissora. Não demorou muito outras emissoras foram sendo instaladas por todo o território brasileiro. Segundo Ana Maria C. Figueiredo (2003), “(...) ela se expandiu para outras capitais quando ainda existiam apenas 200 receptores no País – só em 1951 essa quantia subiu para 375”<sup>52</sup>. Mesmo com todas as dificuldades técnicas, a televisão foi traçando o seu caminho de expansão no país e para além das capitais, para onde foram traçados os primeiros planos de implantação de emissoras. A TV, ainda na sua primeira década de existência, passou a fazer parte do cotidiano de algumas cidades interioranas.

As primeiras décadas de instituição da televisão no Brasil estão diretamente ligadas às investidas de Assis Chateaubriand que constituiu o primeiro oligopólio<sup>53</sup> na área das comunicações do país. Segundo Caparelli (*apud* BARROS, 1997)<sup>54</sup>, a era Chateaubriand divide-se em duas fases que ela classifica da seguinte maneira: a primeira seria aquela marcada pela investida do empresário no intuito de trazer a primeira emissora de televisão para o país, nesse sentido todo seu empreendedorismo, nessa primeira fase que vai de 1950 a 1959, concentrou-se no eixo Rio – São Paulo. A segunda fase, pós 1959, veio com a investida na interiorização da televisão, sua intenção era levar o seu projeto para as capitais brasileiras e

<sup>51</sup> Os Estados Unidos, desde a década de vinte, já davam seus primeiros passos com experimentos em transmissões televisivas. Foi nesse país que Assis Chateaubriand teve seu primeiro contato com uma televisão e se encantou com a novidade traçando lá seus planos de trazer para o Brasil aquela invenção.

<sup>52</sup> FIGUEIREDO, Ana Maria C. *Teledramaturgia brasileira: arte ou espetáculo?* São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>53</sup> Segundo Adriana Barros, os Diários Associados possuíam dezenas de diários espalhados pelo o Brasil, uma revista de circulação internacional, o Cruzeiro, dezenas de emissoras de rádio e diversos canais de televisão.

<sup>54</sup> BARROS, Adriana Azevedo Paes de. *Da televisão no Brasil ao televisor em Cuiabá: aspectos históricos e a influência na Cuiabá dos Anos 70*; Cuiabá: Editora Studio Press e Multicor Editores Associados, 1997. p. 37.

assim várias cidades foram contempladas com instalações de emissoras afiliadas locais da Tupi, como Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, Curitiba, São Luís, Belém, Goiânia, Belo horizonte e Campina Grande, primeira cidade do interior a receber uma emissora.

A TV Tupi foi o empreendimento de Chateaubriand que dominou o mercado televisivo por muitas décadas, mas teve seus trabalhos encerrados no início da década de 1980, em que outros projetos se definiam no cenário das comunicações do país. Assim, a Tupi passou a ser alvo de perseguições políticas em detrimento de interesses de outras facções de grupos investidores nessa área. Sobre isso formula Adriana Barroso (1997):

Por carregar o peso do pioneirismo, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, a TV Tupi de São Paulo percorreu uma trajetória repleta de sobressaltos até ser cassada em 1980; quando esta desapareceu, encerra-se definitivamente todo o Império jornalístico de Assis Chateaubriand.<sup>55</sup>

Com o fim do Império de Chateaubriand, os meios de comunicação no país assumiram outras dimensões. Mas os Associados, mesmo que esfacelado, continuou sua trajetória e manteve alguns dos seus veículos de comunicação em pleno exercício, a exemplo dos jornais e Emissoras de rádio e TV Associadas em nossa cidade.

Campina Grande foi contemplada com sua primeira emissora em 1963, quando esta entra na fase experimental, mas antes da sua instalação na cidade, a Paraíba vivenciou uma experiência com transmissões de imagens televisionadas na cidade de João Pessoa, quando Assis Chateaubriand montou um canal de TV aberto para transmitir um dos seus comícios na capital paraibana. O então dono dos Associados concorria à reeleição para o senado. Na ocasião foram distribuídos aparelhos de televisão pelas principais ruas de João Pessoa para que as pessoas pudessem acompanhar de forma singular tão importante acontecimento.<sup>56</sup> Essa experiência deu-se ainda em meados da década de 1950 e se encerrou junto com o referido comício. No mesmo comício, o citado candidato registrou a sua promessa de trazer à Paraíba a sua primeira emissora de televisão; mesmo que para muitos tal fala tenha soado como mais uma promessa eleitoreira de político em véspera de eleição, ela veio a se concretizar alguns anos depois, como relata a matéria do Diário da Borborema intitulada “Chateaubriand e a TV Borborema”:

---

<sup>55</sup> Idem. pp. 36.

<sup>56</sup> Sobre esse episódio ver MORAIS, Fernando. In: **Chatô – O Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

A TV Borborema é um conquista que a Paraíba recebe através de promessa formal do jornalista Assis Chateaubriand, promessa que na época em que foi feita deixou de ter o necessário relevo devido às paixões que dominavam a conjuntura. O grande campeão do jornalismo (...) chegou a fazer demonstrações populares com uma estação portátil de TV, durante sua campanha pela reeleição para o senado da República, afirmando então aos paraibanos que, reeleito ou não, a TV Borborema seria inaugurada e entregue à toda a Paraíba, logo que os seus planos técnico-econômico estivessem prontos. No ardor da luta partidária, muitos acreditaram que a afirmação fosse apenas uma das usuais promessas que se fazem em vésperas de eleições, e não deram maior importância ao seu cumprimento.<sup>57</sup>

A implantação da TV Borborema foi só mais uma das investidas do empresário e jornalista Assis Chateaubriand no que diz respeito às comunicações. Ainda na década de 1940, o referido empresário demonstrava interesse em fundar um meio de comunicação na Paraíba, assim optou em fundar primeiro uma Rádio, a Rádio Borborema, inaugurada na cidade em 1949 e, em 1957, finalmente fundou o Diário da Borborema, que passou a fazer parte da sua cadeia de Diários Associados. A televisão, que se anunciava como um meio de transformação radical dos meios de comunicação veio completar esse quadro de empreendedorismo do grupo dos Associados, mesmo que para tal investimento o apoio e o interesse de uma elite local tivesse sido de fundamental importância para a concretização do projeto nos inícios da década de 1960, período em que a TV ainda era a grande novidade em termos de tecnologia mais avançada em se tratando de meios de comunicação. Hilton Mota, em entrevista ao jornalista Rômulo Azevedo, reafirmou os discursos que eram recorrentes nos anos 60 nas páginas do Diário da Borborema e nas falas dos empreendedores: políticos, comerciantes, empresários da primeira emissora de televisão na cidade:

A televisão em Campina Grande surgiu pioneira sob a inspiração de Assis Chateaubriand, mas principalmente com o apoio de um grupo de campinenses, entre os quais podemos citar Newton Rique, de saudosa memória, e outros campinenses entusiasmados com o progresso, o desenvolvimento (...) que naquela ocasião representava nada mais nada menos de que o décimo terceiro município do Brasil em importância econômica, financeira, de modo que sob esse desafio e sob essa inspiração de Assis Chateaubriand nós tomamos a iniciativa de criar a televisão em Campina Grande (...)<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 21/09/1963.

<sup>58</sup> Entrevista colhida do documentário Patrimônio Histórico produzido pelo jornalista Rômulo Azevedo, Campina Grande, UEPB, 1997.

Na entrevista, Hilton Mota fez referência aos principais idealizadores do projeto e da satisfação de colocar Campina Grande à frente de capitais do país com a chegada de mais um símbolo de modernidade. Passados mais de 30 anos da implantação da TV, o discurso sobre a empreitada ainda pauta-se na idéia do progresso, a instalação da primeira emissora de TV é um dos marcos de uma cidade marcada pelo pioneirismo.

O jornal impresso, por si só já era um meio de comunicação restrito a uma minoria que tinha maior acesso às informações sobre esse novo empreendimento que chegaria em breve à cidade de Campina Grande, mesmo assim, os campinenses que não tinham tanto acesso ao jornal sabiam da novidade através de comentários nas ruas da cidade, em conversas com amigos, parentes. A televisão era algo ainda muito novo. A experiência que se tinha no país estava engatinhando, mas despertava a curiosidade de todos. Fossem através dos anúncios em jornais, revistas, dos comentários nas ruas, a televisão já se fazia noticiar e ser consumida mesmo que de uma forma ainda distante da realidade de alguns poucos brasileiros que possuíam e desfrutavam daquela novidade

(...) antes de acontecer em Campina Grande tinham as notícias que vinham de fora e o impacto foi em função do entusiasmo e do desejo de que isso acontecesse para nós também (...). (Entrevista com o Sr. Eraldo César em 28/06/08)

Com a idéia de se implantar a primeira emissora de televisão da Paraíba em Campina Grande, a cidade passou a respirar um ar de progresso tão propagado pelo entusiasmo por grupos da elite local que passaram a refletir esse entusiasmo para os demais campinenses, a partir de uma investida discursiva proferida principalmente através de matérias, notas, que traziam as mais variadas informações sobre o que era televisão e o que ela representaria para a cidade e para o Estado naquele momento.

A cidade é pensada, aqui, por esses grupos da elite local a partir da representação de um bem material que viria transformar a vida cotidiana dos campinenses e dar visibilidade à cidade como uma cidade desenvolvida. A implantação da primeira emissora de TV foi vista como mais um símbolo do progresso e de realização no imaginário urbano, seria a legitimação de uma Campina Grande moderna – pelo menos para alguns grupos sociais, nesse caso, dos empreendedores do referido projeto que tentaram projetar essa visão aos vários grupos sociais que formavam a cidade, tais como empresários, comerciantes, políticos. É o que se nota nos discursos da época. Aparece, assim, o desejo desses grupos de pensar a cidade dentro dos seus projetos que são representados como um bem comum para todos. Nesse sentido, tomamos

como base a idéia de Sandra Jatahy Pesavento (1995) sobre a criação de uma cidade imaginada por determinados grupos:

Há a projeção de uma 'cidade que se quer', imaginada e desejada, sobre a cidade que se tem, plano que pode vir a realizar-se ou não (...) a 'cidade do desejo', realizada ou não, existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar.<sup>59</sup>

Campina Grande foi projetada nesse momento por discursos interessados que refletiram mais um desejo de uma cidade moderna, a partir da instalação da sua primeira emissora de TV.

A televisão chega à Campina Grande graças não só ao empreendedorismo dos Diários Associados na pessoa de Assis Chateaubriand, mas também pela conjuntura política que a cidade estava vivenciando, a qual acabou por favorecer tal investida na cidade. Forças políticas e econômicas foram, portanto, fundamentais para que o projeto viesse a se concretizar na cidade.

## **2.1 – COM QUANTOS SONHOS SE FAZ UMA TV: RELAÇÕES DE PODER E SABER**

Voltar-se para a implantação da TV Borborema em Campina Grande nos faz discorrer pelos meandros políticos da época, pois estes estão diretamente ligados à instituição do empreendimento das Empresas Associadas de Campina Grande. Essa empreitada foi reflexo do interesse de um grupo de elite que passou a divulgar o que o projeto viria trazer para a cidade em termos de desenvolvimento econômico e cultural para a mesma.

Na década de 60, Campina Grande ainda constituía-se como um município de maior importância do Estado da Paraíba e terceiro do Nordeste, ficando atrás somente de Recife e Fortaleza, isso devido ao seu lucrativo comércio, beneficiamento e exportação do algodão que a classificava como maior centro comercial de todo interior nordestino.<sup>60</sup>

Desenvolvimento, progresso, modernidade foram palavras recorrentes nos discursos dos seus dirigentes e das elites econômicas locais, proferidas sempre com o tom de

---

<sup>59</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. In: **Muito além do espaço** – por uma história social do urbano. Artigo publicado na internet. [www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/178.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/178.pdf), 1995.

<sup>60</sup> SYLVESTRE, Josué. In: **Nacionalismo e Coronelismo: fatos e personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1954/1964)**. Brasília, Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, p. 23.



engrandecimento e do pioneirismo da cidade em seus vários aspectos sociais, culturais, políticos. Não foi diferente com a implantação da sua primeira emissora de televisão.

Nos inícios dos anos de 1960, como já mencionado, o Diário da Borborema trouxe uma sistematização de matérias a respeito da chegada da televisão na cidade. O Diário da Borborema fazia, e ainda faz, parte dos Associados e na época era um dos jornais locais de maior circulação na cidade. As matérias vinham com o intento, não só de informar os processos técnicos e administrativos necessários para a concretização do projeto, como também objetivavam fazer um apelo à população campinense para que todos apoiassem a implantação da sua primeira emissora de televisão.

O jornal impresso foi o veículo de divulgação dos discursos do então empreendimento do qual uma determinada classe de influência econômica da cidade, denominados de “classes produtoras”, lançaram todos os esforços para propagar a grande novidade, seriam eles industriais, comerciantes, banqueiros. Um dos nomes de maior destaque foi o do empresário e banqueiro Newton Rique que apostou no projeto e com uma grande investida favoreceu consideravelmente a implantação da TV Borborema; dentre as suas contribuições está o espaço físico cedido por ele para a instalação da Emissora na cidade, bem como a aquisição de grande parte das suas ações <sup>61</sup>.

Não por acaso o empresário e banqueiro Newton Rique entrou na empreitada. A sua ligação com tal empreendimento está relacionado com a política local e sua plataforma de governo. Este pleiteava a prefeitura de Campina Grande e vinha desde as eleições de 1959 disputando o cargo com o já experiente político Severino Cabral. Diferentemente de Cabral, candidato pelo PSD, Newton Rique tinha como plataforma política a geração de empregos através da industrialização; o seu discurso político era pautado pela idéia de modernização, de progresso e só a industrialização poderia levar Campina Grande a um avanço político, econômico e social.

A imagem de Newton Rique era passada como a de um político moderno, em detrimento a imagem de Severino Cabral que se pautava num discurso mais populista baseado na idéia de humildade e simplicidade; sua figura era constituída a partir de uma imagem de homem do povo que atendia aos seus anseios e necessidades. As disputas das eleições de 1959 e 1963 se deram dentro desses dois campos de forças, de um lado, um discurso mais progressista do candidato Newton Rique, do outro, um discurso mais tradicional do candidato Severino Cabral.

---

<sup>61</sup> O espaço cedido pelo então empresário Newton Rique foi o andar vazado do prédio que lhe pertencia, localizado na Rua Venâncio Neiva. Até hoje a TV Borborema ocupa o mesmo espaço desde a sua fundação.

No pleito de 1959, prevaleceu o discurso de Severino Cabral que derrotou Newton Rique e se elegeu prefeito de Campina Grande. Mas a batalha entre essas forças políticas ainda não cessa com essa campanha eleitoral. As investidas de Newton Rique ficaram ainda mais intensas. A TV seria um reflexo dos seus planos modernizantes para a cidade de Campina Grande. Dar visibilidade a esse empreendimento foi a estratégia do empresário para promover sua candidatura para o pleito de 1963. A implantação da TV sugeriria que seus projetos modernizantes para a cidade estavam se concretizando. Assim, as páginas do Diário da Borborema, desde o ano de 1961, começaram a informar aos campinenses, passo a passo, todo o processo para a chegada da primeira emissora de TV na cidade. Nesse sentido, o jornal foi o divulgador de um discurso político modernizante do então candidato a prefeito das eleições de 1963, a TV seria mais um dos seus projetos políticos a beneficiar Campina Grande e os campinenses, assim como o Banco Industrial fundado pelo mesmo projeto que atendia as mesmas perspectivas eleitorais. A respeito dessa disputa de forças políticas que marcaram os pleitos de 1959 e 1963 refere-se Fernando Luiz Alves Barroso (1996):

Assim o discurso da modernidade capitalista em Campina Grande materializava-se na instalação do Banco Industrial, nas campanhas eleitorais de 1959 e de 1963 em que o PTB veiculava “A Revolução da Prosperidade” e o “Plano de Ação” como plataformas político-eleitorais do seu candidato e na constituição de um dispositivo de poder empenhado em fundar uma emissora de televisão.<sup>62</sup>

Esta foi a concepção que embalou as campanhas de Newton Rique em 1959 e 1963 e que se constituiu o discurso de combate às relações tradicionais da política empenhada por Severino Cabral. Ainda segundo Fernando Luiz Alves Barroso (1996), “a TV Borborema emergia como o poder institucional de veicular a mensagem do desenvolvimento econômico e social promovido pela via de industrialização”<sup>63</sup>. E o Diário da Borborema foi o veículo de legitimação desse projeto.

A partir de 1961, foi comum encontrar nas manchetes do Diário da Borborema opinião de pessoas dos mais diversos grupos sociais expressando seu entusiasmo em relação à instalação da emissora de TV na cidade. A intenção era despertar a população para a

---

<sup>62</sup> BARROSO, Fernando Luiz Alves. *A Hora do Povo na TV: análise do discurso de uma experiência popular de televisão*. Dissertação de mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal de Campina Grande, 1996. p.117.

<sup>63</sup> BARROSO, Fernando Luiz Alves. *A Hora do Povo na TV: análise do discurso de uma experiência popular de televisão*. Dissertação de mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal de Campina Grande, 1996. p. 119.

credibilidade no referido empreendimento para que esta viesse a acreditar na possibilidade de uma Campina Grande no caminho do progresso. O projeto da TV passou a ser o símbolo de uma nova era política, econômica da cidade. Como enfatiza Fernando Luiz Alves Barroso (1996):

Assim o papel da emissora era simbolizar a cidade, ser o seu veículo de comunicação: comunicação da ousadia, da coragem, do arrojo, do pioneirismo da terra de Campina Grande, de suas elites políticas e econômicas e de seu povo<sup>64</sup>.

As investidas no jornal impresso se deram de forma sistemática e a corrida foi no sentido da concretização do projeto. Eram comuns apelos pela compra das ações da TV não só aos empresários, comerciantes locais, mas também às classes médias e às classes trabalhadoras, como relata o jornal: “o propósito inicial é fazer que o maior número de pessoas possa participar da iniciativa, pois o que se deseja é que toda a cidade e os municípios vizinhos se sintam co-participantes do empreendimento de tanto realce”<sup>65</sup>.

Naquele momento era importante a população envolvida e engajada no projeto, quanto mais pessoas participando, empresários, comerciantes ou não, a sua concretização se tornaria cada vez mais real.

Vale ressaltar que o empreendimento também ganhou visibilidade devido ao contexto histórico que a cidade vivenciava. Em 1963, começaria o ano do centenário da cidade e a implantação da TV dentro desse período abrilhantaria ainda mais a pompa dos festejos que se estavam programando para as comemorações de aniversário, comemorações estas organizadas por uma comissão formada exclusivamente para tal finalidade, os preparativos para os cem anos da cidade de Campina Grande. Dentre as muitas realizações culturais e sociais designadas, à Comissão Executiva do Centenário buscou-se inserir a inauguração da TV Borborema:

A Comissão Executiva sugeriu aos Rádios e Diários Associados, através do Presidente Edvaldo do Ó, que inaugurassem a TV Borborema no próximo dia 11 de outubro – início do ano do Centenário. O

---

<sup>64</sup>BARROSO, Fernando Luiz Alves. *A Hora do Povo na TV: análise do discurso de uma experiência popular de televisão*. Dissertação de mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal de Campina Grande, 1996.

p.118.

<sup>65</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 12/01/1962.

superintendente Hilton Mota se comprometeu a tudo fazer para a inauguração da televisão campinense se concretize naquela data<sup>66</sup>.

Assim, em 17 de setembro de 1963, a Câmara de Vereadores registrava os seus aplausos ao cumprimento da promessa de Assis Chateaubriand e gabavam-se alguns vereadores pela fase de experimento em que já se encontrava a TV Borborema, segue matéria intitulada “Câmara Municipal de Vereadores aplaude Jornalista Assis Chateaubriand pelo cumprimento da promessa: TV Borborema”:

Na sessão de ontem da Câmara Municipal o vereador Pedro Sabino, apoiado por vários membros daquela casa, enviou à mesa o seguinte requerimento:

- Sr. Presidente requeiro ouvido o plenário, seja inserido em Ata de nossos trabalhos um VOTO DE APLAUSOS ao jornalista ASSIS CHATEAUBRIAND, pelo cumprimento de sua promessa feita ao povo campinense no sentido de dotá-lo de uma estação de televisão, em vias de ser inaugurada através da magnífica imagem da TV Borborema já em experiência plena de êxito<sup>67</sup>.

O ano de comemoração do Centenário de Campina Grande chegou e já contava com um novo veículo de comunicação faltava agora este registrar também a festa que ficaria marcada na memória dos muitos campinenses, paraibanos e de pessoas de outros estados nordestinos que participaram dos muitos festejos ocorridos naquele ano.

## **2.2 – JORNAL IMPRESSO E TV: UMA PARCERIA EM NOME DE UM PROJETO.**

Como já discurremos, o jornal impresso foi um grande aliado na divulgação da chegada da TV em Campina Grande. Ele serviu como um instrumento de legitimação desse novo meio de comunicação que conquistava o Brasil a partir do projeto empreendedor de Chateaubriand de levar a televisão para outras regiões do Brasil, e seus colaboradores locais. Foi o jornal impresso que, não por acaso, prestou-se a essa função, pois no caso do Diário da Borborema fazia parte dos Associados do então Empresário Chateaubriand e passou a disseminar os ideais de alguns grupos da elite campinense com relação a tal iniciativa, atendendo também aos interesses do próprio grupo Associados que previa o sucesso desse

<sup>66</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 18/06/1963.

<sup>67</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 18/09/1963.

novo empreendimento. Assim, através do jornal impresso expressaram seu apoio, do mesmo modo, que tentavam conquistar a simpatia de todos para a chegada da televisão.

A atitude do Diário da Borborema em relação à TV Borborema não foi isolada. Essa foi uma prática estabelecida pelos Associados em outras regiões do país pelo motivo já expresso acima. Nessa perspectiva, outras cidades também lançaram mão do jornal impresso para conquistar o apoio de suas respectivas populações no que diz respeito à implantação de suas TVs locais. Tomamos como exemplo o caso de Cuiabá, que também se utilizando do jornal impresso, tentou criar um imaginário de progresso para cidade a partir dos discursos de um empreendimento moderno que estaria se concretizando naquela capital. Assim nos revela Adriana Azevedo Paes de Barros (1997), no seu estudo sobre a implantação da TV em Cuiabá:

As primeiras propagandas da emissora que seria instalada em Cuiabá começaram a circular nos jornais de 1966, mas foi em 1967 que passaram a assumir um discurso ideológico e apelativo representando a chegada da TV como marco de modernidade quase uma ficção tornando-se realidade<sup>68</sup>.

Segundo Adolpho Queiroz (1992), essa parceria, televisão-jornal, vem desde a chegada da primeira emissora no Brasil, a TV Tupi de São Paulo. Desde então, percebeu a forte relação entre um e outro no processo de consolidação no projeto de interiorização da TV. Para o autor, o jornal foi o grande instrumento legitimador da televisão no território brasileiro, sobre isso assevera:

Antes de ser um veículo de comunicação de maior poder neste século, a televisão, ao dar seus primeiros passos no Brasil, passou a ter um aliado decisivo. Televisão e jornal têm desde 18 de setembro de 1950, quando a TV Tupi emitiu seus primeiros sinais em São Paulo, um alinhamento muito nítido. No primeiro momento, este relacionamento se iniciou com uma questão fundamental: a emissora tinha que ir ao ar e era preciso vender receptores de televisão ao público. “Os Diários Associados”, o antigo império de Chateaubriand, dispuseram-se a cumprir esta primeira tarefa que lhe foi imposta pela parceria. Daí por diante televisão e jornal iniciaram uma trajetória de rumo comum ao futuro, ao desenvolvimento e a consolidação de suas perspectivas de poder<sup>69</sup>.

<sup>68</sup> BARROS, Adriana Azevedo Paes de. **Da televisão no Brasil ao telezinho em Cuiabá: aspectos históricos e a influência na Cuiabá dos Anos 70**, Cuiabá: Editora Studio Press e Multicor Editores Associados, 1997. p. 64.

<sup>69</sup> QUEIROZ, Adolpho Carlos Françoso. **TV de papel: a imprensa como instrumento de legitimação da televisão**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1992, p.37.

Ainda segundo Inimá F. Simões (1986), essa parceria deu-se antes mesmo da própria implantação da televisão no país, como uma forma até de preparar o terreno para a nova investida e atrair a atenção não só do seu possível público, como também, os investimentos de determinados órgãos para a concretização daquele projeto tão ousado para a época:

De início com alguma discrição e, a partir de meados de 1950, já com certa ênfase, as publicações Associadas anunciavam que estava para chegar o “cinema a domicílio”, expressão eleita a mais didática para explicar ao leitor o que seria a tal televisão. Para contrabalançar um certo alheamento demonstrado pela imprensa em geral, os diversos órgãos do Grupo oferecem demonstração de coesão interna, trazendo a público, com frequência informações sobre a novidade. As bases do pioneirismo já estão mais claras: de um lado a inegável habilidade de Assis Chateaubriand no levantamento de recursos e mobilização do empresariado e órgãos públicos, de outro, a capacidade operacional dos Associados para despertar curiosidade na opinião pública, até aquele instante totalmente ignorante sobre as características da televisão<sup>70</sup>.

A estratégia sempre foi a de divulgação do meio de comunicação a partir de outros meios que faziam parte do Grupo Associado como revistas, o próprio rádio e principalmente o jornal impresso. Essa atitude, como vimos, deu-se mesmo antes da implantação da primeira emissora da América do Sul, a TV Tupi, e se constituiu como uma prática corriqueira no processo de interiorização da mesma e da sua instituição definitiva.

A principal função do jornal era promover a televisão de forma a atender os interesses econômicos do seu grupo investidor, os Associados, que ao mesmo tempo convergia com os interesses de determinados grupos locais que ajudaria a concretizar o sonho de Chateaubriand em levar a televisão para outras cidades do vasto território brasileiro na intenção de interiorizar esse novo meio de comunicação. Assim, Campina Grande e Cuiabá, por exemplo, se encaixaram dentro dessa perspectiva.

O Diário da Borborema começou a lançar seus discursos em prol da instalação da emissora em Campina Grande ainda no ano de 1961, mesmo que as primeiras transmissões regulares da TV Borborema só tenham se concretizado em 1963. Mas, esse longo período de divulgação com forte apelo à população campinense, deveu-se a interesses políticos do principal aliado local de Assis Chateaubriand, o empresário Newton Rique que aproveitou a ocasião para criar um imaginário de uma cidade moderna condizente com a sua plataforma política, como já enfatizamos.

<sup>70</sup> SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In: *Um País no ar: história da TV em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.18.

Mesmo com a implantação da TV consolidada, o jornal Diário da Borborema não deixou de servir como seu privilegiado veículo de disseminação. Depois de um conjunto de notícias sistematizadas sobre o processo dos acordos políticos, das visitas dos técnicos, da aquisição da aparelhagem, da escolha do espaço físico para a instalação da TV, dos discursos de apoio de vários nomes influentes na cidade, das vendas das ações, dos apelos à população para o apoio na realização do empreendimento, o jornal também cobriu toda a fase experimental quando a televisão já dava os seus primeiros passos de transmissões locais.

Os discursos nessa fase foram pautados pela exaltação do empreendimento, mostrando sempre o grande desempenho de todos os envolvidos (empresário, comerciantes, técnicos, profissionais da área da comunicação e a população em geral) para o sucesso da instituição definitiva da emissora em Campina Grande. Assim é relatado na matéria:

Campina Grande vem acompanhando diariamente a fase experimental da TV BORBOREMA, através de um bem elaborado programa que está sendo transmitido das vinte as vinte e duas horas, para todos os telespectadores da cidade (...)

Trata-se não há de negar, de um trabalho de cooperação entre o público e os técnicos, podendo-se mesmo dizer que o povo está participando diretamente da montagem da TV BORBOREMA, seguindo todos os dias os testes que são realizados, e oferecendo, sempre que considera oportuno, a sua opinião sobre esse e aquele defeito.

Isso tudo leva-nos a crer que a TV BORBOREMA será intrinsecamente a televisão do povo de Campina Grande que já vai se acostumando, mesmo nessa fase experimental, a substituir o programa e os horários de outras estações pelos programas de experiência da TV BORBOREMA.

E não podia ser de outro modo, a TV BORBOREMA é um patrimônio de Campina Grande e do seu povo, e somente a eles cabe o direito de zelar pelo seu integral aperfeiçoamento <sup>71</sup>.

Os imprevistos comuns na fase experimental da TV Borborema como os problemas técnicos que levava a emissora sair do ar era notificado no dia seguinte pelo Diário da Borborema no intuito de deixar o telespectador informado a respeito do acontecido. A justificativa sempre vinha no outro dia estampada em suas páginas:

Em atenção aos nossos clientes e prezados telespectadores comunicamos que fomos forçados a tirar a emissora do ar, ontem à noite, devido um defeito técnico apresentado quando estávamos em plena programação. Campina Grande, 14 de novembro de 1963<sup>72</sup>.

<sup>71</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 20/09/1963.

<sup>72</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 15/11/1963.

A TV tinha espaço certo nas páginas do Diário da Borborema, principalmente em se tratando de fatos inusitados relacionados à novidade tecnológica que era a televisão, como a visita de uma equipe dos Associados que integrava o projeto “A grande Jornada” que esteve na cidade no ano de 1963, como forma de integrar Campina Grande ao projeto e refletir a importância da cidade em âmbito nacional já que esta seria cenário para um episódio de uma programação de veiculação nacional; segue a matéria intitulada: “Grande Jornada” da Tupi chega a Campina Grande:

Acompanhado dos cinegrafistas Domenico Pennacchio e assistente Alcino Silva, encontra-se em Campina Grande o companheiro Associado Ivo Gaspar integrante da Grande Jornada da TV Tupi do Rio de Janeiro. Perguntado sobre os objetivos de sua viagem a esta cidade, informou o Sr. Ivo Gaspar: – A Grande Jornada chega a Campina Grande utilizando a própria cidade, a cidade inteira como um dos seus temas. A Grande Jornada se exhibe em todas as televisões “Associadas” no Brasil. É uma série que se mostra já há três anos, e que no ano passado ganhou todos os prêmios em São Paulo. Ganhamos o programa melhor culturalmente, o melhor programa jornalístico e também o melhor programa filmado. A primeira vez que fazemos um tema paraibano é este e eu estou deveras entusiasmado (...)<sup>73</sup>.

Era comum também encontrar nas páginas do Diário da Borborema anúncios sobre as atrações que se apresentariam na TV Borborema. Nomes famosos que abrilhantariam os bailes dos Clubes da cidade ou até mesmo artistas que fariam apresentações no Rádio e logo eram chamados para uma apresentação na TV Borborema. Assim reflete a matéria a seguir que teve como Manchete “Baile das debutantes” nos salões do GRESSE – com a presença de Lujan Cardillo, o cancionista das Américas – e apresentação na TV Borborema:

Depois de amanhã, dia 9, será realizado nos salões do Grêmio dos Subtenentes e Sargentos do Exército, GRESSE, “o baile das debutantes, tendo como principal atração o cantor Lujan Cardillo – o cancionista das Américas que também se apresentará na TV Borborema”<sup>74</sup>.

Com o já funcionamento definitivo da TV Borborema, o Diário da Borborema prestou-se a divulgar as programações diárias da emissora. Eram divulgadas tanto as programações que vinham de fora, tais como filmes e seriados, quanto os programas locais e

<sup>73</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 27/07/1963.

<sup>74</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 30/10/1963.



seus respectivos horários. A programação iniciava-se com a abertura padrão sempre às 18h25min, seguia uma seqüência de desenhos, informes esportivos, jornalísticos e encerrava-se às 22h05min. Essa grade era dia-a-dia colocada nas páginas do citado jornal. Os programas eram curtos para atender as disponibilidades de horários que a televisão tinha para ir ao ar devido a toda uma condição técnica e estrutural que a tornava viável só no período noturno.

Além da divulgação da grade de programação diária da TV, o Diário da Borborema disponibilizou uma coluna intitulada “Rádio e TV”, onde nela se faziam comentários a respeito do que era produzido em termos de programação nesses dois veículos de comunicação na cidade de Campina Grande. As notas traziam nomes de artistas que se apresentariam no rádio e/ou na TV, nomes de políticos a serem entrevistados ou de pessoas influentes da sociedade, bem como tecia elogios sobre o desempenho dos seus profissionais na elaboração dos seus programas, e do sucesso que os mesmos faziam entre os campinenses<sup>75</sup>. Jornais como O Diário de Pernambuco e o Jornal do Comércio, ambos do estado pernambucano, também possuíam uma coluna disponível para a divulgação dos acontecimentos do Rádio e das TVs locais, suas colunas eram intituladas “no Áudio e no Vídeo” e “TV Notícias”, respectivamente. Cada um se propunha a divulgar o novo veículo do qual eram empreendedores, o primeiro trazia em suas páginas anúncios da TV Rádio Clube de Pernambuco – Canal 6; o segundo trazia anúncios da TV Jornal do Comércio – Canal 2. As duas TVs foram inauguradas no mesmo ano na cidade do Recife, em 1960, e desde o início já faziam concorrência frente a suas programações<sup>76</sup>.

Em Campina Grande, o Diário da Borborema foi, enfim, sem dúvida, o maior divulgador da TV Borborema no momento de sua implantação e instituição na cidade. Era a partir das suas páginas que se propagava todo tipo de novidade a respeito deste aparato tecnológico que chegava à cidade para despertar a curiosidade dos campinenses.

Mas e os grupos populares, aqueles que não faziam parte da elite política e econômica com maior interesse na investida, como apareceram nos discursos desse pequeno grupo que se pretendia inovador e promotor do progresso? Afinal não podiam negar que “os campinenses”, como eles apresentavam em suas manchetes, englobavam pessoas de grupos sociais diversificados. Em algumas matérias de jornais a participação popular é destacada a partir do espetáculo. O lançamento das ações da emissora seria agraciado pelo desfile carnavalesco que, segundo a matéria publicada no Diário da Borborema, daria o aspecto popular à festa,

<sup>75</sup> Exploraremos mais essas programações nos próximos capítulos.

<sup>76</sup> Os dois Jornais pertenciam aos Associados e as suas respectivas emissoras eram afiliadas da TV Tupi de Assis Chateaubriand, mas cada uma tinha à frente seu empresário local. A TV Jornal do Comércio era presidida pelo paraibano empresário e político F. Pessoa de Moraes.

Dando um legítimo toque popular à festa do próximo dia dezanove, Escolas de Samba campinenses, solidárias com o empreendimento, sobretudo, visando emprestar maior alegria à noite memorável, desfilarão devidamente caracterizadas, pelas principais ruas da cidade, em autêntico “avant première” do carnaval de 62.<sup>77</sup>

A participação popular, como é apresentada nos jornais, deu-se de forma passiva e harmoniosa, pelo menos naquele momento de festividade. A “massa” saiu às ruas para festejar as negociações dessa novidade que despertava, mais enfaticamente, o grande interesse de um pequeno grupo local. Quando muito, eram citados de uma forma geral, na ocasião de um grande evento que envolvia a implantação da emissora,

No próximo dia 19, às 20 horas no auditório da “Associação Comercial de Campina Grande, com a presença de todos os integrantes da comissão incorporadora”, governador Pedro Gondim, comerciantes, industriais, representantes de entidades, estudantes, jornalistas, bancários, autoridades e o povo em geral, serão lançadas as ações da TV Borborema<sup>78</sup>.

Muitos populares entraram na era da televisão utilizando-se de várias táticas. No início, sem ter estas condições de possuir um televisor, e para não serem excluídos completamente do consumo daquela tecnologia, buscaram desenvolver alguma estratégia, uma bem marcante e corriqueira seria a “invasão” do espaço privado dos vizinhos mais privilegiados que já dispunham de uma *caixa mágica* exposta nas salas de suas casas.

A elite campinense pensava o meio social a partir das suas concepções de mundo e, assim, estando num lugar privilegiado, passava a reorganizar o meio social dos outros grupos sociais menos favorecidos, pelo menos, através dos seus discursos. Assim, desde os primeiros anos da década de 1960 esse grupo de pessoas vinha preparando, organizando a cidade para a chegada desse novo bem material e simbólico que se anunciava como algo inovador e que previa modificações radicais no processo de comunicação, como estava sendo observado com as experiências fora e dentro do país. Apropriar-se desse meio e dominá-lo talvez se mostrasse como uma alternativa a mais de perpetuar os lugares sociais de tal elite. Daí então todo o empreendedorismo de pessoas que se destacavam na política, na sociedade, nos meios de comunicação (rádio, jornal impresso) etc.

<sup>77</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 11/01/1962.

<sup>78</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 11/01/1962.

Campina Grande, na década de 60, contava com três rádios locais: as Rádios Cariri e Borborema, ambas fundadas em 1949, a Rádio Caturité, inaugurada em 1951 e o Diário da Borborema, fundado em 1957. Estes eram os principais meios de comunicação que participavam da vida política, econômica, social e cultural dos campinenses. Outros jornais do estado circulavam na cidade, como o Jornal Oficial da União, e também de outros estados como o Diário de Pernambuco. Mas eram os meios locais que estabeleciam uma relação mais próxima com os acontecimentos da cidade e do seu povo. O Rádio, sem dúvida, exerceu um papel fundamental no cotidiano das pessoas, pois como já mencionamos, este estava presente nos mais diversos eventos ocorridos na cidade prestando-se a informar e entreter a população campinense.

A televisão prometia integrar a vida privada das pessoas e, assim como o rádio, agora com o apelo da imagem passaria a exercer uma relação corriqueira e inovadora com seus telespectadores. Pensamos esta como um meio revolucionário pela sua associação da linguagem oral com a imagem que se mostra fascinante e se sobressai do apenas falar, assim como nos relata Geovanni Sartori,

A televisão consiste em levar à presença de um público de espectadores coisas para ver, quer dizer, visualmente transmitidas de qualquer parte, de qualquer lugar e distância. E na televisão o fato de ver predomina sobre o falar, no sentido que a voz ao vivo, ao de um locutor, é secundária, pois está em função da imagem e comenta a imagem.<sup>79</sup>

A chegada dessa novidade, que apesar de ter sido focada apenas pela visão de uma minoria, trouxe, sem dúvida, transformações que mudariam as formas de diversão e entretenimento. A imagem privada da tela da TV institui, assim como defende Nicolau Sevcenko<sup>80</sup>, um outro ritmo à vida das pessoas que passaram a organizar suas vidas em torno das programações televisivas. Os espaços privados foram se sobrepondo aos públicos com relação aos meios de lazer. Agora se podiam ver os grandes clássicos do cinema do sofá da casa, como anunciava as manchetes de publicidade dos jornais. Pensamos, assim, que as formas de se consumir os espaços públicos de reuniões para fins de entretenimento, diversão como cinemas, clubes, praças etc, tenham ganhado outro ritmo com a chegada da televisão. Nossa investigação, durante as próximas linhas dessa dissertação, seguirá por esse caminho.

<sup>79</sup> SARTORI, Geovanni. *Homo Videns – Televisão e pós-pensamento*. Bauru, SP: EDUSC 2001, p.15.

<sup>80</sup> SEVCENKO, Nicolau. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In: *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 613.

Buscaremos, nesse sentido, costurar nossa colcha de retalhos a partir das muitas experiências vivenciadas pelos campinenses e assim criar nossa representação sobre a cidade no momento da chegada da TV Borborema.

### 2.3 – OS PRIMEIROS PASSOS DA TV BORBOREMA

O empreendimento ousado de Chateaubriand acabou por adiantar um pouco as coisas e fez com que o processo de implantação da TV no Brasil e a sua interiorização contasse com imprevistos. Assim também ocorreu em Campina Grande. A começar pela captação das primeiras imagens da cidade por uma aparelhagem que chegou à cidade vinda da emissora do sudeste e que já estava obsoleta naquela região, mas chegava à Campina Grande como forma de promover o espetáculo na cidade a partir de todo um maquinário grandioso e estranho. Para tanto, foi instalada uma câmara, que se apresentava colossal, e só por isso já despertava a curiosidade da população, num dos prédios localizado no centro da cidade. O intuito era captar imagens e jogar nos monitores de televisores propositalmente expostos nas vitrines de algumas lojas localizadas no centro, assim relata o Sr. Joel Carlos sobre essa primeira experiência com as câmaras de TV recém chegadas na cidade: “na Maciel Pinheiro ali existia um prédio que não tinha nada na sua frente. Eles me entregaram uma câmera e disseram: “você vai ficar aí o dia todo e quem passar você vai filmando (...)” (Entrevista com o Sr. Joel Carlos em 25/09/08). Assim, todos que trafegavam pelas ruas centrais começavam a entender como funcionava a técnica de se fazer televisão, ali observando aquela prática do Sr. Joel, aparentemente simples, mas não menos extraordinário para aquelas pessoas que entravam em contato pela primeira vez com tal novidade. Velhos, jovens, mulheres, crianças, ricos, pobres puderam vislumbrar a “mágica” proporcionada por toda uma parafernália que se instalava nas ruas da cidade e que em breve teria um endereço e uma estrutura certos. A partir das primeiras transmissões, muitos campinenses foram se encantando e assim ficavam fascinados com tamanha tecnologia, como nos relata o Sr. Rômulo Azevedo ao narrar a sua primeira experiência com as transmissões da TV Borborema:

A primeira imagem que eu vi da TV Borborema, que eu me lembro, foi em setembro de 63, mais ou menos. Eu estava indo jogar botão na casa de um amigo meu, quando passamos na frente de uma casa tinha uma

câmera no terraço do edifício, textos técnicos apenas. Filmando a rua, naquele tempo a cidade era pequena, passava um carro, uma hora depois passava outro carro. Mas, só o fato de ser uma transmissão local fazia com que a gente até esquecesse o jogo e ficasse olhando aquilo horas seguidas porque aquilo era televisão, era Campina no vídeo, e pra nós era uma grande novidade. (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo em 25/09/08)

Segundo o Sr. Joel Carlos, aquela prática tinha como função principal vender os “papéis” (ações) da televisão para que esta finalmente se fixasse na cidade como uma empresa regularizada, “ficamos funcionando quase dois anos com a câmera ali, abríamos para o povo e mostrávamos como era a TV Borborema” (Entrevista com o Sr. Joel Carlos em 25/09/08). As primeiras experiências com transmissões estavam voltadas mais aos experimentos técnicos, o que iria garantir o funcionamento da emissora. Nesse sentido, as especulações e investidas na sua divulgação iam despertando cada vez mais a curiosidade dos vários grupos sociais campinenses. Atraídos por aquela novidade, muitos passaram a visitar as futuras instalações daquela que seria a primeira emissora de televisão da Paraíba. O jornal, como forma de dar ainda mais visibilidade à futura TV registrou algumas dessas visitas marcadas pela boa impressão dos seus visitantes:

Em companhia do professor Milton Figueiredo e do Sr. Francisco Moreira, secretário da Escola Normal Estadual, dez das 17 professorandas que constituem a turma “Pedro Gondim”, de 1963, estiveram, na manhã de ontem, visitando as instalações da TV Borborema (...). Na oportunidade, o engenheiro Baltazar, da TV Tupi canal 6, do Rio de Janeiro, que se encontra nessa cidade ultimando os trabalhos para a inauguração da TV Borborema prestou as professorandas e aos seus acompanhantes todos os esclarecimentos necessários, a respeito da parte técnica da Televisão<sup>81</sup>.

Todo o período de especulação para a instalação definitiva da TV Borborema foi marcado por uma investida promocional que acabou por colocar os campinenses em contato com aquela novidade pouco antes da sua regularização.

Finalmente, o ano de 1963 foi de grande expectativa para colocar em funcionamento a TV Borborema. Esta começou a operar em caráter experimental com recepção no Canal 4. Nesse segundo momento, já com lugar fixo, a TV Borborema contou com a colaboração de muitos campinenses envolvidos com o projeto que desempenhavam o seu papel de modo a atender nesse primeiro momento a técnica de funcionamento da televisão. Aquela técnica

---

<sup>81</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 21/06/1963.

ainda era muito nova e capacitar pessoas para as funções de operadores de câmaras, áudio e imagem para TV foi fundamental para colocar no ar a TV campinense. Além de a cidade receber visitas de alguns técnicos experientes do Sudeste, alguns dos profissionais da rádio se deslocaram para o eixo Rio – São Paulo para se capacitarem. Essas funções bem desempenhadas são imprescindíveis para o bom funcionamento do veículo, assim chama atenção o Diário da Borborema:

Duas funções importantes numa emissora de televisão, que desempenham um trabalho imprescindível à imagem, são áudio e vídeo. O operador de áudio, como numa emissora de rádio, concorre para que o som de uma emissora seja excelente, com um mínimo de distorção, bastante limpo e com o máximo de fidelidade. Por outro lado, os operadores de vídeo também ficam atentos ao Kinescopio, dando a quantidade de vídeo necessário, para que a imagem também não seja distorcida<sup>82</sup>.

Os primeiros passos da TV já estavam dados, mesmo que completamente imatura, improvisada e ainda com muitas falhas técnicas e incertezas com relação a sua estrutura de programação local. Esta passou a fazer parte da realidade dos campinenses no ano de 1963 inaugurando a história da mídia televisiva da cidade. Em setembro de 1963 o Diário da Borborema divulgou a seguinte nota:

As atividades, em caráter experimental da TV Borborema canal 4, iniciadas em Campina Grande há poucos dias, foram coroadas de pleno êxito.

De toda quase extensa área nordestina, principalmente do interior, a direção dos Diários e Rádios (agora também TV) Associados da Paraíba vem recebendo cartas e telegramas, que testemunham o sucesso das primeiras transmissões.

Tanto o som, como sobretudo a imagem da TV Borborema, estão sendo captados na “hinterland” regional com quase absoluta fidelidade e clareza, muito embora as transmissões ainda se façam com os naturais defeitos do período de ajustes da aparelhagem técnica e do pessoal operado<sup>83</sup>.

A ousadia empreendedora de Assis Chateaubriand, o arrojo político da época, os investimentos e apoio de alguns políticos, empresários, comerciantes foram responsáveis por esse pioneirismo de Campina Grande tão exaltado nos seus discursos. Soma-se a isso o empenho dos profissionais da área e a curiosidade do povo campinense com relação àquela tecnologia que impulsionou a instituição definitiva desse novo meio de comunicação na

<sup>82</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, (data ilegível)

<sup>83</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 21/09/1963.

cidade. Assim, Campina Grande entrava no ano do seu centenário sendo a única cidade do interior nordestino com uma emissora de televisão.

Mas o fazer televisão envolve muito mais que só uma estrutura tecnológica. Ela envolve profissionais, técnicas, um dinamismo bem próprio do meio e até então em vias de descobertas, aprendizagem já que televisão no próprio país ainda engatinhava. Dessa forma, não foi nada fácil para os envolvidos criarem condições para o funcionamento e desenvolvimento de uma grade de programação local para a TV Borborema. Mas nem por isso os obstáculos foram suficientes para inibir a criatividade e o desempenho daqueles novos profissionais de televisão. Seguiremos adiante pelos passos desses profissionais que sonharam com uma televisão local e se dedicaram à concretização daquele sonho que começou com poucos, mas passou a ser sonhado por muitos outros campinenses. Este é o tema do nosso próximo capítulo.

“(...) tudo que nós aprendemos vinha de fora, é claro, íamos somando essas experiências para fazer aqueles tantos sonhos que a gente procurava realizar em nossa cidade”.

(Eraldo César)



### CAPÍTULO 3

#### AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM O FAZER TELEVISÃO EM CAMPINA GRANDE

Início dos anos 60, em Campina Grande, no calor das disputas políticas entre dois grupos com princípios eleitorais completamente antagônicos, é anunciada a chegada de mais uma novidade que traria ainda mais progresso para a cidade. Como prenúncio de mais um feito eleitoreiro na cidade, a instalação da primeira emissora do Estado ganha repercussão entre os campinenses causando um certo frisson em seus moradores.

A cidade, que ainda vivia nos anos áureos do seu desenvolvimento econômico, devido à cultura algodoeira, respirava ares de uma efervescência também cultural em que velhas e novas práticas embalavam a vida social dos campinenses naqueles anos. Entre clubes, cabarés, carnavais de rua, bares, cinemas, auditórios de Rádios, os campinenses se divertiam, trocavam idéias e idealizavam novos projetos para a cidade.

É em meio a esse cenário tão diversificado e dinâmico que tentaremos discorrer a respeito da recepção dos moradores da época da chegada da primeira emissora de televisão em Campina Grande.

Entendemos que a chegada da primeira emissora colaborou para que os campinenses se interessassem ainda mais por televisão. Esta, apesar de já fazer parte do conhecimento das pessoas, ainda se constituía como pouco atrativa pela dificuldade em obter um aparelho receptor, mas também pela péssima qualidade da captação de imagem pouco favorecida pela ausência de antenas de longo alcance. Isso só foi possível com o projeto da instalação da TV Borborema, acreditamos que a partir desse acontecimento Campina Grande passou a definir uma cultura televisiva local.

Nosso esforço maior é tentarmos nos afastar dessa tecnologia tão presente em nossas vidas como algo comum, corriqueiro, no sentido de pensarmos como se deu o encontro desta com os primeiros telespectadores campinenses. Assim, pensamos que ao nos afastarmos apreenderemos melhor as possibilidades de “estranhezas” que esse encontro pode ter proporcionado aos campinenses quando das suas primeiras transmissões na cidade. Mesmo que reconheçamos que o caminho a ser seguido se apresente envolto de uma grande dificuldade buscaremos fazer esse exercício. Pensamos esse caminho não muito fácil quando concordamos com Sevcenko (1998), que por “sermos criaturas dessa mesma tecnologia temos

dificuldades de nos desprender o suficiente dela para poder, de fora, reconhecer toda a sua imensa estranheza”<sup>84</sup>.

Nesses termos, nossa tentativa neste capítulo é de contar um pouco das histórias que nos remetam a uma memória desse meio midiático, para tanto, daremos ênfase nas próximas linhas que se seguem às primeiras experiências práticas de alguns funcionários (técnicos, apresentadores e produtores) da TV Borborema. Percorreremos por algumas reminiscências que de alguma forma marcaram a vida de pessoas dentro e fora dos estúdios da primeira emissora de televisão campinense. É através dessas memórias, interessadas, mas não menos reveladoras, que reconstruiremos imagens daquelas que foram as primeiras vivências com as primeiras transmissões televisivas locais, bem como a receptividade destas pela população campinense.

Uma vez instalada a emissora, o sonho em se fazer programações locais era agora possível e até se fazia necessário para preencher os horários nos quais a televisão ficava no ar. Sem programação local as emissoras interioranas ficavam dependendo de programações de outras emissoras, principalmente, das do sudeste do país, estas se tornavam repetitivas além de chegarem com muito atraso. O horário da época era bem reduzido se comparado com hoje, pois esta começava a partir das 18h30min e ia até as 22h30min, mesmo que para uma programação ao vivo o tempo tornava-se uma eternidade diante das dificuldades técnicas e pela constante busca de habilidades para o imprevisto. Os erros, os deslizos não eram muito bem vindos para a realidade de uma TV local.

Buscaremos discorrer um pouco sobre essas experiências em se fazer televisão em Campina Grande, tentando perceber suas peculiaridades, visto que no início da interiorização da TV esta se caracterizava como autônoma, pois não existia a unidade televisiva que com os avanços técnicos possibilitaram a criação das redes e as transmissões via satélite com uma programação horizontal. A partir destes avanços experienciados só na década de 1970, a televisão inaugurou uma outra linguagem com padrão nacional. Antes dessa ruptura, acreditamos que existam histórias singulares com uma trajetória diretamente ligada às respectivas regiões, onde as emissoras iam sendo instaladas. Assim pretendemos representar algumas dessas histórias locais.

Entre as continuidades e inovações buscaremos narrar as experiências televisivas na nossa cidade, baseadas nas memórias daqueles que contribuíram direta e indiretamente para os primeiros anos de experiência com o novo meio de comunicação.

---

<sup>84</sup> SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. In **\_: História da Vida Privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 582.

Assim como muitas outras experiências pelo Brasil afora com as primeiras produções televisivas, Campina Grande contou com a colaboração dos profissionais do rádio para a sua realização. Graças a eles foi possível a realização de programas humorísticos, telejornais, programas de entrevistas, entretenimento, sociais e culturais, produzidos e transmitidos pela TV Borborema. Quando a emissora passou a fazer parte da realidade local, o entusiasmo e a colaboração desses profissionais foram de fundamental importância para a sua efetivação como um meio de comunicação que possibilitou uma programação com uma identidade campinense. Mesmo que com uma outra linguagem, diferentemente daquela do rádio a qual estavam habituados a fazer, a nova experiência souou como um desafio que agarraram com muita dedicação de maneira a tornar possível a efetivação de uma emissora genuinamente campinense. A televisão absorveu dos estúdios das rádios locais locutores e técnicos que migraram para o novo veículo com perspectivas de realizar coisas que se tinham notícias em outras emissoras do país, principalmente da TV Tupi. Sobre essa perspectiva enfatiza o Sr. Eraldo César: “a gente sonhava em fazer televisão, até em competir” (entrevista com o Sr. Eraldo César, em 18/06/08). Mas, fazer televisão com algumas dificuldades em relação a materiais técnicos e sem experiência nenhuma com o novo meio não foi muito fácil para esses primeiros desbravadores.

### **3.1 – “MIL MANEIRAS DE ‘FAZER COM’”: A ARTE DO IMPROVISO NA TV**

Nos primeiros meses da sua fase experimental, a emissora era mais uma repetidora dos programas produzidos no eixo Rio – São Paulo, ou dos “enlatados” (produções feitas em outros países e enviados para nós), mas essa prática não durou muito, logo ela passou a desenvolver uma grade de programação local ao vivo. Mesmo assim, ainda nessa fase, a TV Borborema aventurou-se em transmitir de forma ainda muito precária alguns acontecimentos que ocorreram na cidade nos inícios da década de 1960, como por exemplo, jogos de futebol, desfiles comemorativos, festas em clubes. Esse tipo de transmissão foi recorrente bem no início da fase experimental da emissora e se constituía mais de testes com a aparelhagem técnica e assim os campinenses já iam tendo conhecimento da novidade que estava prestes a fazer parte da realidade da cidade definitivamente. Como não podia ser diferente, o jornal impresso seguia os passos daquela investida e como seu porta-voz informava em suas colunas as realizações televisivas prestes a serem apresentados para toda a cidade. Em matéria do Diário da Borborema, a transmissão do jogo entre Treze e Campinense, que se enfrentariam pelo campeonato paraibano no ano 1963, aparece como uma nova realidade que começava a

fazer parte do cotidiano da cidade. As matérias procuravam divulgar o empreendimento como algo já perto da sua instituição definitiva e que só tinha a engrandecer a cidade de Campina Grande como pioneira de mais uma nova investida. Seguem matérias intituladas “Treze/Campinense na Televisão” e “TV – Borborema transmitirá hoje desfile do dia 20”:

(...) o contrato publicitário realizado entre a firma desta praça, direção Jaime Pascoal e Cia, a direção da TV Borborema, canal 4, para o televisionamento do encontro de futebol de domingo próximo, reunindo, no estádio Presidente Vargas, as equipes do Treze e do Campinense pelo Campeonato Paraibano de Futebol, é uma demonstração do amadurecimento dos nossos homens de empresa, industriais e comerciantes, compenetrados já do relevante papel da propaganda para a maior aceitação e maior venda de seus produtos<sup>85</sup>.

Em sua programação de hoje (fase experimental) a TV Borborema transmitirá em todos os detalhes o filme realizado no dia 20 do corrente, durante as festas comemorativas do pré-centenário de Campina Grande. Terão assim os telespectadores oportunidade de apreciar mais uma vez o desfile monumental à margem do Açude Velho, com que foi festejado o nonagésimo nono aniversário da cidade<sup>86</sup>.

A primeira matéria nos traz o panorama da relação dos comerciantes locais com a concretização do projeto de implantação da TV na cidade. Suas contribuições em forma de patrocínio foram fundamentais na realização de muitos eventos promovidos pela TV Borborema, ao mesmo tempo em que esta tentava impor uma nova cultura de propaganda publicitária local, que com o novo meio de comunicação vinha se definindo não só em Campina Grande, mas em todo o país.

Assim, como a primeira matéria, a segunda discorre sobre um acontecimento de relativa importância para os campinenses, já que a programação estava diretamente relacionada a um acontecimento local. Mais do que só ver Campina Grande no vídeo, as pessoas também podiam ver amigos, parentes, conhecidos na telinha.

A TV Borborema começava a mostrar Campina Grande aos Campinenses. Mesmo na fase experimental, a emissora procurou desenvolver já uma programação local, o que contou com a criatividade e improvisos dos seus apresentadores. Pelas dificuldades técnicas e pela pouca experiência os programas não tinham uma grade fixa. Alguns programas eram montados e estes iam sendo experienciados por seus produtores e apresentadores, mas já tentavam imprimir uma identificação das pessoas com aquela programação que tinha um foco

<sup>85</sup>Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 19/10/1963.

<sup>86</sup>Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 30/10/1963.

exclusivamente local. Pensamos que nessa perspectiva uma cultura televisiva começava a se concretizar na cidade.

Ao relatar a importância da instalação da TV Borborema e das suas primeiras programações locais, o Sr. Rômulo Azevedo relata:

(...) pela primeira vez a Cidade que estava acostumada a ver Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, passou a se ver no vídeo. Então passou a se ter uma identidade televisiva de Campina Grande através da TV Borborema, isso foi importantíssimo, criou uma auto-estima na Cidade. (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo, em 25/01/08)

Segundo ele, a possibilidade de uma TV campinense começava a mostrar a cidade para os seus moradores e relacionando estas com as suas mais diversas relações sociais, políticas, econômicas, culturais, criava não só uma identidade televisiva, mas também um sentimento de pertencimento e de identificação daquele meio tecnológico com as práticas e costumes locais. Colocar a cidade e os campinenses no vídeo não foi tarefa muito fácil, afinal televisão naquela época era sinônimo de muita desenvoltura e de improviso.

Assim, uma das grandes dificuldades e que se tornou um grande desafio foi o fazer televisão ao vivo. Apesar da experiência de muitos com o improviso no rádio, o fazer ao vivo na televisão exigia ainda mais perspicácia, pois com a imagem os deslizos tornavam-se bem mais perceptíveis. A adaptação a uma nova linguagem talvez tenha sido o desafio maior. Passava a existir toda uma postura corporal que exigia uma disciplinarização do corpo. Gestos contidos para o enquadramento na câmara, sintonia do texto com a imagem. Diferentemente do rádio, o corpo agora estava ali presente também participando da encenação.

As programações televisivas nos seus primórdios iam ao ar sempre ao vivo, pois a tecnologia do Videotape<sup>87</sup>, apesar de ter sido inventado nos finais da década de 40, era ainda bastante restrito seu uso devido o alto custo da aparelhagem. Logo, essa primeira fase da TV no país não podia ser diferente, ou se fazia ao vivo ou não seria possível programação local. Com o uso do VT (Videotape), a televisão passou por grandes transformações. Muitos caracterizam a sua regularização como um divisor de águas na história da televisão brasileira, como afirma Inimá F. Simões (1986):

---

<sup>87</sup> Aparelhagem que possibilita a gravação de programas e a sua transmissão posterior, assim os programas ficaram menos vulneráveis aos erros e imprevistos.

O fato inegável é que o VT muda a lógica operacional da televisão, multiplicando a sua rentabilidade e tornando-se apta a disputar novos mercados publicitários. Trata-se de um novo tempo em que não há mais lugar para a gafe cometida pela garota-propaganda, porque passa a vigorar um padrão de acabamento formal de organização técnica que diminui o imponderável ao seu grau mínimo<sup>88</sup>.

O VT passou a ser utilizado mais freqüentemente pela televisão brasileira no ano de 1962, mas esse recurso ficou restrito às emissoras do eixo Rio – São Paulo que já dispunham de recursos financeiros suficientes para adquirirem tal tecnologia. Enquanto isso as emissoras do interior do país contavam única e exclusivamente com a dedicação dos seus profissionais para colocar no ar programações locais, não sendo assim, essas emissoras se prestariam apenas à repetição de programas das emissoras de fora ou das produções estrangeiras, como nos informa o Sr. Rômulo Azevedo:

(...) as emissoras eram obrigadas a produzir a sua programação local, quando não tinham programas locais, o que você poderia mostrar eram filmes em películas cinematográficas, porque embora o videotape já existisse era muito restrito a Rio de Janeiro e São Paulo e assim por diante. Então os primeiros programas que eu me lembro eram todos feitos ao vivo, a grade inteira de programação local, com inserções de um ou dois filmes que vinham de embaixadas, e complementavam a programação (...). (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo, em 25/09/08)

Devido a essas dificuldades, a solução para os profissionais era se adaptarem à realidade que “tinham em mãos” e buscar fazer uma programação que não exigisse muito da técnica que ainda era bastante estrita. Ao relatar suas primeiras experiências com o fazer televisão, o Sr. Eraldo César assevera: “(...) a gente, é claro, viu imediatamente que a coisa não era como se esperava, então a gente procurou fazer programas de acordo com o que as condições técnicas nos ofereciam (...)” (entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08). Sendo assim, programas de entrevistas, de auditórios, programas sociais foram os mais propícios para aquela realidade ou, nas próprias palavras do Sr Eraldo César: “a televisão Borborema começou assim, fazendo programas mais fáceis de serem elaborados (...)” (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08). Essas primeiras experiências não tinham como ser diferentes, mas as dificuldades pareceram estimular ainda mais os envolvidos com o projeto de colocar uma programação local no ar.

<sup>88</sup> SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In: **Um País no ar: história da TV em três canais**. São Paulo: Brasiliense; 1986, p.50.

As condições técnicas dos primeiros anos de transmissão televisiva na cidade influenciaram não só na produção estrutural dessas programações, pois restringiam a dinamicidade destas, característica hoje completamente superada pela televisão brasileira, como também, interferiram na recepção dos telespectadores, visto que as imagens que chegavam aos aparelhos receptores deixavam muito a desejar, como nos relata ainda o citado informante:

(...) a TV Borborema não tinha uma imagem desejada mesmo porque não existiam ainda as redes e essa possibilidade de transmitir era só através de satélite, então deu muito trabalho à gente fazer o programa aqui porque a imagem realmente não agradava, era distorcida, tinha uma série de defeitos (...). (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08)

Na tentativa de oferecer melhores condições de som e imagem à transmissão televisiva, uma solução foi colocada no mercado, as antenas internas e externas. O jornal passou a fazer anúncios comerciais do artefato para uma captação melhor da programação local. Esse seria um mecanismo para melhorar o acesso às imagens tanto na própria cidade quanto para outros municípios paraibanos que passaram a receber, ainda no ano de 1965, o sinal da TV Borborema, cidades do Cariri, do Brejo e Agreste podiam sintonizar o canal campinense. Abaixo podemos ler os seguintes anúncios:

#### **TV CENTENÁRIA**

Está instalada nesta cidade a oficina de montagens e consertos de antenas de TV, à rua Maciel Pinheiro, 212, Lojas "A TELEVISÃO" (CIADESA), sob a direção de TEIXEIRA. Os interessados devem procurá-lo pelo telefone 1941.

#### **AOS TELESPECTADORES DO INTERIOR**

Eis as características da antena para receber em ótimas condições A TV BORBOREMA. Ela deve ser colocada no mesmo mastro onde estão as do Recife, todavia DIRIGIDA para Campina Grande. As lojas "A TELEVISÃO" tem para pronta entrega<sup>89</sup>.

Tinham aqueles que criaram outros meios para facilitar a recepção das imagens, assim, lembra o Sr. Edilson que o seu pai, um dos primeiros técnicos em aparelhos televisores na

---

<sup>89</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB (data ilegível).

cidade, inventou um filtro o qual foi bem aceito por aqueles que queriam livrar-se do constante “chuveiro” dos seus aparelhos de TV. Conta-nos Sr Edilson Alves:

Meu pai até que fabricava um aparelho que captava a imagem como se fosse um acumulador de sinais e retransmitia para a televisão (...) era tipo um filtro, filtrava aquela imagem pra sair melhor. Ele era técnico, se especializou nisso e passou a produzir vários aparelhos desses para vender as pessoas. (Entrevista com o Sr. Edilson Alves em, 10/05/08)

As antenas, por si só, passaram a ser um artefato simbólico de *status*, o que provocou alguns comportamentos um tanto curiosos, como o de adquirir a antena muito antes da aquisição do aparelho, pois, segundo Inimá F. Simões (1996), essas práticas constituíam-se “reveladoras das motivações e valores colocados como primordiais. O que importa é, as pessoas ao passarem na rua, atentarem para um lar bem sucedido”<sup>90</sup>. Artefatos como estes foram definindo uma nova paisagem na cidade, ao olhar para os telhados das casas já se via algo diferenciado do que até então se estava acostumados a ver. Um emaranhado de metal suspenso em cima das casas propiciava não só uma melhor qualidade para as televisões, como também despertava a vaidade dos seus donos pelo destaque social que isso representava na época. Segundo Nicolau Sevcenko (1998), “O objeto do desejo se torna inseparável do desejo do objeto e um pode suprir simbolicamente a ausência do outro (...) eventualmente possuí-los e exibi-los a outros olhos cobiçosos”<sup>91</sup>. As antenas passaram a representar aquele bem simbólico, mesmo quem ainda não possuísse um aparelho receptor denunciava através daquele artefato o seu desejo em possuí-lo.

Com já mencionamos, antes da instalação da TV Borborema na cidade, os campinenses recebiam o sinal das emissoras do Recife: TV Rádio Clube e TV Jornal do Comércio ambas inauguradas em 1960. Suas programações tinham boa receptividade em Campina Grande, como nos revela o Sr. Rômulo Azevedo: “quem dominava a audiência na cidade era TV Jornal do Comércio e TV Rádio Clube, as programações eram mais completas”. Tanto uma emissora quanto a outra produziam de forma intensa programações locais e absorviam um contingente grande de técnicos, atores, autores, apresentadores, cantores, produtores etc. A ousadia dos profissionais das duas emissoras os levaram a produzir programações de vários gêneros: auditórios, humorísticos, telejornais, teleteatro e

<sup>90</sup> SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In: **Um País no ar: história da TV em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 33.

<sup>91</sup> SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. In: **História da Vida Privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 603.



novelas; a estrutura dos seus estúdios e as melhores condições técnicas fizeram com que as suas programações tivessem mais qualidades tornando-se assim mais atrativas.<sup>92</sup>

Mas, apesar dessa grande receptividade não teria sentido uma emissora local sem suas próprias produções, e mais sem destaque dentro do seu próprio “território”, pois como ainda não existia o vídeotape, nem transmissões via satélite, os programas retransmitidos pela TV Borborema só eram assim feitos depois de exibidos em outras cidades pelas suas emissoras locais e que chegam a outras localidades através de aviões. Muitos desses programas eram transmitidos pelo Canal 6 do Recife e eram assistidos pelos campinenses, assim as retransmissões pela TV Borborema tornavam-se repetitivas e pouco interessantes para os mesmos telespectadores do Canal 6. Assim, chama a atenção o Sr. Rômulo Azevedo: “muita coisa que passava no Recife eles mandavam para Campina Grande com atraso, então os filmes a gente já tinha visto no Canal 6”. (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo, em 25/09/08)

Enfim, para tornar a emissora mais autônoma e autêntica, o negócio era jogar no ar uma programação específica da cidade para a cidade. Entraram em cena os experientes profissionais do rádio, mesmo que sem nenhuma experiência para o novo veículo, mas como não existia um modelo padrão a ser seguido, ficaram à vontade para criarem uma logística independente para a TV Borborema. Estava lançado um novo desafio para esses profissionais. A idéia primeira foi adaptar os programas que já existiam no meio radiofônico para a televisão. Essa foi uma prática realizada por todas as emissoras de TVs instaladas nas cidades brasileiras na década de 1960, os programas de rádio eram adaptados para a televisão, mas seguindo a lógica de cada região a partir da realidade das suas emissoras locais.

Em Campina Grande, tivemos alguns desses programas, que saíram do rádio e foram adaptados para a linguagem televisiva, como “*O Mundo é da Criança*” adaptado do programa realizado na Rádio Borborema chamado “*O Clube do Papai Noel*”, apresentado pelo Sr. Eraldo César tanto num veículo quanto no outro. Este, assim como no rádio, era um programa de auditório que contava com a participação da família, pois o programa era mais voltado ao público infantil e assim atraía os pais que levavam seus filhos para participarem das brincadeiras e dos concursos que o programa promovia. Assim relembra o Sr. Eraldo César, ao descrever a repercussão que o programa tinha entre os campinenses:

---

<sup>92</sup> Sobre isso ver SANTANA, Jorge José B. **A Televisão Pernambucana por quem a viu nascer**. 2. ed. Recife: Ed. do Autor, 2007.

O mundo é da Criança foi mais estimulado pelo que eu fazia na Rádio Borborema que era “O Clube do Papai Noel”, foi um programa que eu fiz durante dez anos enchendo o auditório todo domingo, era um programa que acontecia na rede Associada pelo Rio, São Paulo, em todo canto, “O Clube do Papai Noel” com o mesmo nome, mas com outros apresentadores, e em Campina Grande eu bati o recorde fazendo dez anos de programa enchendo o auditório todos os domingos. (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08)

O programa “*O Mundo é da Criança*” era um dos programas que dava oportunidade às pessoas dos mais variados níveis sociais de aparecerem na telinha da TV Borborema. Era um programa que tinha como intuito descobrir talentos mirins: cantores, poetas, declamadores etc, e fez parte da infância de muitos campinenses.

“*O Mundo é da Criança*”, programa que recebe patrocínio da SOCIC, vem se constituindo num dos programas de maior tele-audiência da cidade. É realmente a presença da garotada campinense na TV <sup>93</sup>.

A TV constituía-se como mais um lugar de diversão que também encantava as crianças atraídas pelas suas programações lúdicas que ofereciam oportunidades de destaque para os talentos mirins. No caso dos programas de auditório, a televisão só veio crescer aquelas experiências promovidas com muito êxito pela Rádio no que diz respeito a mais uma oportunidade das pessoas verem o programa sem que precisassem estar no local onde ocorria o espetáculo. Quanto aos participantes, estes tiveram a possibilidade de serem ouvidos e vistos por um número cada vez maior de pessoas.

Um outro tipo de formato de programa adotado e bastante recorrente na TV Borborema na época foi o de entrevista. Este, pela sua facilidade em se fazer, segundo os profissionais da época, ocuparam bem mais espaço na grade de programação da TV Borborema e suas repercussões eram sempre noticiadas nas páginas do Diário da Borborema na tentativa sempre de envolver os campinenses com as atrações locais da sua emissora. Assim destacamos programas como o “*Claro-Escuro*”, apresentado pelo Sr. Antônio Lucena, o programa “*O Eu de Cada Um*”, apresentado pelo Sr. Eraldo César, o programa da Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano, que de início realizou o programa “*Graziela: entrevistas e atrações*”, mas que foi desenvolvendo outros durante sua vida profissional na televisão, mesmo que, atendendo praticamente os formatos anteriores como os programas “*Graziela em sua Casa*” e “*Aos Sábados Recebemos*”. Esses programas que destacamos, assim os foram por terem tido

<sup>93</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 25/03/1965.

uma vida longa na TV Borborema, eram programas que sempre recebiam destaque nas páginas do jornal impresso e repercussão entre a sociedade campinense.

O programa "*Claro-Escuro*" era o mais dedicado a entrevistar personalidades da política paraibana, como governadores, deputados, senadores, prefeitos, desembargadores. Segundo o Sr. Antônio Lucena, responsável pela produção e apresentação do programa, o mesmo ficou no ar durante dois anos e mesmo fazendo parte daquele quadro de profissionais da TV não considerava aquela função um emprego, pois não recebia pagamento para isso. Tal atividade era assim considerada por ele como algo esportivo, o que fazia por prazer. Ao falar da sua experiência com o programa, relatou o Sr. Antônio Lucena:

Eu era um jornalista improvisado, não tinha curso de jornalista, naquele tempo não tinha nem faculdade (de jornalismo). Mas para mim foi muito bom, eu gostei muito, me abriu os horizontes de visões diferentes do meio social e político. Eu vivi espaços de vida diferentes, muito interessante. (Entrevista com o Sr. Antônio Lucena, em 03/10/08)

O Sr. Antônio Lucena, com sua desenvoltura para as entrevistas, foi destaque de uma das notícias do Diário da Borborema. O programa foi reverenciado como um dos melhores do nordeste. Segue matéria:

"Claro-Escuro" já foi eleito pelo público telespectador campinense o melhor programa de entrevistas e debates da televisão do nordeste. O Bacharel Antônio Lucena vem se constituindo como o melhor entrevistador de vídeo nordestino pela sua segurança, dinamismo e versatilidade nas indagações<sup>94</sup>.

A televisão doravante passava a se constituir como mais um meio de comunicação do qual os homens públicos lançavam mão para se dirigir ao seu público eleitor e aos campinenses em geral. O Diário da Borborema sempre anunciava em suas páginas os possíveis entrevistados que o programa receberia como uma forma de dar destaque à programação local da TV Borborema e chamar atenção para a relevância daqueles homens públicos para a cidade e para o estado, ao mesmo tempo em que vê-los falar em entrevistas ao vivo na televisão representava algo inovador e que poderia trazer aos seus telespectadores algumas revelações surpreendentes, visto que essas entrevistas eram ao vivo, o que deixava o

---

<sup>94</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 30/03/1965.

entrevistado vulnerável a perguntas inesperadas. A título de exemplo, sobre a entrevista do Senador João Agripino, assim anunciou a manchete do jornal:

#### **AGRIPINO FARÁ IMPORTANTES REVELAÇÕES SEXTA-FEIRA PELA TV.**

Convidado para comparecer a Claro-Escuro o senador João Agripino confirmou sua presença naquele aplaudido programa na próxima sexta-feira, às 20:05, na TV Borborema. Depois de ouvir figuras de relevo da vida paraibana – Deputado Estadual Joacil Pereira, Governador Pedro Gondim, Desembargador Emílio Farias, Deputado Federal Luiz Bronzeado, Prefeito Domingos Mendonça Neto e o Senador Argemiro de Figueiredo, entre outros – a TV Borborema irá transmitir a palavra de uma das figuras de maior projeção na vida pública e, que tem ocupado as manchetes dos jornais nos últimos meses<sup>95</sup>.

Do mesmo modo, nomes importantes do cenário nacional, também eram anunciados no jornal impresso para conclamar a participação dos telespectadores para a relevância das entrevistas na vida política, social e cultural dos campinenses. Assim foi anunciado o Sociólogo Gilberto Freyre. Segue matéria:

#### **NA TELEVISÃO**

Às 20 horas depois de ir ao Rique Palace Hotel, o sociólogo Gilberto Freyre e esposa, acompanhados do prof. José Paulino, estiveram na Borborema. Na ocasião, o ilustre visitante comprometeu-se com o nosso confrade Ariosto Sales que, oportunamente, atendendo a convite daquela emissora, concederá entrevista ao programa Claro-Escuro<sup>96</sup>.

Os programas de entrevistas na TV imprimia uma outra sensibilidade aos campinenses de ouvir e ver pessoas públicas falando ao vivo sobre os mais diversos assuntos de interesses de todos, ali nas telas dos monitores. Os entrevistados enfrentavam as câmaras e se mostravam literalmente de cara lisa correndo o risco de enfrentar uma “saia justa” perante o público telespectador, estes muitas vezes eram “pressionados” por perguntas feitas pelo apresentador que causavam expectativas tanto no próprio entrevistado quanto nos

<sup>95</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande - PB em, 16/01/1965.

<sup>96</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande - PB em, 11/03/1965.

espectadores. No outro dia eram certos os comentários nas ruas, no trabalho, entre amigos e conhecidos.

Assim como o programa “Claro-Escuro”, a TV Borborema contou com outro programa de entrevistas, “O Eu de Cada Um”. Ao falar do programa, nos relata o seu apresentador, Sr. Eraldo César:

(...) “O Eu de Cada Um” que era uma entrevista. O que é que tinha ali de diferente nesse programa? É que o entrevistador que era eu não aparecia no vídeo, naquele tempo era novidade, era uma coisa criativa, era um programa que explorava muito a face de cada entrevistado por isso precisava de muito close que, é a câmara bem perto, pra gente sentir as reações de cada entrevistado em função das perguntas que eram feitas, então a câmara ia passeando pelo rosto da pessoa, era interessante a coisa (...) E eu tive a oportunidade de entrevistar muita gente. A gente procurava sempre uma pessoa que tinha destaque na sociedade. Me lembro que nós levamos o poeta Ronaldo Cunha Lima, Itamar Celino, muita gente. (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08)

O referido programa trazia além dos políticos, pessoas de muitos outros ofícios da sociedade campinense, como também figuras folclóricas da cidade, o que dava um tom especial ao programa, assim nos revela o Sr. Assis Félix ao referir-se ao programa e as suas atrações: “muito interessante porque entrevistava não só as autoridades da cidade, mas as pessoas folclóricas também” (entrevista com o Sr. Assis Félix, em 14/03/08). Mas eram as figuras ilustres que sempre tinham destaque nas páginas do Diário da Borborema quando das suas participações nos programas de televisão, como demonstram as seguintes matérias:

O programa “O Eu de Cada Um”, apresentado todas as quintas pela Televisão Borborema por Eraldo César, apresentou ontem uma expressiva figura dos meios educacionais e intelectuais da cidade. Foi entrevistado o professor Severino Lopes Loureiro, diretor do Colégio Alfredo Dantas, que empolgou os telespectadores com suas respostas às perguntas formuladas pelo apresentador do programa<sup>97</sup>.

Às 20:00 horas de hoje, a TV Borborema estará mais uma vez apresentando o prestigiado programa “O Eu de Cada Um”, uma realização de Eraldo César sob a cobertura comercial da Cooperativa de Crédito da Paraíba Ltda. Estará sendo focalizada D. Déa Cruz, esposa do médico Aroldo Cruz e figura de conceito da cidade da sociedade campinense. Já podemos prever o sucesso do programa já que a entrevistada, não é uma senhora que se limita às suas obrigações familiares como dona de casa,

<sup>97</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 25/03/1965.

mas, exerce um verdadeiro papel de liderança nos Círculos sociais da cidade<sup>98</sup>.

A televisão também reproduzia lugares sociais e dava destaque àquelas pessoas que faziam parte de uma elite local, fossem políticos, educadores, “damas ilustres” etc. O que sempre se colocava em evidência eram suas posições dentro da sociedade, sua representatividade como indivíduos com uma certa influência dentro da sociedade campinense ou paraibana, como vimos nas matérias anteriores.

Devido à originalidade e a uma suposta tensão a qual eram submetidos os entrevistados, o programa era referência de sucesso sempre destacado nas páginas do Diário da Borborema, como podemos ver na seguinte matéria:

Não foi sem razão que o programa “O Eu de Cada Um” foi considerado o melhor programa de TV de 1964 e Eraldo César o melhor realizador. Cada apresentação do referido programa é uma vitória que se registra. Na última quinta-feira a comentada seqüência focalizou o brotinho Maria de Fátima Mamede, que além de responder com segurança todas as perguntas do Eraldo César, encantou a todos com a doçura de sua voz, acompanhando-se ao violão. A menina tem mesmo talento e valor. “O Eu de Cada Um” é cartaz do canal 9, conservando-se às quintas-feiras às vinte horas na televisão Borborema<sup>99</sup>.

Assim, também seguiram a mesma tendência os primeiros programas apresentados pela Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano, estes se constituíam de programas sociais que continham entrevistas, homenagens às pessoas dos mais diversos ramos da sociedade campinense. Como relata a própria apresentadora, ao relembrar dos seus primeiros programas,

o primeiro foi “Graziela: entrevistas e atrações”, depois “Graziela em sua casa”, depois “Graziela”; eu fazia de segunda a sexta, diariamente, e nos sábados eu fazia “Aos Sábados Recebemos”, era um programa excepcional, tava a elite de Campina Grande lá, e era de meio dia às duas horas da tarde (...) as mesas esparsas lá fora, lá em cima sabe, ai colocavam as mesas ali, garçons...e então escolhia uma pessoa para homenagear e eu mandei fazer um índio Ariús, um troféu bem delicado daí eu entregava o índio Ariús, tinha um conjunto tocando, o povo conversando; era uma beleza mesmo, era animado, todo sábado era gente demais. (Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano, em 05/08/08)

<sup>98</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande - PB (data ilegível).

<sup>99</sup> Consultar o Diário da Borborema, Campina Grande - PB, em 16/03/1965.

Os primeiros programas da TV Borborema também contavam com um público nos locais onde estes eram realizados, fossem em auditórios, salões, nos estúdios da própria TV; assim como nos programas consolidados pelas Rádios locais que envolviam muita gente nas suas realizações. Mas, agora as pessoas iam para serem vistas. Aparecer na TV Borborema era uma grande novidade e causava um certo sentimento de poder e de *status*. Segundo o Sr. Rômulo Azevedo, era costume as pessoas indagarem: “Já aparecesse na TV Borborema?”. Lembra ele que todo mundo queria aparecer, declamar um poema, tocar uma música, qualquer coisa. Ainda lembra o Sr. Assis Félix que as pessoas se empolgavam com tamanha tecnologia e buscavam o tempo todo usufruir daquela novidade, aparecer na telinha era um motivo de orgulho e satisfação, relata ele:

A pessoa aparecia na televisão, era um sucesso; e tinha gente que procurava até aonde estava se fazendo algumas filmagens de alguma coisa, alguma entrevista (...) e tinha gente que ficava ali doido para sair para ver se aparecia na televisão, principalmente quando tinha os programas de auditório todo mundo queria sair na televisão. (Entrevista com o Sr. Assis Félix, em 14/03/08)

Como não existia ainda uma grade fixa de programação local, a TV Borborema realizou vários programas, uma forma de experimentação, mas que tiveram vida curta. Os programas passavam por uma espécie de teste e dependendo da repercussão e do patrocínio ficavam no ar por mais tempo. Pela não existência de registros visuais e até mesmo pela escassez de registros escritos, foi bastante difícil para nós o acesso ao conhecimento de outros programas produzidos pela TV Borborema nos seus primeiros anos de existência. Em pesquisa no Diário da Borborema, encontramos referências de alguns desses programas que não foram citados pelos nossos depoentes, como: “*A Semana em Revista*”, apresentado por Sr. Joel Carlos; “*Se a Cidade Contasse*”, apresentado pelo Sr. Ary Rodrigues; “*Carrossel*”, apresentado por Silvinha Alencar; “*Juventude Bossa e Balanço*”, apresentado pela Sr<sup>a</sup> Gladys Emerenciano, “*Festival*”, também apresentado por Ary Rodrigues, “*A TV e a Sociedade*”, apresentado por Sevi Nunes, “*Na Corda Bamba*” e “*Magazine*”.

Os programas recebiam patrocínio do comércio local. E era através deles que os empresários e comerciantes faziam seus anúncios publicitários. Assim também ocorria com os programas a nível nacional que levavam o nome dos seus patrocinadores, como por exemplo, Repórter Esso, Patrulheiro Toddy, entre outros nomes como O Banco Industrial, Ron Montilla, Cooperativa Central do Crédito, Cavesa, Banco do Comércio de Campina Grande,

Socic, Publinorte, os quais deram suas contribuições para a realização da programação local realizada pela TV Borborema. Para os investidores era importante a boa recepção, o sucesso do programa, o que indicava boa divulgação dos seus respectivos produtos. Como Lembra o Sr. Assis Félix:

(...) interessante porque o povo sempre comentava no outro dia os acontecimentos e principalmente as pessoas que tinham comércio eles gostavam muito de saber se as pessoas estavam vendo o que estava se passando e se o comercial deles estava tendo sucesso na cidade. (Entrevista com o Sr. Assis Felix, em 14/03/08).

Nessa perspectiva, alguns patrocinadores famosos investiram em eventos de grande repercussão na cidade, a exemplo do carnaval. A festa de rua que na época era uma das principais manifestações do calendário festivo campinense ganhou também destaque na televisão. Patrocinadores como Rom Montilla, VARIG, CBA foram responsáveis pelo brilho do carnaval de 1965 na TV Borborema, fosse patrocinando a sua cobertura televisiva, fosse promovendo concursos como o de melhor fantasia do ano. Assim, a festa popular local também ganhou seus contornos nas programações televisivas possibilitando uma outra visualização de tal manifestação cultural. Nos clubes e nas ruas a TV Borborema fez-se presente registrando os momentos da festa e propagando-os através das suas câmeras para toda a cidade. Segue matéria:

### **CARNAVAL TAMBÉM NA TV**

A TV Borborema, durante este carnaval, estará prestigiando as promoções que venham acentuar o brilho do tríduo monimo de Campina Grande. Várias seqüências da sua vasta programação focalizarão materiais estritamente momesca, não se fazendo indiferente à grande festa popular do Brasil. Os esforços enviados por seus dirigentes não serão medidos, permitindo que os valores do nosso Canal 9 proporcionem aos telespectadores paraibanos uma linha de programas que se voltem ao aspecto em evidência. Deste modo, o carnaval estará também, presente às atividades da televisão campinense<sup>100</sup>.

A cidade começava a aparecer no vídeo em todos os aspectos. Tudo o que estava relacionado à cultura, à política, à sociedade campinense passou a contar com a cobertura da TV Borborema. Dessa forma, com o passar do tempo, uma cultura televisiva foi se definindo

<sup>100</sup>Consultar Diário da Borborema, Campina Grande - PB, em 27/02/1965.



e se concretizando no cotidiano dos seus habitantes e se fazendo cada dia mais presente em suas vidas com um meio de diversão, entretenimento e informação.

### **3.2 - A TV BORBOREMA: ENCANTAMENTOS E CONFLITOS**

No momento da chegada da sua primeira emissora de TV, Campina Grande contava com Rádios bastante consolidadas e para muitos o único meio de comunicação, entretenimento e informação utilizado. Como já mencionamos, o rádio fez parte da vida política, social e cultural da cidade, proporcionou lazer, entretenimento e encantou várias gerações com suas programações lúdicas que despertavam a imaginação e o sonho dos seus ouvintes.

Assim, a implantação da TV na cidade chegou como uma grande novidade e mexeu com as expectativas dos campinenses, mas também dividiu opiniões a respeito daquele veículo que ameaçava a hegemonia do rádio como meio de comunicação. Passadas algumas décadas dessa experiência do fazer televisão e da sua instituição, muitos dos que presenciaram a sua chegada no país e na cidade hoje têm suas idéias formadas sobre uma possível ameaça da televisão com relação ao rádio, das suas inovações como meio de comunicação, bem como suas limitações.

Com relação à linguagem da imagem imposta pela televisão, para muitos foi uma grande conquista, pois as pessoas passaram a conhecer lugares, paisagens, culturas, povos diferentes. A visibilidade apresentava-se agora no sentido da comprovação, do conhecimento "real", o ver passou a ter maior credibilidade do que o apenas ouvir, a partir da imagem, esta possibilitou o maior acesso ao conhecimento, definido aqui pelo que representa uma imagem televisionada pelo menos na concepção do Sr. Mário Araújo. Afirma ele que

(...) a televisão no Brasil abriu caminhos para que o povo conhecesse, através da imagem, as grandes conquistas da ciência, do desenvolvimento social do país e, também, que a gente pudesse conhecer as paisagens belíssimas desse país. (Entrevista com o Sr. Mário Araújo, em 14/07/08)

A imagem também favoreceu o reconhecimento nas ruas daqueles que foram trabalhar na TV e que muitas vezes passavam despercebidos por seus ouvintes do rádio, visto que no trabalho nesse último veículo o público era agraciado apenas pela voz do locutor, na televisão a exposição dava-se de forma mais intensa e assim não tinham como não serem reconhecidos,

como nos relata a Sra. Graziela, quando se lembra do seu trabalho no rádio e quando passou a trabalhar na televisão:

(...) foi bem diferente porque (no rádio) não se conhece a pessoa eu podia passar no outro dia, a pessoa olhava pra mim e não sabia quem era eu; ao passo que a televisão marca a pessoa. Ainda hoje – eu to muito diferente de quando eu deixei, eu tinha os cabelos grandes e, hoje, curtos - tem pessoas que me encontram e dizem: “e aí tudo bom”? - mas eu to tão diferente, aí dizem: “e a gente pode esquecer”!? (Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano, em 05/08/08)

Enquanto que para alguns a imagem abriu novas possibilidades de conhecimento, para outros ela veio para inibir a imaginação do ouvinte/telespectador. Segundo o Sr. Ivo Rodrigues, a imagem fala por si só.

Quando você liga a TV você está vendo tudo, você para de pensar, você não está pensando em nada, apenas vendo e ouvindo, mas no Rádio não, quando você liga você cria a imagem do que está acontecendo, exemplo: quando um carro atropela alguém, você cria a imagem do que está acontecendo é por isso que o rádio é mais importante que a televisão. A TV é morta! (Entrevista com o Sr. Ivo Rodrigues, em 03/10/08)

Mesmo que com diferentes percepções o fato é que a televisão mudou alguns hábitos dos seus consumidores que foram seduzidos, principalmente pelo seu maior diferencial do rádio, a imagem. Esta passou a influenciar comportamentos, práticas e instituiu novos códigos de sociabilidade. Segundo Luiz Costa Pereira Júnior (2002, p. 15)<sup>101</sup>, “a TV pauta nossas conversas, dita nossa hora de dormir, a decoração de nossas casas, a qualidade do que comemos e sabemos”. É assim que ela se constitui como algo já imbricado nas nossas relações sociais. Nesse sentido, parafraseando Daniel Piza (2002), concordamos que “histórias, reportagens, entrevistas, comentários e memórias abordam a multidão de implicações que partem daquele eletrodoméstico luminoso na sala. E provam que qualquer história do Brasil moderno não dirá nada se não “ouvir” a TV<sup>102</sup>.

Desse modo, podemos pensar a televisão como algo onipresente na vida das pessoas e ela se constitui como tal há algumas décadas. Mesmo com as críticas ferrenhas às quais esse

<sup>101</sup> JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A Vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano** (org.). Luiz Costa Pereira Júnior – São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2002.

<sup>102</sup> PIZA, Daniel. **A Vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano** (org.). Luiz Costa Pereira Júnior. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2002, p. 14.

veículo foi submetido durante um longo tempo e que ainda é alvo de conceitos depreciativos, não podemos negar que ela está presente constantemente nas nossas vidas, mesmo que não nos coloquemos sempre em frente ao aparelho de TV, mas discutimos comumente assuntos que foram veiculados a partir da TV, ela hoje se apresenta como o mais recorrente meio de informação e entretenimento. Ocupa não só vários espaços da casa, mas também as ruas, os bares, escritórios, consultórios, escolas, presídios, hospitais, repartições públicas... Estão aqui, ali, acolá levando a milhares de pessoas uma série de imagens, sons, ruídos, que se dissipam pelos quatros cantos e assumem múltiplas formas, dimensões, contextos, pois vão encontrando em seu caminho elementos que as transformam e filtram.

A televisão convergiu, como já discutimos, toda a técnica eletrônica desenvolvida na Modernidade, o som do rádio e a imagem do cinema. Um só aparato com as linguagens audiovisuais dos outros meios (rádio e cinema) que teve influência direta e marcante na vida do homem moderno em todos os aspectos. A TV transformou para o espectador ausente, o ato de ver numa linguagem cotidiana, assim o telespectador que, já encantado com a imagem em movimento do cinema, foi aos poucos incorporando a cultura televisiva ao seu dia-a-dia e abrindo mão do ritual de ir ao cinema, que até então era bem presente em suas vidas. Este ritual, por sua vez, transformou-se em uma prática de ruptura no cotidiano para estes, a partir do momento em que ir ao cinema exige todo um conjunto ritualístico, como: um deslocamento espacial para uma sala especial onde se devem respeitar alguns códigos de convivência e conveniência com outras pessoas, muitas vezes, desconhecidas.

Podemos adotar a idéia de que a televisão inaugurou uma nova dimensão na era da visibilidade, esta, apoiada pela tecnologia eletrônica, propiciou o contato privado dos indivíduos com o mundo através da telepresença. Assim,

a simples visão de qualquer fragmento do mundo miraculosamente produzido no vídeo, a sensação de que o mundo está quase presente ali diante dos olhos, o simples fato de estar ligado o aparelho receptor, são elementos capazes de ligar o telespectador, de amenizar a absurda solidão que possa sentir enquanto indivíduo solitário na massa gigantesca da grande cidade<sup>103</sup>.

Assim, a TV foi traçando seu percurso diferente e inovador de todos os outros já existentes meios de comunicação e entretenimento, definindo características próprias, mesmo que, às vezes, conflitantes com esse outros.

<sup>103</sup> SODRÉ, Muniz. *A Máquina de Narciso – Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 32.

O próprio rádio sentiu o impacto com relação aos seus horários, estes passaram a ser determinados pelos seus ouvintes a partir da consolidação da sua maior concorrente, assim nos informa o Sr. Antônio Lucena: “quem ouvia rádio em casa passou a ouvir só nos horários que não tinha programação de TV” (entrevista com o Sr. Antônio Lucena, em 03/10/08). Para um maior conforto dos telespectadores diante da “caixa mágica”, algumas regras começaram a ser impostas, principalmente aos telespectadores de alguns bairros periféricos que conviviam ainda com a experiência da comunicação e entretenimento a partir dos sistemas de difusoras.

Tomamos como exemplo a Difusora do Sr. Gaúcho que funcionou no Bairro José Pinheiro, localizada na zona leste da cidade, até meados dos anos 80. Desde as suas primeiras transmissões nunca tinha ocorrido nenhuma alteração com relação aos horários da sua programação diária, lembra o Sr. Pedro Farias, filho do Sr. Gaúcho e colaborador da Difusora “*A Voz do Bairro José Pinheiro*”. Relata ele o momento da primeira quebra de rotina daquele sistema de difusão tão presente na vida dos moradores daquele bairro: “nós mudamos o horário da noite para à tarde porque tinha muita gente que já possuía televisão, queria ver novela, aí então esse tipo de atrativo foi tornando-se obsoleto (...)” (Entrevista com o Sr. Pedro Farias, em 16/01/06)

Algumas programações do rádio também foram perdendo espaço para a televisão, como foi o caso das rádios-novelas. Estas eram uma das programações de maior sucesso do rádio e foram, posteriormente, suplantadas pela telenovela. Em Campina Grande, tivemos produções de muitas rádios-novela que atingiram grande repercussão, que com suas tramas melodramáticas de sucesso, ficaram marcadas na memória dos campinenses, títulos como: “*Aos Pés do Tirano*”, escrito por Eduardo Campos, “*Maria La-ô*”, de Fernando Silveira, “*Virgulino Ferreira, O Rei do Cangaço*”, de Luiz Quirino<sup>104</sup> etc, deram mais emoção às noites dos cidadãos que ao pé do rádio escutavam as narrativas novelescas e se emocionavam com os personagens de quem só se conhecia a saga através da oralidade. Corpos, rostos e situações ficavam por conta da imaginação dos ouvintes. Mas apesar de todo o sucesso das rádios-novela, estas não tiveram condições de competir com as produções novelescas da televisão. A televisão tinha condições de acrescentar às tramas já tão envolventes os corpos e rostos em meio a uma sequência de paisagens, cenários, reproduzidos a partir de imagens. Lembra o Sr. Eraldo César, ao narrar sobre a sua atuação como rádio-ator da Rádio Borborema e da entrada da televisão como produtora também do gênero:

---

<sup>104</sup> Títulos fornecidos pelo Sr. Hilton Mota em entrevista ao Sr. Ronaldo Dinoá. Ver DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Campina Grande: Editora Eletrônica, 1993. volume I, . p. 347.

(...) comecei como rádio-ator fazendo pontinha na novela e fui o último galã das novelas da Rádio Borborema aí a novela acabou com o Anjo Negro, esta foi à última novela, eu e a Janete Alves começamos a sentir o efeito da televisão, era muito mais atrativa, não tem nem comparação a novela da televisão com a do rádio (...). (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08)

A tentativa de produzir novelas a partir da TV Borborema constituiu-se como mais um desafio, mas este foi frustrado pela dificuldade técnica e de recursos financeiros. As técnicas utilizadas nos estúdios das Rádios e muito bem sucedidas perdiam sentido para as novelas da televisão. Devido a essas dificuldades, a TV local não teve muito sucesso com a produção desse gênero na cidade, encontramos apenas um registro de um roteiro de novela para a TV Borborema:

#### **PRIMEIRA TELE-NOVELA NO CANAL 9**

Por uma iniciativa pioneira da Publinorte Ltda, será levada ao canal 9, sob a direção de Paulo Silveira, a primeira tele-novela, estando em ensaios os seus primeiros capítulos, e o início marcado para o domingo próximo dentro de “O Domingo é Nosso”. O elenco de “Anjo com cara de Demônio” está composto por elementos do cast de atores da Rádio Borborema, enriquecidos por outros nomes bastante aplaudidos pelo público admirador desse gênero artístico. Paulo Silveira, Maria de Jesus, Ramalho Filho, Amaury Capiba, Marilda Ferreira, Ary Rodrigues, Walmir Chaves, Eraldo César, Dora Guimarães, Eneide, Erivaldo e outros aplaudidos nomes do rádio-teatro campinense, estarão em ação aos domingos na tele-novela “Anjo com cara de demônio”<sup>105</sup>.

Mesmo sem alcançar o mesmo sucesso das rádios-novela, os profissionais acima citados queriam experienciar o gênero como produção televisiva local. O entusiasmo dos profissionais da TV Borborema superava as dificuldades, sempre acreditando que podiam fazer todo tipo programação, mesmo que com a vivência fossem descobrindo as limitações, pelo menos da técnica, que não os favoreciam muito no desempenho das suas funções. Sem condições para se produzir novelas na televisão local, os campinenses passaram a acompanhar os enredos das produções do sudeste do país. Estas, depois de transmitidas lá, chegavam aqui e assim como eram feitas em outras localidades do país passavam a ser retransmitidas pelas suas respectivas emissoras locais.

Outro tipo de programação que também passou a sentir o impacto da televisão foram os programas de auditórios promovidos pela rádio e tão prestigiados pelos campinenses que

<sup>105</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 19/03/1965.

freqüentavam os espaços para se divertirem com as programações que eram ali realizadas: shows de calouros, programas humorísticos, apresentações de grandes nomes da música, locais, nacionais e até internacionais. Assim relembra o Sr. Hilton Mota em entrevista ao jornalista Ronaldo Dinoá:

Durante todos os anos 50 e em grande parte dos anos 60, os programas de auditórios da Rádio Borborema fizeram um sucesso estupendo. Todas as noites, as filas eram enormes, o auditório ficava superlotado. Muita gente tinha cadeira cativa; Luiz Soares, por exemplo, tinha duas cadeiras cativas, comparecia todas as noites para assistir aos programas, que eram variados e divertidos. Com o aparecimento da televisão por essas bandas, no início dos anos 60, a coisa foi mudando: os empresários da rádio-difusão foram, paulatinamente, se dividindo, se desorganizando, visando apenas o sucesso das suas próprias emissoras. Assim, a televisão foi se impondo como o mais importante veículo de comunicação (...) <sup>106</sup>.

Assim, a televisão foi conquistando o seu espaço e se tornando a concorrente principal do rádio em se tratando de algumas programações, como pudemos ver, as mais destacadas programações do rádio foram adaptadas para o novo veículo e muitas se perpetuaram na grade de programas da televisão, a exemplo dos programas de auditório e as telenovelas.

### **3.3 – UM LUGAR QUE SEDUZ: CÂMARAS QUE DESPERTAM SONHOS**

A TV Borborema já se constituía como mais um projeto realizado na cidade, e a partir de 1963 começou a traçar a sua história como primeira emissora de televisão do estado, assim como tinham planejado os seus idealizadores. Desde 1963, passou a fazer parte da vida dos campinenses que se envolveram de várias formas com aquele veículo de comunicação que ia fascinando, cada vez mais, o telespectador. A sedução acontecia não só pela novidade tecnológica, mas também porque a emissora firmava-se como uma empresa e, como tal, necessitava de profissionais, surgia assim junto à emissora mais um campo com oportunidades de trabalho para os campinenses.

Nessa perspectiva, para compor o quadro de profissionais e acrescer os que vinham do rádio, a emissora realizou alguns testes para descobrir novos talentos que pudessem desenvolver atividades frente às câmaras como apresentadores, garotas ou garotos propagandas. O sonho de moças e rapazes foi aguçado, e muitos ali foram para tentar a sorte.

Assim nos relata a Sra. Clotilde Tavares no momento em que viu na oportunidade de trabalhar como garota propaganda a chave que lhe abriria novos caminhos:

Em 1963 - penso eu - a emissora se instalou em fase de testes num dos andares do "prédio de Newton Rique", ou edifício do banco Industrial, não sei que nome tem agora. E então eu, com 16 anos, soube que havia testes para "garota-propaganda". E lá fui eu, e na entrevista com um cara do Recife chamado Ewerton Visco, que era o diretor geral, ele achou que eu era desenrolada demais para ser "apenas" garota-propaganda e me pediu uma proposta de programa de meia-hora sobre assuntos de mulher. Eu, cuja ambição nessa época era ir morar em Paris e ser estilista de moda (imagine!) inventei um programa com vários quadros - entrevista, maquilagem, moda, comportamento - e ia ao ar ao vivo, uma coisa que hoje acho infantil e precária, mas que na época era o *must!* Foi ao ar umas quatro ou cinco vezes, não me lembro bem... O programa se chamava "*Falando de Beleza*", imagine! Eu, que sempre fui considerada "feia", com um programa com esse nome. Eu não recebia um centavo por isso". (Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Clotilde Tavares, em 21/11/08)

A televisão, diferentemente do cinema, mostrava-se como algo mais real no sentido de as pessoas buscarem uma oportunidade de aparecer e conseguir mostrar os seus talentos. Muitos jovens procuravam a Televisão Borborema no intuito de prestarem a sua colaboração e quem sabe ascender e tornar-se um profissional daquele novo meio, ou até mesmo ganhar projeção e tornar-se um artista conhecido, como fez o rádio, que no seu auge revelou grandes talentos da música brasileira. "A televisão herdava do rádio e do cinema as funções de máquina de fazer mitos, se aproveitando de maior intimidade com que disputaria o espaço doméstico e o cotidiano dos seus espectadores"<sup>107</sup>.

No início, muitos trabalharam de graça, a intenção era mais de colaborar com a consolidação da TV na cidade, como foi o caso de alguns apresentadores, como os já citados Sr. Antônio Lucena e a Sr<sup>a</sup> Clotilde Tavares. É notória a empolgação dos funcionários com a televisão pioneira no estado, bem como com o alimento do imaginário do *status* que envolvia também os que trabalhavam na TV Borborema. Fazer parte deste espaço era visto como um privilégio, privilégio este relacionado mais com o fato de se estar ligado a um veículo de comunicação promissor e ainda envolto de muitas expectativas do que pelo o que ele proporcionava em termos de condições financeiras não que eram tão atrativos assim. Segundo nos revela o Sr. Assis Félix,

<sup>107</sup> SEVCENKO, Nicolau. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.613.

(...) na época eu era apenas um assistente de estúdio, mas quando andava nas ruas com a farda da TV as pessoas comentavam: “mas rapaz! este “caba” trabalha na televisão, nossa!”, quando eu ia ao cinema não precisava nem pagar, já me mandavam entrar porque eu trabalhava na televisão, era um emprego como o público, mas a questão era o *status* porque na época eu ganhava quase nada, um salário mínimo. (Entrevista com o Sr. Felix Araújo, em 14/03/08)

Nessa perspectiva, muitos outros colaboradores no início das primeiras experiências televisivas na cidade, vivenciaram essa realidade. A falta de pessoal especializado para o novo meio, bem como o encantamento das pessoas com essa “caixa mágica” favoreceram o aparecimento de muita gente aos estúdios da TV Borborema à procura de um lugar na telinha, fosse como apresentador, cantor ou mesmo como figurantes nos anúncios publicitários. Estes que ainda não dispunham de uma técnica que possibilitasse uma melhor elaboração e exibição dos anúncios, contavam apenas com a desenvoltura e a beleza dos garotos e garotas propagandas. Foram esses personagens responsáveis durante um bom tempo pela apresentação dos produtos patrocinadores das programações televisivas. Muitos passaram pelos estúdios da TV Borborema emprestando seus mais variados talentos para abrilhantar os enredos publicitários da época.

Não é apenas como locutora que Marilda Ferreira constitui um dos bons valores da nossa TV. É também bastante admirada como “garota propaganda”. Elegância e inteligência justificam o seu êxito diante as câmaras do canal 9<sup>108</sup>.

Mas nem todos tinham o desempenho e a elegância de Marilda Ferreira, acima descrita em nota do Diário da Borborema. A pouca técnica e a imaturidade de alguns que por aqueles estúdios passaram proporcionaram situações pouco confortáveis para uma programação televisiva ao vivo.

O amadorismo do pessoal e a pouca técnica davam margem para acontecimentos em sua maioria engraçados que envolviam os profissionais da TV presentes em estúdios pequenos e muito quentes devido à grandiosidade das suas aparelhagens e dos refletores potentes ali colocados para a realização dos programas. Mas estavam todos, de uma maneira ou de outra, integrados no mesmo projeto realizando suas atividades, muitas delas artesanais,

---

<sup>108</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 21/02/1965.



o que provocavam algumas gafes, como nos revela o Sr. Assis Félix: “tinham as garotas propagandas que mostravam os anúncios em cartolina e tinta guache. Às vezes apareciam as mãos da gente (...)” (Entrevista com o Sr. Assis Félix, em 14/03/08). Mesmo assim, afirma ele que o trabalho na televisão era divertido e prazeroso, não menos trabalhoso, e que exigia muita maestria e desenvoltura em tempos de pouca tecnologia para se fazer televisão.

O novo meio favorecia aos anunciantes a imagem das suas marcas e uma certa teatralização que se fazia ao vivo dentro dos estúdios. As garotas propaganda embelezavam os textos dos anunciantes no momento em que ao lado do produto apresentavam estes aos telespectadores. Geladeiras, tecidos, outros tipos de eletrodomésticos, ganhavam destaque nas mãos das moças bonitas vindas dos bairros populares da cidade, fazer “pontas” nos anúncios publicitários da TV Borborema. Muitas delas de pouca idade e ingênuas, o que em parte justificavam suas atitudes que causavam algumas situações hilárias e deixavam os apresentadores sem saída, como nos revela o Sr. Assis Félix, ao narrar um desses episódios hilários:

Os comerciais ao vivo na televisão davam um trabalho enorme até porque traziam todos os móveis: geladeiras, camas, guarda-roupas, tudo isso subia para os estúdios para serem montados e mostrados. Hoje o povo vai até as lojas e fazem transmissões externas, mas antes tinham que trazer os móveis e eletrodomésticos, dava uma trabalhadeira grande. Se montavam quartos, cozinhas, sala, para que a noite a garota propaganda mostrasse ao vivo. Uma vez no programa “Domingo Alegre” ia ter um comercial da geladeira Cônsul e no programa tinham umas moças do José Pinheiro que faziam como as chacretes, ficavam com aquelas saias curtas dançando por ali. Elas trocavam de roupa dentro do estúdio onde aconteciam os comerciais. Na ocasião, dentro da geladeira tinham quitutes, crush, coca-cola (...) e as moças não sabiam que aquilo ia ser filmado, elas abriram a geladeira e começaram a comer as coisas. Quando focalizaram a geladeira na hora do comercial estava tudo revirado dentro da geladeira (...) foi uma confusão danada! (Entrevista com o Sr. Assis Félix em 14/03/08)

Essas eram situações comuns naqueles anos das primeiras transmissões ao vivo e o que tornava as programações mais divertidas, pois os telespectadores sempre ficavam na expectativa de algum deslize inesperado e engraçado.

Ao final das quatro horas de programação televisiva do dia, as transmissões eram encerradas com a escala da programação do dia seguinte, e com um fundo musical de uma cantiga de ninar era anunciado o texto final: “Senhores telespectadores nós agradecemos pela sua honrosa audiência e convidamos para amanhã a partir das 18 horas assistirem a seqüência da programação. Boa noite numa gentileza toda especial do Banco Industrial de Campina

Grande onde você é mais importante de que qualquer importância. Boa noite e até amanhã”.  
(Entrevista com o Sr. Assis Felix, em 14/03/08)

Embalados pela bela canção “boi, boi, boi, boi da cara preta...”, os campinenses encerravam o seu dia às onze horas com mais uma despedida da programação televisiva da TV Borborema que introduzia suas últimas mensagens às portas do sono. Assim a televisão começava a se definir como um meio midiático com potencialidade de organizar, de antemão, nossos trabalhos e até nossos sonhos. Nosso cotidiano nunca mais teria o mesmo ritmo.

“(…) a TV é um mediador de parte significativa de nossas relações sociais”.

(Daniel Piza)

## CAPITULO 4

### DISCURSOS E PRÁTICAS QUE CONSTRUÍRAM A TRAJETÓRIA DA TV BORBOREMA

Partindo do pressuposto de que na “maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 2004)<sup>109</sup>, nos arriscamos em reconstituir um período envolto de identidades que perpassarão tanto imagens de um tempo de outrora, como também imagens do presente. A memória, aqui revisitada por nós, será o ponto de encontro entre esses dois tempos. Sendo assim, como afirma Bosi (2004), “deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’ e que se daria no inconsciente de cada sujeito”.

Ao analisar os discursos dos sujeitos que vivenciaram a chegada da TV em Campina Grande, percebemos que os mesmos continuam a legitimar a idéia de progresso que os jornais tentavam imprimir aos campinenses no momento da sua implantação na cidade. Partindo do presente enveredamos por um passado que vem à tona através de lembranças que, seguindo uma trajetória temporal, chega até nós com minúcias e requintes, bem como selecionadas e (re) inventadas. É assim que os nossos depoentes que vivenciaram tal momento criam suas representações a respeito dessa experiência.

Com a instituição da TV, seus avanços tecnológicos e o seu impacto no cotidiano dos indivíduos tornam-se compreensíveis as narrativas de alguns de nossos informantes ao criarem e legitimarem no presente uma imagem positiva sobre a chegada da primeira emissora de TV em Campina Grande como sendo a pioneira da Paraíba; um aparato tecnológico moderno que colocou Campina Grande como uma cidade de destaque. Assim como afirma Bosi (2004), “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”<sup>110</sup>.

Nesse sentido, as falas dos nossos informantes demonstram a satisfação em ter sido Campina Grande a primeira cidade do estado a receber uma emissora de TV. Seguindo por essa assertiva, passaremos a descrever algumas dessas imagens construídas por eles a partir de algumas perspectivas. Para o Sr. Eraldo César, a iniciativa proporcionou mais um sentimento de orgulho para os campinenses. Narra ele:

<sup>109</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55.

<sup>110</sup> Idem. p. 55.

Campina Grande é uma cidade muito querida pelos seus filhos, pelos que aqui vivem. Eu me entusiasmo muito com os programas nessa cidade. Eu até hoje faço um programa de rádio citando o dia-a-dia de Campina Grande, o que está acontecendo na nossa cidade, e a televisão demonstrou e provocou em cada um de nós esse sentimento de orgulho pela cidade em que a gente vive, exatamente por isso porque a televisão é um aspecto tecnológico muito grande, no mundo inteiro e a gente ver uma cidade do interior, além de ser Nordeste, no interior da Paraíba ter a sua emissora de televisão. (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08)

Ainda, o Sr. Rômulo Azevedo reforça a importância da iniciativa para a cidade do mesmo modo que a coloca como uma cidade que já se destacava em muitos setores, explica ele:

(...) naquele tempo Campina Grande vivia uma efervescência comercial, industrial, educacional. Quando naquele tempo foi instalada, Campina Grande era o 13º município brasileiro em importância. Então nós tivemos televisão na frente de 13 capitais, para nós foi um orgulho, foi uma coisa muito importante. (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo em 23/09/08)

O pioneirismo de Campina Grande é uma das características mais enfatizadas pelos informantes que vivenciaram a chegada dessa novidade tecnológica, o que proporcionou mais um destaque para a cidade, assim explica o Sr. Antônio Lucena, ao relatar o significado da chegada da televisão para Campina Grande: “(...) a cidade ficou muito destacada. Foi muito importante para Campina Grande. O pessoal de João Pessoa se admirava muito porque a cidade não sendo capital tinha merecido esse destaque no campo das comunicações” (Entrevista com o Sr. Antônio Lucena, em 03/10/08).

A concepção do progresso também aparece nas falas dos nossos depoentes. A novidade no campo das comunicações passou a fazer parte do cotidiano dos campinenses a colocando à frente das demais cidades do estado e até mesmo de muitas outras cidades do nordeste até de maior porte, ressalva o Sr. Antônio Lucena:

A gente sente uma idéia nova de um progresso estar surgindo e que a cidade nem esperava isso. Ela passou a participar de um progresso no plano da comunicação social, da mídia que naquele tempo ninguém esperava que acontecesse com Campina Grande. Era um destaque muito grande aqui no Nordeste. (Entrevista com o Sr. Antônio Lucena, em 03/10/08)

Ainda ao se referir ao impacto da chegada da primeira emissora de televisão na cidade, o Sr. Mário Araújo ressalta a projeção de uma imagem criada para os campinenses com o intuito de demonstrar a paixão destes, como um sentimento coletivo de satisfação, pela cidade e por tudo que nela se instaura como símbolo de desenvolvimento e progresso, para ele esse impacto se refletiu na

(...) vaidade, do “campinismo” que é um sentimento que foi criado em Campina por um homem de rádio e de televisão, nós temos aqui uma paixão pelas coisas de Campina Grande que se chama “campinismo” isso foi criado por Hilton Carneiro Mota que foi um dos pioneiros da radiodifusão da Paraíba, de Campina Grande. (Entrevista com o Sr. Mário Araújo, em 14/07/08)

Campina Grande é uma cidade que apresenta em sua trajetória um forte apelo de engrandecimento por parte de alguns grupos privilegiados da cidade. A partir dos discursos desses grupos, que quase sempre fazem parte de uma elite letrada local (profissionais liberais, políticos, empresários etc) a cidade foi e continua sendo projetada através de imagens idealizadas por eles, como forma de refletir nelas, realização de uma cidade pensada para e por eles.

#### **4.1 - “A MAGIA DA IMAGEM”: RECEPÇÃO DA PRIMEIRA EMISSORA JUNTO AOS CAMPINENSES**

Lugares, paisagens, corpos, gestos, costumes, práticas estão sempre passando por reelaborações, mudanças que acompanham as transformações sociais, culturais que definem outros *ethos* envoltos por novas vivências, códigos de sociabilidades, sensibilidades de viver, apreender e se apropriar do mundo ao seu redor. Assim, muitos dos mecanismos tecnológicos que chegam para nós instituem outros lugares, espaços os quais passam a desenrolar novas relações dos sujeitos com o seu meio e com o outro. Espanto, encantamento, satisfação, são variações inevitáveis de muitos sentimentos que marcam estes sujeitos no momento em que são submetidos a esses novos mecanismos.

Buscaremos aqui perceber de que forma se manifestaram esses sentimentos nos campinenses com a chegada da primeira emissora de TV na cidade. Nosso intuito é descobrir algumas das modificações que esta impôs aos cidadãos, como também discorrer sobre as

múltiplas relações que os campinenses passaram a estabelecer entre si e com a cidade a partir dessa novidade.

Iniciemos nossas próximas linhas narrativas com uma observação do autor Jorge José B. Santana (2007), quando relata em seu livro: “A televisão pernambucana por quem a viu nascer”, o possível impacto que a televisão provocaria no cotidiano das pessoas nos seus primeiros anos de existência na capital pernambucana, cidade que primeiro recebeu estações de televisão do estado e da região Nordeste. Formula ele:

Do alto, as antenas dos novos veículos de comunicação contemplavam a população da cidade envolta em hábitos, costumes e tradições enraizados, sem se dar conta de que em breve essa cultura estaria passando por significativas transformações<sup>111</sup>.

Em Campina Grande, não foi diferente. A chegada da sua primeira emissora de televisão instituiu novas práticas no cotidiano dos campinenses. Essas foram se processando de forma gradativa de acordo com os avanços técnicos que tornavam cada vez mais propícias a captação de imagem pelos televisores nas casas do seu público telespectador. Com uma melhor qualidade, a televisão foi ganhando ainda mais espaço na vida das pessoas e foi aos poucos se firmando como o mais destacado meio de informação e, sobretudo, de diversão que definiu novos comportamentos dentro e fora dos lares campinenses.

Nos anos 60, Campina Grande contava com alguns espaços de lazer e diversão, dentre os quais existiam os clubes freqüentados pela elite campinense, da mesma forma que existiam os mais populares; além de bares, cinemas, auditórios das rádios e o recém inaugurado Teatro Municipal Severino Cabral<sup>112</sup>. Era uma cidade que possuía opções de diversão e lazer para os diferentes grupos sociais<sup>113</sup>. Lembra-nos o Sr. Antônio Lucena:

Como em toda cidade daquela época tinham festas nos clubes, partidas de futebol, bailes de assustados, festas nas casas. Tinha o Clube 31, tinham o Ipiranga, o Paulistano (...) e a televisão veio entrar no meio disso tudo. (Entrevista com o Sr. Antônio Lucena, em 03/10/08)

<sup>111</sup> SANTANA, Jorge José B. *A Televisão Pernambucana por quem a viu nascer*. 2. ed. Recife: Ed. do Autor, 2007, p. 16.

<sup>112</sup> O principal Teatro da cidade foi inaugurado em 30 de novembro de 1963, na gestão do Prefeito Severino Cabral.

<sup>113</sup> Sobre diversão e lazer em Campina Grande ver SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. UFPE, Recife, 2002, Doutorado em História.

Dentre estes lugares de diversão, os cinemas eram, talvez, os lugares mais freqüentados pelos jovens que se encantavam com as histórias de mocinhos e bandidos das produções cinematográficas, como nos relata a Sr<sup>a</sup> Clotilde Tavares:

Havia os cinemas, Capitólio, Babilônia, com três filmes por semana, que mudavam assim: 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> um filme; 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> outro e 6<sup>a</sup>, sábado e domingo, outro filme. No domingo tinha uma sessão pela manhã, a matinal, geralmente bang bang e ingresso mais barato. Havia ainda o cinema São José e o Cine Avenida, mas esses não tinham sessões todos os dias e eram freqüentados por pessoas de bairros. A “sociedade” freqüentava somente o Babilônia e o Capitólio. (Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Clotilde Tavares, em 21/11/08)

Para além desses espaços fechados, os campinenses desfrutavam também de espaços abertos mais democráticos para suas diversões, entretenimento e lazer. Muitos desses espaços serviam de cenários para as manifestações festivas em algumas datas específicas, como nos períodos de carnavais, desfiles de 7 de setembro etc, festejadas nas principais ruas da cidade. Essas ruas também eram freqüentadas quase que diariamente pelos jovens que gostavam de passear, conversar e paquerar naqueles espaços alegres e com uma maior variação de público, uma dessas ruas era a Maciel Pinheiro. No domingo a rua transformava-se no *point* daquela juventude cheia de anseios e sonhos; assim relembra a Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano:

A Maciel Pinheiro à noite era o ponto de encontro entre rapazes e moças, era ponto de encontro de todo domingo. Era o programa da juventude – iam para missa e quando voltavam iam tudo para Maciel Pinheiro e ficavam lá, era passeio, animação, namoro, era aquela fofoca, tudo bem arrumadinho (...). (Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano, em 05/08/08)

Esses espaços fechados e abertos eram algumas das opções que ditavam o ritmo e as práticas das diversões desfrutadas pelos campinenses da época. Mas como uma outra opção de lazer surgiu à televisão caracterizada como um lazer mais doméstico que aos poucos foi tirando os cidadãos das ruas e os prendendo em frente de suas pequenas telas. Essa foi uma das principais modificações que a televisão proporcionou não só aos campinenses, mas aos brasileiros de uma forma geral; modificação essa representada pela seguinte assertiva: “com Henry Ford, a família saiu de casa. Com a TV, a família voltou para casa”. O espaço privado



passou a ser um lugar da reunião e da coexistência entre as pessoas em torno de uma “caixa luminosa”<sup>114</sup>.

Como já abordamos, no início das tele-transmissões no Brasil a aquisição de um aparelho receptor era restrito a uma minoria devido ao seu alto custo. Parafraseando Inamá F. Simões (1986) de início, o televisor é uma atração para a vizinhança, um símbolo de prestígio e diferenciação social<sup>115</sup>.

Em Campina Grande, também foi vivenciada essa experiência. Poucos moradores podiam exibir em suas salas aquele objeto luminoso que se anunciava tão encantador, fossem nas páginas dos jornais, fossem nas conversas pelas ruas, nas propagandas das revistas... Mas quem o tinha era um privilegiado e se caracterizava como uma pessoa de *status* e abastada. A antena, colocada no alto das casas mesmo sem ainda o cidadão possuir um aparelho de televisão, já anunciava o sonho de consumo de muitos; o televisor em si era o símbolo de uma família com poder aquisitivo. Ao nos relatar suas memórias, o Sr. Assis Felix deixa explícita a mentalidade da época: “naquela época era uma coisa engraçada, quando dizia que uma pessoa casou e dissesse que na casa tem televisão e geladeira a pessoa era rica” (Entrevista com o Sr. Assis Felix, em 14/03/08). As pessoas comentavam tamanho feito de se casar e já possuir tais bens, dentre eles um televisor.

Ainda com relação a esse tão desejado bem de consumo, nos relata o Sr. Eraldo César ao lembrar-se da aquisição do seu primeiro aparelho de televisão:

Eu tenho orgulho de dizer a você que isso aconteceu em 1960 porque foi quando eu me casei. Eu fiz três loucuras ao mesmo tempo (loucura entre aspas), eu comprei uma casa, comprei um carro e me casei, e a casa veio com o meu sonho de ter minha própria casa, bonitinha... lá no bairro São José e com a casa veio o entusiasmo pela televisão, e eu tenho a impressão que eu fui um dos primeiros a possuir uma TV colorida em Campina Grande para colocar na minha casa, mas eu não me lembro bem do aparelho de TV, não sei se o aparelho era preto e branco, acho que era colorido! Não, acho que era preto e branco mesmo. (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08)

Com as restrições de se adquirir um aparelho de televisão, o momento fez surgir situações que marcaram o período de transição entre aqueles hábitos do sair às ruas para passeios, das conversas nas calçadas à noite para o novo que se instituía o enclausuramento das pessoas em suas casas prestigiando as programações televisivas. Uma dessas situações foi

<sup>114</sup> SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In: *Um País no ar: história da TV em três canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 26.

<sup>115</sup> Idem. p. 26.

o aparecimento do “televizinho”. Mas chamamos a atenção para um aspecto importante, o surgimento da televisão não provocou uma ruptura brusca com velhos hábitos, no máximo ela provocou uma convivência entre velhos e novos hábitos. No caso da prática das pessoas saírem à noite para rua, passear e sentar nas calçadas resistiu por um tempo, mas agora a ocupação das calçadas, terraços dos vizinhos era para a apreciação da televisão, já não era mais para as conversas prolongadas, agora se fazia necessário o silêncio, a união deu lugar à reunião. O “televizinho” seria uma dessas “composições híbridas entre o antigo e o novo”. Partimos assim ao encontro desses personagens na cidade de Campina Grande.

#### 4.2 - O “TELEVIZINHO” EM CAMPINA GRANDE

A existência e presença do “televizinho” foi uma realidade que fez parte de muitas cidades brasileiras. O espaço privado do lar, daqueles mais abastados, passou a acolher parentes, amigos e vizinhos que lotavam suas salas, terraços diariamente numa espécie de ritual. Assim, uma nova forma de sociabilidade se instituiu. O anfitrião nada podia fazer a não ser compartilhar sua privacidade com alguns curiosos, ávidos em ver as imagens e ouvir os discursos emitidos na tela da TV, até então, inusitado e curioso aparelho. Em contrapartida, e em detrimento de toda a perda de privacidade, sentia-se o anfitrião amplamente orgulhoso por seu privilégio em ostentar o seu poder por possuir um aparelho de televisão. Nesses termos, descreve Luiz Augusto Milanese, citado por Inimá F. Simões (1986), ao se referir a esse novo personagem:

(...) lá ficavam duas ou três horas, olhos fixos no vídeo, assistindo a alguns programas (...) de vez em quando se informava sobre um problema técnico e entrava a imagem-padrão. Volta e meia ou daqui a pouco o prometido não vinha, mas ninguém desistia. Esparramado em sua poltrona favorita, o felizardo reinava sobre os plebeus televisinhos espalhados pela sala. Apesar do incômodo senta-levanta para eventuais reajustes na imagem, insistia em ser o único a mexer nos botões. No dia seguinte fazia questão de comentar entre os colegas de trabalho tudo o que vira na véspera<sup>116</sup>.

Esses personagens também fizeram parte da realidade campinense, fossem nos bairros mais populares ou nos mais elitizados. Os “televizinhos” estavam presentes “invadindo” as

---

<sup>116</sup> SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In: *Um País no ar: história da TV em três canais*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 28.

casas daqueles mais privilegiados que se prestavam a receber os seus para compartilhar da novidade tecnológica. Sobre eles nos lembra o Sr. Rômulo Azevedo:

Naquele tempo tinha um negócio chamado “televizinho”, que era você ir pra casa do vizinho para assistir televisão. Então na rua que meu tio morava só tinha dois aparelhos, o dele, e o de um dentista chamado doutor Nilmar, que já morreu. Então era cheio todas as noites, e era um abuso porque todo mundo queria ver, e o cara tinha que deixar mesmo. As casas eram cheias, no terraço ficava aquele povo olhando aquela máquina estranha que mostrava as pessoas falando, se mexendo. (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo, em 25/09/08)

Tal prática foi vivenciada por muitos dos nossos depoentes que tiveram o primeiro contato com o curioso aparelho ainda na década de 50, período que chegaram à Campina os primeiros exemplares ainda muitos raros. Lembra-nos o Sr. Mário Araújo da sua experiência como “televizinho”:

Eu fui televizinho durante algum tempo, eu morava em frente à estação rodoviária (antiga rodoviária - Rua Tavares Cavalcante) e à noite eu ia sempre pra casa do meu amigo, meu vizinho, uma pessoa excepcional que foi diretor da Recebedoria de Renda de Campina Grande, um autodidata, um homem que gostava de literatura e de tudo e foi um dos pioneiros na compra de televisão em Campina, eu era vizinho dele e passei de oito a dez anos vendo a televisão do Sr. João da Cunha Lima, por sinal tio do Dr. Ronaldo Cunha Lima e uma das grandes figuras dessa cidade. Comprei minha televisão depois de uns seis a oito anos depois da chegada da TV Borborema em Campina Grande. (Entrevista com o Sr. Mário Araújo, em 14/07/08)

As ruas centrais, assim como as dos bairros campinenses, passaram a experienciar, aqueles novos hábitos. A televisão agora era o foco de atenção que instigava vários sentidos, o ouvir, o olhar, e provocava sensações, gestos estimulados pelas imagens projetadas naquela telinha, ações essas vivenciadas por um grupo telespectador que dividiam o mesmo espaço em frente àquele objeto na expectativa do que seria apresentado em programações ainda muito improvisadas. A realidade em algumas casas passou a ser a mesma vivenciada pela Sr<sup>a</sup> Clotilde Tavares naquela época:

Na minha casa e na minha vizinhança o que houve foi uma mudança de hábitos no que se refere à forma de “passar a noite”. Antes da TV, quando acabava o jantar, ouvia-se rádio, conversava-se. Lá em casa a gente lia muito mesmo. As crianças brincavam na rua e os jovens namoravam no

portão, ou se reuniam em rodinhas na calçada tocando violão. Os vizinhos iam na casa uns dos outros. Não havia o hábito de sair de noite de casa. Com a TV, toda "a rua" se reunia na casa de quem tinha o aparelho para ver os programas e as novelas, principalmente os adultos e crianças. Os jovens como eu, podiam namorar sem muita fiscalização. (Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Clotilde Tavares, em 21/11/08)

A paisagem urbana noturna da cidade começava a assumir outras formas, a TV passava a ser um grande atrativo lúdico para a maioria dos campinenses. Com a televisão as pessoas passaram a contemplar mais suas programações e o espaço privado de algumas casas passou a ser o cenário de encontros diários dos telespectadores.

O Sr. Edilson Alves, morador na época do bairro José Pinheiro, lembra que seu pai adquiriu um televisor assim que este surgiu devido a sua condição de técnico, um dos primeiros na cidade. Relembra ele:

Meu primeiro aparelho de televisão foi comprado pelo meu pai que por coincidência na época era técnico de televisão, em conserto de televisão foi pioneiro aqui, chamava-se Didi; ele era muito conhecido e, talvez, fomos uns dos primeiros a ter televisão na nossa residência por conta dessa situação (...). (Entrevista com o Sr. Edilson Alves, em 10/05/08)

Por ser um dos primeiros a possuir um televisor, o Sr. Didi recebia vizinhos diariamente na sua casa, que ocupavam a sala, o terraço, formando assim uma espécie de "mini cinema", como relata seu filho:

(...) no terraço da casa eram colocadas cadeiras como se fosse um cinema, vinham 15, 20 pessoas pra assistir novelas, filmes. Na hora da novela enchia o terraço, a vizinhança toda vinha (...) o pessoal não tinha televisão, lá era como se fosse um ponto de encontro para assistir televisão. (Entrevista com o Sr. Edilson Alves, em 10/05/08)

Entre um incômodo e outro que aquela "invasão" pudesse propiciar, havia uma satisfação dos donos da casa em receber os vizinhos para aquela reunião em torno da televisão, como lembra o Sr. Edilson Alves:

(...) a gente achava era bom, uma satisfação em ver as pessoas felizes assistindo novelas, sabíamos que elas não iam ter acesso fácil, não tinham condições financeiras (...) a gente ficava feliz com isso. As vezes até

incomodava porque tinham pessoas que queriam assistir filmes até altas horas. (Entrevista com o Sr. Edilson Alves, em 10/05/08)

Casa lotada à noite era sinal de televisor ligado e diversão com os programas televisionados e foi assim durante alguns anos. A televisão nos seus primórdios exercia uma função bem diferente da que vemos hoje, pelo menos, no que diz respeito à privacidade do telespectador. Hoje, ela ocupa espaços diferentes da casa, o que dá a opção de seu espectador assisti-la, ou não, acompanhado. Diferentemente daquela realidade vivida pelos primeiros telespectadores, que muitas vezes vivenciaram situações com a do Sr. Ivo Rodrigues: “quando eu chegava em casa à noite a casa estava lotada, para passar pela sala tinha que pedir licença aos outros”. (entrevista com o Sr. Ivo Rodrigues, em 03/10/08).

Aos poucos esses personagens foram desaparecendo. Isso se deve em grande parte às vantagens de pagamentos que foram surgindo para se adquirir um aparelho; com pagamentos parcelados em várias vezes as pessoas foram comprando seus televisores e abandonando a casa do vizinho e tornando-se assim mais um privilegiado; aquele símbolo do *status* social de outrora aos poucos foi se popularizando e perdendo um lugar de exclusividade para alguns poucos privilegiados:

(...) na época existiam poucas televisões, na minha rua mesmo só existiam duas era na minha casa e na do vizinho, ninguém mais tinha, no bairro talvez (...) eu não conhecia outra pessoa que tinha (...) mas com pouco tempo foi se espalhando, mesmo que sempre tinha alguém que assistia no vizinho (...) fulano comprou um televisor vou assistir a novela lá” aí começou a se dividir, um pessoal ia pra lá, outro pra cá, começou a diminuir porque achavam que estavam incomodando. (Entrevista com o Sr. Edilson Alves, em 10/05/08).

Para muitos, a única alternativa de ter acesso àquela novidade era se apropriar do espaço das casas dos seus vizinhos e de uma forma estratégica desenvolver uma relação amistosa entre si para que aquela convivência temporária, mas muito íntima, pudesse fluir de forma satisfatória entre o anfitrião e o “televizinho”.

Com a instalação da TV Borborema, o desejo em se ter um aparelho receptor foi aumentando. Agora Campina Grande e os campinenses eram o principal tema das programações locais. Ver a cidade e seus moradores na telinha era uma grande novidade que muitos queriam compartilhar. As lojas começaram a investir na aquisição de novos aparelhos e a facilitar as formas de pagamento para o consumidor. Essa prática na cidade foi reflexo de uma prática nacional, pois facilitar a aquisição de aparelhos receptores foi uma atitude

relacionada a uma medida política de desenvolvimento vivenciada na época pelo o Brasil. Ressalta Inimá F. Simões (1994):

A maior contribuição a um aumento tão substancial ocorreu por conta das novas facilidades de crédito, abrindo as comportas para um considerável fluxo de consumidores, até então marginalizados e aguardando uma oportunidade para comprar seus primeiros aparelhos<sup>117</sup>.

O sonho de se ter um aparelho começava a se tornar realidade. “O impacto da tecnologia, contemplando expectativas da sociedade, interfere, no entanto, nos projetos de cada indivíduo” (SEVCENKO, 1998).<sup>118</sup> As facilidades de pagamentos impulsionaram as vendas de aparelhos de televisão, estas anunciavam através dos jornais suas promoções e vantagens; já o campinense viu a sua oportunidade em adquirir aquele objeto de desejo, assim, como lembra a Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano, as pessoas fizeram do seu sonho de consumo um ideal a ser seguido a qualquer custo.

Só era o que se falava em todo canto, o entusiasmo de todo mundo, porque nunca teve, aí partiu todo mundo com toda dificuldade financeira, não queriam nem saber, queriam era uma televisão. (Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Graziela Emerenciano, em 05/08/08)

Passados dois anos da fase experimental da TV Borborema, os campinenses iam se envolvendo cada vez mais com o novo aparato tecnológico, fosse como “televizinho” ou anfitrião porque também adquiria uma televisão mesmo que com dificuldades. Estes já demonstravam que a televisão chegava para invadir suas casas, conquistar seu espaço nos lares familiares e ficar, ali como um novo membro da família. Mesmo quem ainda não tivesse tido a oportunidade até então de ver e assistir uma programação televisiva foi beneficiado com uma iniciativa da própria emissora que procurou levar aquela nova tecnologia aos bairros mais populares dando oportunidade aos mais humildes de conhecer a magia da imagem que saltava daquela caixinha luminosa.

---

<sup>117</sup> SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In: **Um País no ar: história da TV em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 86.

<sup>118</sup> SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. **História da Vida Privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 520.

### 4.3 – IDÉIAS E ANTENAS QUE “CAPTURAM” TELESPECTADORES: POPULARIZAÇÃO E EXPANSÃO DA TV BORBOREMA

Em 1965<sup>119</sup>, os campinenses que moravam em alguns bairros populares tiveram outra opção para se reunirem em torno da televisão diferente daquela mais invasiva nas casas dos vizinhos, que foi a instalação de um televisor em lugares abertos como praças, logradouros, iniciativa que partiu da própria emissora com o intuito de levar aquela novidade a um número maior de pessoas, que segundo explicita a matéria seguinte, ficavam admirados com a novidade e expressavam através de gestos coletivos e calorosos suas satisfações em estar vivenciando aquela experiência, ainda muito nova para muitos populares ali presentes:

A direção da TV Borborema instalou segunda-feira passada um televisor no bairro José Pinheiro a fim de que o povo participe da realização “Associada”. Centenas de pessoas acompanharam desde o início ao término a programação do Canal 9. O filme “Cedo Demais para Morrer”, do show Willys 65, recebeu de todos os presentes aplausos calorosos<sup>120</sup>.

A intenção maior talvez fosse divulgá-la para que, ao mesmo tempo, encantasse aos mais curiosos, despertassem-lhes também o desejo pela “caixa mágica”. Sem contar que os comerciantes locais, principais patrocinadores das programações da TV Borborema, poderiam assim levar os seus produtos a uma quantidade maior de possíveis consumidores. O Diário da Borborema passou a divulgar a iniciativa e os possíveis locais a receber a instalação de um televisor.

A idéia da TV BORBOREMA de instalar na última segunda-feira um televisor no Bairro do José Pinheiro vai ser repetida todas as semanas fazendo rodízio nos bairros, levando assim, aos humildes, grandes realizações da sétima arte, agora adaptadas para televisão. Publicaremos sempre, nesta coluna, o nome do bairro escolhido em cada semana<sup>121</sup>.

Desde 1963 os campinenses já vivenciavam a prática televisiva local, quando a TV Borborema começou com suas transmissões experimentais, as quais proporcionaram a estes a construção de uma “identidade televisiva” própria. Mas as expectativas dos Associados era expandir os limites da cidade. A investida foi na direção de promover o sinal da emissora para

<sup>119</sup> Ano em que encontramos as primeiras referências dessa prática promovida pela TV Borborema.

<sup>120</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 25/03/1965.

<sup>121</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 26/03/1965.

outros municípios paraibanos do interior e da própria capital. Assim, buscou-se ampliar os horizontes com vistas a satisfazer não só seus próprios interesses como também das populações locais beneficiadas com uma melhor recepção e os interesses dos acionistas, como mostram trechos de matérias abaixo transcritas:

**Entrará bem** – graças à instalação de uma torre de transmissão, pela Prefeitura de João Pessoa, no bairro do Varjão, a TV Borborema (canal 9) entrará perfeitamente na capital paraibana, dentro de poucos dias. Essa notícia vem sendo motivo de satisfação do povo pessoense, particularmente de grande número de acionistas da TV Borborema em João Pessoa<sup>122</sup>.

Com a disposição de dirigentes associados e do prefeito Domingos Mendonça Neto da capital de instalarem uma estação repetidora do canal 9, em João Pessoa os telespectadores pessoenses irão captar a imagem da Televisão Borborema nas mesmas condições como se capta em Campina Grande. A idéia merece aplausos<sup>123</sup>.

Cidades do Brejo, Cariri, Agreste e outras cidades de estados vizinhos passaram a receber o sinal da TV Borborema e era com satisfação que o Diário da Borborema informava aos campinenses o alcance da TV local, a cidade passava a ter ainda mais visibilidade a partir das programações televisivas desenvolvidas e transmitidas pela TV Borborema, o que enchia de orgulho os envolvidos no projeto e tentavam cada vez mais legitimar o pioneirismo e o progresso de Campina Grande com a emissora de televisão. Os campinenses assim, graças à televisão, podiam passar a se ver e a se mostrar pela tela da TV.

Devido ao grande número de cartas que a Televisão Borborema vem recebendo comunicando que em várias cidades do Brejo, Cariri e Agreste deste e de outros estados, como é o caso da região seridoense, em Caicó, no Rio Grande do Norte, o canal 9 está sendo sintonizado, muita gente tem telefonado ou escrito, solicitando informações de como sintonizar a emissora de televisão campinense em suas cidades<sup>124</sup>.

### **TV EM BARRA DE SÃO MIGUEL**

Notícia das mais auspiciosas foi fornecida à direção da TV Borborema Canal 9, no dia de ontem. O Senhor Sebastião Pedrosa, conceituado médico campinense e presidente do Treze Futebol Clube, informou que aquela emissora de TV foi sintonizada em ótimas condições na cidade de

<sup>122</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 29/01/1965.

<sup>123</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 20/02/1965.

<sup>124</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 23/01/1965.



Barra de São Miguel, antiga Potira. O aludido facultativo acompanhou recentemente a programação do canal 9, naquele local que dista cerca de 77 quilômetros de Campina Grande<sup>125</sup>.

Não por acaso essa expansão começou a ser intensificada em 1965. Foi neste ano que o Brasil fez o seu primeiro aniversário de instauração do Regime Militar. Em todo o período da Ditadura tivemos uma forte política de integração nacional e esta teve forte reflexo nos sistemas de telecomunicações com mais ênfase na abrangência da televisão, como explica Esther Hamburger (1998):

(...) é a partir de 1964, durante o regime militar, que a ingerência do estado na indústria de televisão aumenta e muda de qualidade. As telecomunicações foram consideradas estratégicas na política de desenvolvimento e integração nacional do regime<sup>126</sup>.

Nesse sentido, os militares investiram em toda uma infra-estrutura que possibilitou a expansão da televisão ultrapassando os estreitos limites que até então esta conseguia atingir. Em 1968, a investida do governo militar começou a se concretizar com o recém inaugurado sistema de microondas e em 1974, finalmente o sistema de televisão começou a entrar para as áreas mais interioranas do país com as estações de comunicação via satélite. Os sistemas de rede começavam a se configurar e a intenção em tornar um país integrado a partir de uma programação padronizada, regulamentada, marcada pela censura e por políticas culturais normativas, passava a fazer parte do sistema televisivo brasileiro. Consolidava-se, mesmo como num plano do imaginário, uma nação unificada não enquanto “povo”, mas enquanto público. Os muitos “Brasis” passaram a ser mostrados a partir de uma linguagem uniformizadora, polarizada através do sistema televisivo em rede.

Antes de imporem essas medidas com vistas à “unificação” nacional através das telecomunicações, e mais enfaticamente através da televisão, Campina Grande a partir da TV Borborema teve seus anos de autonomia com relação às produções televisivas locais, característica seguida pelas cidades que já dispunham de suas emissoras desde os inícios dos anos 60, ou seja, antes das medidas adotadas pelo Regime Militar no setor.

<sup>125</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 23/01/1965.

<sup>126</sup> HAMBURGER, Esther. “Diluído fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano”. In: **História da vida privada no Brasil**. Org. Lília Moritz Schwarcz. São Paulo; Companhia das Letras. 1998, p. 454.

Já acostumados em ver uma programação não local através das emissoras de Pernambuco, os campinenses esperavam uma programação com a cara da cidade e foi o que os profissionais procuraram fazer. Essa programação local criou expectativas em todos, desde profissionais envolvidos ao público telespectador. Como já vimos em capítulos anteriores, mesmo que com muitos sacrifícios, a TV Borborema produziu uma programação voltada ao público campinense tentando sempre levar aos seus telespectadores assuntos ligados à cultura, à política, à economia da cidade e do estado.

Depois das medidas impostas às telecomunicações muitas mudanças transformaram a cara da televisão brasileira e como consequência suas filias tiveram também consideráveis alterações, uma delas foi a perda da autonomia na sua grade de programação<sup>127</sup>. Hoje, passadas algumas décadas, reclama-se mais espaços para as programações locais, visto que as emissoras denominadas de filiais prestam-se mais às retransmissões de uma programação padronizada, nacional, mas monopolizadas pelos grandes conglomerados de comunicação do sudeste, principalmente. Ao enfatizar a importância das primeiras programações locais da TV Borborema, o Sr. Rômulo Azevedo destaca a ironia pela qual passa atualmente o sistema televisivo brasileiro e relata:

Ironicamente hoje passados mais de 45 anos depois, a tendência da TV brasileira é voltar para a programação local. Apesar de toda qualidade da programação Rio - São Paulo, mas você prefere as notícias de sua cidade, os fatos que acontecem no local onde você está situado. Então a tendência hoje em televisão é repetir como era antigamente. (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo, em 25/09/08)

O Sr. Rômulo Azevedo refere-se justamente àqueles anos em que a TV Borborema era mais independente para promover aos campinenses uma programação mais voltada para os aspectos da cidade e dos seus moradores.

A TV instituía-se como mais uma alternativa de comunicação que a cada ano expandia-se mais com o avanço da tecnologia, esta se mostrava como o que havia de mais promissor em termos de meio de comunicação. Diferentemente das dimensões que a televisão no Brasil apresenta hoje, no passado ela trazia no seu formato de programação uma aproximação maior com o seu público, ou seja, as emissoras se apresentavam com características predominantemente locais em forma e conteúdo. Sobre isso traduz para nós o

---

<sup>127</sup> Sobre isso ver MATOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira – uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Sr. Assis Felix a sua concepção a respeito daquelas programações locais produzidas pela TV Borborema, nos primeiros anos de sua existência na cidade:

(...) eu achei o seguinte, que era mais uma maneira, através de um veículo de comunicação, de expandir mais o nosso conhecimento, a nossa cultura, o nosso comércio. Ficou mais fácil o acesso às coisas, às vendas e se teve mais acesso aos programas culturais, aos programas de informação, então tudo isso foi crescendo gradativamente e criando uma nova era no nosso tempo, na nossa cidade. (Entrevista com o Sr. Assis Felix, em 14/03/08)

A televisão inaugurava uma nova era, assim como afirma o Sr. Assis Felix, mas todo novo traz consigo algumas dúvidas. A TV como esse novo meio promissor fez florescer questionamentos a respeito do destino dos outros meios de comunicação principalmente do rádio e do cinema. O que o tempo mostrou que não ocorreu é pouco provável que acontecerá. O que vemos são as muitas formas de mídia conviverem hoje e exercerem seus papéis de forma que uma complementa e interage com a outra e cada uma com funções singulares que resguardam suas devidas potencialidades e importância em meio às sociedades contemporâneas. Os sujeitos sociais apropriam-se destas de maneiras singulares e expressivas no seu cotidiano.

No início a TV não exerceu um impacto tão radical, a não ser o da curiosidade e do espanto que esta ocasionou com sua tecnologia. As duas outras formas de mídia, o rádio e, principalmente, o cinema vieram sofrer um abalo mais impactante, especialmente com relação à perda de espectadores só passados algum tempo. O rádio, num espaço mais curto de tempo, foi o primeiro a sofrer algumas modificações em função da televisão, percebidas, como já falamos, na migração de muitos dos seus profissionais para a emissora de TV, que mesmo sem abandonarem definitivamente o meio, passaram a se dedicar menos àquele veículo. A TV constituía-se como a novidade do momento, logo aqueles profissionais imbuídos pela idéia de um novo ainda em fase de experimento no país todo e embalados pelos discursos progressistas que representavam aquela experiência para a cidade, passaram a depositar seus sonhos, talentos e expectativas na televisão. Em nota no Diário da Borborema fica clara a empolgação com o novo veículo do Sr. Joel Carlos, profissional do rádio na época: “Joel Carlos está cada vez mais entusiasmado com a televisão. Recentemente, em palestra formal com o colunista, confessou sua disposição de abandonar o rádio para se firmar como realizador de TV”<sup>128</sup>.

<sup>128</sup> Consultar Diário da Borborema, Campina Grande – PB, em 25/02/1965.

Algumas das programações radiofônicas também entraram em franco declínio de audiência em virtude da TV como foi o caso das rádios-novela.

Mas, apesar da forte concorrente, o rádio resistiu e ainda se constitui como o veículo de comunicação mais próximo das pessoas, pois é ele o que mais aproxima o ouvinte da sua realidade local e é aí que está a sua singularidade. Para o Sr. Eraldo César, o rádio resistiu à chegada da TV e ainda continua como o meio de comunicação de suma importância, comenta ele:

A gente até pensava que o rádio ia desaparecer, mas aconteceu o contrário, o rádio continua sendo o alvo informativo da maior importância, mas porque hoje ele vai até onde o homem está arando a terra, onde está plantando pode ter um rádio de pilha do seu lado ouvindo a notícia, o que não pode acontecer com a televisão. (Entrevista com o Sr. Eraldo César, em 28/06/08)

A TV, especificamente a aberta, assumiu um caráter exclusivamente comercial que não abre tanto espaço para essa aproximação do telespectador com o meio em que vive. O campinense, o paraibano, pouco se vê e se reconhece nas suas telas de TVs na atualidade. Nesse sentido, o rádio teve uma continuidade, pois não perdeu o seu caráter informativo mais regional.

Quanto ao cinema, apesar de se constituir como um meio elitizado de entretenimento, continuou durante muito tempo atraindo pessoas para as suas salas de exibição, mas, passou a sentir um grande impacto com a instituição definitiva da TV, principalmente quando esta passou a ser beneficiada com tecnologias cada vez mais avançadas que melhorou consideravelmente seu maior alcance e, principalmente, sua qualidade. Em Campina Grande, especificamente, como nos informa o Sr. Rômulo Azevedo, o abalo sentido pelo cinema com a televisão deu-se a partir da década de 70, relembra ele:

O cinema continuou mandando durante muitos anos em Campina Grande, era casa cheia, filas, multidões, tanto no Capitólio quanto nos Pavilhões e São José. Quem mandava em termos audiovisuais era o cinema, e como a TV chegou e nem todos tinham aparelhos, isso não influenciou muito a queda na frequência do cinema. Isso só veio a acontecer a partir dos anos 70, intensificado a partir da década de 80, foi quando o cinema sofreu um abalo por causa da televisão. (Entrevista com o Sr. Rômulo Azevedo, em 25/09/08)

Essas trocas de hábitos de lazeres aconteceram de forma gradativa, cada vez mais as pessoas iam ficando presas ao vídeo, e a televisão foi se instituindo como um dos principais meios de informação, diversão e entretenimento. Tornou-se, na contemporaneidade, uma possibilidade de lazer mais cômodo por estar inserido dentro dos próprios lares:

Para o telespectador, a televisão oferece vantagens que lhe parecem óbvias. Ele só tem que ligar o aparelho e receber em casa o cinema, o futebol, os programas de auditórios que fizeram fama no rádio, o jornalismo etc (...) E sem sair de casa!<sup>129</sup>.

Em tempos de crescimento dos centros urbanos e da violência, esta passou a ser a maior justificativa do enclausuramento de muitos em suas casas em frente do aparelho televisor que, segundo Inimá Simões (1986), estes dois aspectos constituem como mais uma linha argumentativa a favor da televisão, explica ela: “falta de estacionamento, dificuldade de trânsito, violência... e a TV está ali, ao alcance das mãos, num canto da sala, para trazer, sem riscos, nem perigos, o mundo exterior para dentro de casa. Sem transtorno. Sem custar nada”<sup>130</sup>. Podemos pensar assim que o que se anunciava nos inícios dos anos 50, em que a televisão traria o cinema para dentro de casa, hoje, tornou-se realidade, claro não podemos esquecer de todo o processo de evolução tecnológica que propiciou essa disponibilidade da televisão na atualidade, esta desde o seu lançamento foi beneficiada com dispositivos técnicos que a tornou bem mais atrativa: ganhou cores, tamanhos, espessuras diversificados, boa qualidade de áudio e imagem. E só assim, ela ganhou maior proporção de consumo e por que não dizer de comodismo aos seus telespectadores que deixou mais de sair de casa em busca de divertimento na rua. Dentro dessa concepção, chama atenção o Sr. Edilson Alves para o comodismo dos campinenses em suas casas em frente as suas TVs e justifica:

Depois que a cidade cresceu tornou as coisas mais distantes, bairros foram criados como Malvinas, outros e outros distantes, o pessoal sai do trabalho e vai pra sua casa, ali se acomoda vendo um programa e outro e ali mesmo fica, deixa de freqüentar bares, outras opções. (Entrevista com o Sr. Edilson Alves, em 10/05/08)

<sup>129</sup> SIMÕES, Inimá F. TV à Chateaubriand. In: **Um País no ar: história da TV em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 88.

<sup>130</sup> Idem. p. 88.

Como forma de se manter perante a ameaça da hegemonia da televisão, as salas de cinemas, como um meio de resistência aos novos hábitos que esta veio, aos poucos, impondo aos espectadores somado a alguns outros fatores logísticos, adaptaram-se às realidades dos grandes centros, transferindo-se para os Shoppings com o intuito de propiciar mais comodidade e segurança às pessoas, mas, mesmo com suas investidas pouco se aproximaram do atrativo que foram durante muitas décadas no passado, em que o próprio ritual de deslocamento, da possibilidade de estar em contato com outras pessoas, dos possíveis passeios, flertes depois das sessões não terão os mesmos sentidos, pois estes estão associados a uma determinada época, a um contexto histórico que ao longo do tempo foram transformados por muitos outros elementos, dispositivos, e um deles foi a televisão.

Definitivamente, a televisão, com sua linguagem mais cotidiana, mais íntima e mais ousada ao ponto de invadir os lares sem pedir licença e ser muito bem aceita, levou vantagem em relação ao rádio e ao cinema passando assim a ser o sonho de consumo das pessoas que queriam a companhia diária daqueles apresentadores, artistas, comediantes, bem como informações, paisagens do Brasil e do mundo... dali saídos do facho luminoso da TV exposta em suas salas. Agora era daquele objeto luminoso que brotavam sonhos dos telespectadores, era nele também que as pessoas podiam se encantar com seus ídolos, cantar, chorar e se emocionar junto a eles, mesmo que separados por uma tela, mas não menos íntimos, pois estavam todos dividindo o mesmo espaço privado como se estivessem presentes, representados naquela imagem projetada da “máquina mágica”.

A TV foi ganhando espaço na vida das pessoas e passou a ser consumida por estas não só como um meio de diversão, mas também de informação, de cultura. Assim como o rádio a televisão passou a fazer parte da vida das pessoas como um veículo de disseminação de massa só possível pelo desenvolvimento da eletrônica.

(...) ela hoje tem um campo de atividade muito amplo, ela ensina, ela informa no plano da educação, política, trabalho, social, industrial. O campo hoje de informação é muito vasto e ela (TV) ficou na ponta disso tudo, ela tem imagem e, atualmente muito boa. (Entrevista com o Sr. Antônio Lucena, em 03/10/08)

Foi primeiro através do rádio que a voz, como mágica, levou aos milhares de brasileiros, informações sobre os mais variados acontecimentos políticos, econômicos, culturais, sociais que ocorriam fora e dentro do país. O rádio foi o primeiro veículo de comunicação responsável por envolver um grande número de pessoas interessadas numa mesma programação sem que estas precisassem estar num mesmo local comum. Muitos fatos

de interesses da nação atingiram grande repercussão graças à tecnologia radiofônica que levava aos ouvidos dos brasileiros as variadas informações de forma rápida e prática onde quer que estes estivessem. “Ações e eventos podem se tornar públicos pela gravação e transmissão para outros fisicamente distantes do tempo e do espaço de suas ocorrências<sup>131</sup>”. No caso da televisão, esta trouxe além da voz, a imagem que marcou uma outra forma de linguagem comunicacional, o ouvir agora está associado ao ver, dois sentidos interligados num mesmo veículo em que um complementa o outro mesmo que o ver se sobressaia ao ouvir; “a televisão enfatiza particularmente o sentido da visão; deixas auditivas são combinadas com deixas visuais para produzir a complexa imagem audiovisual. A televisão assim permite aos receptores a visão de pessoas, ações e eventos, bem como a audição de palavras faladas e de outros sons<sup>132</sup>. Logo, “a televisão é imagem e fala, fala e imagem”<sup>133</sup>.

Como vimos, os primeiros eventos transmitidos pela TV Borborema foram eventos que despertavam o interesse de grande parte dos campinenses como o próprio futebol. O que já era sucesso no rádio, as exibições dos jogos pela televisão permitiram ao torcedor explorar o campo da visão no momento em que acompanhavam os lances pela tela. Com a televisão, instituía-se a era da visibilidade, capacidade de ser visto com os olhos, e com a eletrônica essa ação possibilitou ao telespectador se desassociar da necessidade de estar no mesmo espaço físico do evento para poder estar presente, ele foi “excluído da manifestação”<sup>134</sup>.

Assim, a TV trouxe o mundo, as idéias, as pessoas, as paisagens, as diversidades culturais etc para dentro de casa, “tudo isso entra nos lares sem parar, pelos olhos, ouvidos, boca, tato e olfato todo dia, o dia todo... Hoje ninguém está só, nem que queira nem que não queira. A invasão da privacidade não é mais uma possibilidade, uma negociação ou uma arbitrariedade. Ela é uma condição histórica”<sup>135</sup>.

---

<sup>131</sup> THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 114.

<sup>132</sup> *Idem*, p. 117.

<sup>133</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discursos das Mídias*. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006. p. 109.

<sup>134</sup> CERTEAU, Michel. In: *A invenção do Cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, vol. 1. p. 94.

<sup>135</sup> SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio” In: *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 616.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre história da mídia é ainda uma escolha que demanda persistência e a superação de alguns obstáculos, principalmente quando se trata da mídia televisiva, um meio de comunicação ainda envolto de resistências e preconceitos. A televisão é um aparato tecnológico relativamente recente e discorrer sobre sua história requer cuidados bastante específicos, principalmente por se tratar de um meio tecnológico que se faz presente de uma forma muito intensa na vida dos indivíduos, o que o torna um objeto efêmero. No Brasil, ela completará 60 anos de existência, logo a televisão faz parte do período da chamada história do presente, história essa que ainda não tem muita relevância dentro dos estudos historiográficos. Diferentemente da televisão, o cinema e o rádio já possuem um conjunto considerável de obras que tratam sobre a história desses dois meios midiáticos, o que possibilita aos estudiosos dos mesmos um maior campo de diálogo e de análise a respeito das suas influências nas mudanças comportamentais, bem como das suas contribuições para as transformações das sociedades contemporâneas.

Quando nos voltamos para uma história do meio midiático televisivo local, esses obstáculos são ainda mais presentes, pois, além de não dispormos de uma bibliografia específica, também nos deparamos com uma escassez de registros, principalmente, em se tratando de registros audiovisuais. Há uma grande lacuna no que diz respeito a esse tipo de registro, até por motivos óbvios que nos referimos no decorrer da dissertação. Mas, soma-se a essa problemática o descaso com a preservação de um corpo de documentos que poderia servir como fonte de pesquisa, a própria falta de um arquivo na emissora denuncia o descaso. Quando há algum documento, registro que nos poderia servir de fonte, estes estão em poder de alguns indivíduos aos quais não temos acesso ou estes não estão dispostos a disponibilizar tais documentos e/ou informações aos possíveis pesquisadores.

O contato com os próprios informantes nos deixou uma sensação de pouco interesse destes em resguardar a memória das suas experiências com o fazer televisão na cidade no momento da sua implantação. Alguns se mostraram pouco interessados em nos oferecer informações e assim o fizeram. A grande maioria, em vários momentos das suas falas, recorria mais às suas experiências com a radiofonia na cidade e demonstravam grande entusiasmo ao se referir a estas. Podemos pensar aqui que assim o fazem devido ao reconhecimento destes com uma memória já legitimada de muitos trabalhos que trazem o



rádio como foco de estudo e atribuem ao veículo e aos que assim participaram da sua evolução na cidade grande relevância e importância.

Diante dessas dificuldades, fomos definindo novos caminhos e lançando mão do que era possível para construir a nossa narrativa sobre a história da mídia televisiva em Campina Grande; mesmo que reconhecendo os limites do nosso recorte, acreditamos que demos, pelo menos, os primeiros passos para outras histórias, outros olhares, outras descobertas sobre as primeiras experiências desse meio de comunicação em nossa cidade.

Também reconhecemos que as linhas aqui por nós traçadas estão baseadas nos depoimentos de um grupo de pessoas que, por sua vez, estiveram envolvidas com tal experiência de forma direta ou indireta, logo, nossa narrativa se baseia, sobretudo, em memórias que partem de um lugar de interesse, mas que tentamos fazer uma leitura mais cuidadosa das mesmas e imprimir nestas o nosso lugar também de interesse como pesquisadora. Nestes termos, o presente texto constitui-se como mais uma das leituras possíveis sobre o tema em tela.

A história da primeira emissora de televisão em Campina Grande confunde-se, em alguns aspectos, com a história dos outros meios de comunicação da cidade. Tanto a televisão, quanto o rádio e a própria imprensa, instituíram-se na cidade devido ao empreendedorismo e investimento do jornalista e empresário Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que vinha construindo uma cadeia de Diários e Rádios Associadas em todo o país; assim, desde 1949, os empreendimentos de Chateaubriand no campo das comunicações começavam a traçar uma trajetória longa na cidade, quando funda a Rádio Borborema com todo o padrão e aparato técnico das Rádios Tupi do Rio e de São Paulo que também pertenciam ao empresário e constituem a cadeia Associada. Ainda não satisfeito, Chateaubriand funda em 1951 o Diário da Borborema e finalmente, em 1963, começavam as primeiras experiências de transmissões televisivas em Campina Grande, a partir da sua primeira emissora de televisão, a TV Borborema, também empreendimento de Chatô, que já possuía o maior conglomerado de empresas de Diários, Rádios e TVs associadas do país.

Assim, com a fundação da Rádio e do Diário da Borborema, a empreitada de Chateaubriand em fundar uma emissora de TV local contou com a colaboração de algumas pessoas influentes que foi de fundamental importância para a concretização de mais um novo empreendimento ousado na cidade. Vimos assim que nomes da política local foram de fundamental importância para a instituição daquela que seria a primeira emissora de TV da Paraíba. Logo, interesses políticos e empresariais impulsionaram este projeto, que mesmo antes da sua existência efetiva já fazia parte do dia-dia dos campinenses através dos discursos

proferidos pelo Diário da Borborema e que refletiam a concepção a respeito da novidade criada por parte de uma elite local, concepção esta envolta da idéia de progresso.

Depois de dois anos de investidas discursivas com forte apelo ao apoio de todo o povo campinense, mas especificamente das “classes produtoras” locais, em 1963, a cidade é contemplada com a TV Borborema, projeto que vem reforçar a idéia do pioneirismo de Campina Grande tão proferida por muitos dos políticos. Às vésperas das comemorações do centenário da cidade, Campina Grande era apresentada como a “13ª terceira cidade do país a receber uma emissora de televisão, mesmo antes de muitas capitais.

Já instalada na cidade, a TV Borborema contou com a colaboração de um corpo de profissionais que, sem nenhuma experiência com aquele novo veículo, não poupou esforços para desenvolver uma grade de programação local que não poderia ser de outra forma senão ao vivo, uma tendência da televisão brasileira da época, o que exigiu destes consideráveis esforço e criatividade para a realização de tal programação. Assim, destacamos a colaboração dos profissionais da rádio que se empenharam para a instituição definitiva da TV na cidade. Mesmo que se apropriando e adaptando os já consolidados programas radiofônicos, a televisão conseguiu imprimir a estes novos formatos e atrair um público telespectador cada vez mais envolvido que a sua magia tecnológica.

Vimos que a TV Borborema proporcionou a criação de uma identidade televisiva local. Foi a partir dela que os campinenses passaram a se reconhecer nas programações televisivas produzidas e transmitidas por ela, programações estas sempre relacionadas com os mais diversos aspectos da cidade e de seus moradores. Foi a partir da implantação da emissora que os campinenses também se interessaram mais por tal aparato tecnológico, visto que a condição de captação da imagem foi beneficiada pela antena instalada na cidade, a qual daria suporte técnico à TV Borborema. Assim, desde o início da década de 1960, Campina Grande contava com sua primeira emissora de televisão e desde aquele momento a TV Borborema passou a participar da vida política, social, econômica, cultural dos seus moradores, concorrendo com as já consolidadas rádios e os cinemas que há algumas décadas faziam parte do cotidiano dos campinenses.

Com a chegada da emissora, mais uma vez a cidade assumia dimensões de grandeza; o pioneirismo em receber a primeira televisão do estado enchia de orgulho os campinenses e acirrava ainda mais a concorrência entre a capital João Pessoa e a interiorana cidade “Rainha da Borborema”. A novidade tecnológica passou a ser mais um diferencial para uma cidade que se pretendia progressista, próspera e bastante receptiva, mais um símbolo da modernidade. Dessa forma, sua elite a pensava e assim em vários momentos da história da

cidade ela refletiu esse discurso. No caso da chegada da televisão na cidade, esse discurso foi incorporado por muitos campinenses que criaram suas expectativas em torno da novidade e entraram de diferentes formas na era da tecnologia televisiva a partir do contato mais próximo com o viver e fazer televisão. Entre disputas, expectativas, dúvidas e conflitos, a primeira emissora de televisão da Paraíba, bem como as pessoas que dela participaram, foi descobrindo o que era televisão, e como se fazia televisão. Descobertas estas cheias de astúcias, inventividade, criatividade, determinação e muitas histórias ainda a serem contadas.

**REFERÊNCIAS**

AGRA, Giscar F. **A Urbes doente medicada: a higiene na construção de Campina Grande, 1877 a 1935**. 1. ed. Campina Grande: Gráfica Marcone, 2006.

ALBERTINI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARROS, Adriana Azevedo Paes de. **Da televisão no Brasil ao telezinho em Cuiabá: aspectos históricos e a influência na Cuiabá dos Anos 70**. Cuiabá; Editora Studio Press e Multicor Editores Associados, 1997.

BARROSO, Fernando Luiz Alves. **A Hora do Povo na TV: análise do discurso de uma experiência popular de televisão**. Dissertação de mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal de Campina Grande, 1996.

BRESCIANI, Maria Estella Martins. **As sete portas da cidade**. Espaço e Debate, nº 34, NERU, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, Vol. 1.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discursos das Mídias**. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

DELGADO, Lucilia. **História Oral – memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. Campina Grande: Editora Eletrônica. 1993. Volume I.

DOUGLAS, Kellner. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

FIGUEIREDO, Ana Maria C. **Teledramaturgia brasileira: arte ou espetáculo?** São Paulo: Paulus, 2003.

HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In: **História da vida privada no Brasil**. Org. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. "Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea". In: AMADO, Janaina e MORAES Marieta. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

MATOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira – uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MORAIS, Fernando. **Chatô – O Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NORRA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História: revista do Programa de pós-graduados em História do departamento de História da Pontifícia Católica de São Paulo. Nº 10. São Paulo: EDUC, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço – por uma história social do urbano**. Artigo publicado na internet. [www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/178.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/178.pdf), 1995. Acessado em 02/08/2007.

\_\_\_\_\_, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. V.27. Nº 53. São Paulo jan/jun. 2007.

PIZA, Daniel. **A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano/ org. Luiz Costa Pereira Júnior**. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2002.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como gênero**. Projeto História: revista do Programa de pós-graduados em História do departamento de História da Pontifícia Católica de São Paulo. Nº 22. São Paulo: EDUC, 1981.

QUEIROZ, Adolpho Carlos Françoso. **TV de papel: a imprensa como instrumento de legitimação da televisão**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1992.

SANTANA, Jorge José B. IN: **A Televisão Pernambucana - por quem a viu nascer**. 2. ed. Recife: Ed. do Autor, 2007.

SARTORI, Geovanni. In: **Homo Videns – Televisão e pós-pensamento**. Bauru, SP: EDUSC 2001.

SEVCENKO, Nicolau. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio" In: **História da Vida Privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SIMÕES, Inimá F. "TV à Chateaubriand". In: **Um País no ar: história da TV em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SYLVESTRE, Josué. **Nacionalismo e Coronelismo: fatos e personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1954/1964)**. Brasília, Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. "O mundo que se ouve e o mundo que se vê: O Rádio e os Auditórios em Campina Grande". **História da Mídia Regional – o rádio em Campina Grande**. Campina Grande: EDUFCEG/EDUEP, 2006.

\_\_\_\_\_, **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. UFPE, Recife, 2002 – Doutorado em História.

SODRÉ, Muniz. **A Máquina de Narciso – Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1994.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ZUNTHOR, Paul. **A Letra e a Voz – A literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## **JORNAIS**

Diário da Borborema, Campina Grande. Anos de 1960 a 1965.

## **FONTES ORAIS:**

Antônio Lucena

Clotilde Tavares Santa Cruz

Edilson Alves Barbosa

Eraldo Vieira César

Francisco Assis Felix

Gervácio Batista Aranha

Graziela Pessoa Emerenciano

Ivo Rodrigues de Oliveira

Joel Rufino da Silva

José Ribeiro da Silva

Mário de Sousa Araújo

Rômulo Ferreira de Azevedo

# **ANEXOS**



## INFORMAÇÕES SOBRE OS DEPOENTES

- 1) Antônio Lucena, 80 anos, superior completo, morador do centro da cidade. Profissão: professor aposentado e Advogado.
- 2) Clotilde Tavares Santa Cruz, 60 anos, superior completo, atualmente reside em João Pessoa. Profissão: professora aposentada.
- 3) Edilson Alves Barbosa, 55 anos, superior completo, morador do bairro do Catolé. Profissão: comerciante.
- 4) Eraldo Vieira César, 80 anos, superior completo, morador do bairro São José. Profissão: assessor jurídico da casa civil e radialista.
- 5) Francisco de Assis Felix, 61 anos, superior completo, morador do bairro do Alto Branco. Profissão: administrador de empresa aposentado.
- 6) Graziela Pessoa Emerenciano, 76 anos, segundo grau completo, moradora do bairro Santo Antônio. Profissão: jornalista aposentada.
- 7) Ivo Rodrigues de Oliveira, 67 anos, superior completo, morador do centro da cidade. Profissão: radialista/jornalista aposentado.
- 8) Joel Rufino da Silva (Joel Carlos), 69 anos, superior completo, morador do bairro Santa Rosa. Profissão: radialista/jornalista.
- 9) José Ribeiro da Silva (Duduta), 74 anos, primário incompleto, morador do bairro da bela Vista. Profissão: mecânico aposentado e Lutier.
- 10) Mário de Souza Araújo, 84 anos, segundo grau completo, morador do centro da cidade. Profissão: auditor fiscal da Receita Federal aposentado.
- 11) Rômulo Ferreira de Azevedo Filho, 55 anos, superior completo, morador do bairro da Prata. Profissão: professor/jornalista.

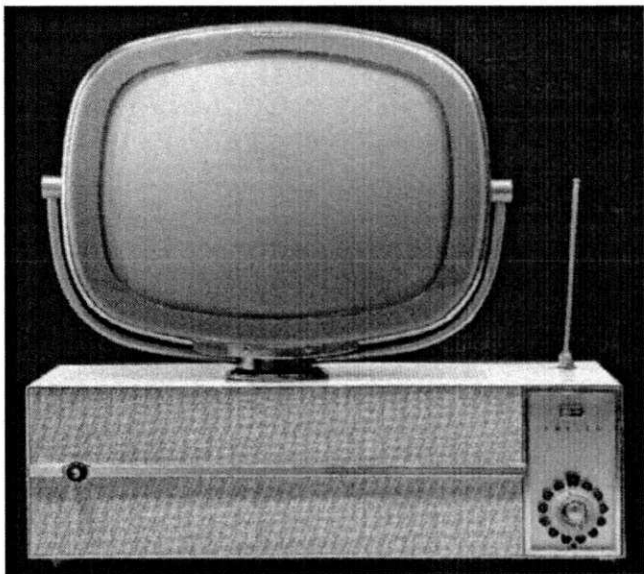
## **ROTEIRO DE ENTREVISTA – ex-profissionais da TV Borborema**

- 1) Quanto tempo o Sr./Sra. trabalhou na TV Borborema? Foi o seu primeiro emprego?  
Com quantos anos começou?
- 2) Quantos anos o Sr/Sra trabalhou na televisão? O que significou para o Sr/Sra trabalhar na televisão?
- 3) Qual a opinião da sua família sobre o seu trabalho na TV?
- 4) O Sr/Sra trabalhou em outro veículo de comunicação? Qual?
- 5) No seu trabalho na televisão o que o Sr/Sra destacaria como pontos positivos? E os negativos?
- 6) Como foi que o Sr/Sra recebeu a chegada da televisão no Brasil?
- 7) O que significou para o Sr/Sra a chegada da televisão em Campina Grande?
- 8) Quando o Sr/Sra comprou o primeiro aparelho de televisão?
- 9) Antes de possuir o aparelho aonde o Sr/Sra assistia televisão?
- 10) O Sr. Lembra como foram os primeiros anos de transmissões televisivas local?
- 11) Quais as principais programações da época?
- 12) Na sua opinião que impacto a população campinense teve ao ligar pela primeira vez a televisão?
- 13) Qual(is) era(m) a(s) sua(s) programação(ões) preferida(s)?
- 14) O que significou para o Sr/Sra a veiculação de toda uma programação local a partir da TV Borborema?
- 15) A partir da sua experiência como a população local recebeu essa programação?
- 16) E qual a importância dessa programação local para a cidade?
- 17) Podemos pensar que com a chegada da televisão as pessoas passaram a sair menos de casa?
- 18) Quais as principais diferenças que o Sr/Sra destacaria entre o rádio e a televisão?
- 19) Na época em que a televisão chegou em Campina Grande o que as pessoas faziam pra se divertirem?
- 20) A chegada da televisão mudou o cotidiano das pessoas na cidade de Campina Grande?  
Em que aspecto(s)?
- 21) Na sua opinião essa programação mudou muito ao longo de tempo? Ficou pior ou melhor? Por quê?

- 22) Televisão é divertimento?
- 23) O Sr/Sra costuma assistir quantas horas de programação televisiva por dia?
- 24) Qual a sua programação preferida hoje em dia?
- 25) O Sr/Sra gosta mais de assistir televisão, ouvir rádio ou ler jornal?
- 26) A televisão mudou muito ao longo dos anos? Por quê?
- 27) Para o Sr/Sra as pessoas assistiam mais televisão antigamente ou hoje? Por quê?
- 28) O Sr/Sra costuma assistir televisão com quem?
- 29) O Sr/Sr acessa internet? Possui computador em casa?

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA – Telespectadores**

- 1) Como foi que o Sr/Sra recebeu a chegada da televisão no Brasil?
- 2) O que significou para o Sr/Sra a chegada da televisão em Campina Grande?
- 3) Quando o Sr/Sra comprou o primeiro aparelho de televisão?
- 4) Antes de possuir o aparelho aonde o Sr/Sra assistia televisão?
- 5) Em sua opinião o que representou a chegada da primeira emissora de televisão na cidade?
- 6) O Sr/Sr<sup>a</sup> lembra como foram as primeiras transmissões televisivas na cidade?
- 7) Quais as principais programações da época?
- 8) Na sua opinião que impacto a população campinense teve ao ligar pela primeira vez a televisão?
- 9) Qual(is) era(m) a(s) sua(s) programação(ões) preferida(s)?
- 10) O que significou para o Sr/Sra a veiculação de toda uma programação local a partir da TV Borborema?
- 11) A partir da sua experiência como a população local recebeu essa programação?
- 12) E qual a importância dessa programação local para a cidade?
- 13) Quais as principais diferenças que o Sr/Sra destacaria entre o rádio e a televisão?
- 14) Na época em que a televisão chegou em Campina Grande o que as pessoas faziam pra se divertir?
- 15) Podemos pensar que com a chegada da televisão as pessoas passaram a sair menos de casa?
- 16) A chegada da televisão mudou o cotidiano das pessoas na cidade Campina Grande? Em que aspecto(s)?
- 17) Na sua opinião essa programação mudou muito ao longo de tempo? Ficou pior ou melhor? Por quê?
- 18) Televisão é divertimento?
- 19) O Sr/Sra costuma assistir quantas horas de programação televisiva por dia?
- 20) Qual a sua programação preferida hoje em dia?
- 21) O Sr/Sra gosta mais de assistir televisão, ouvir rádio ou ler jornal?
- 22) Para o Sr/Sra as pessoas assistiam mais televisão antigamente ou hoje? Por quê?
- 23) O Sr/Sra costuma assistir televisão com quem?
- 24) O Sr/Sr acessa internet? Possui computador em casa?



TV Philco-predicta-princess





Anúncio do Diário da Borborema – outubro de 1965



Programação da TV Borborema – Diário da Borborema – janeiro de 1965.

...rios que vem recebendo a atenção bem merecida da imprensa e do público.

# RÁDIO e TV

Humberto de Campos já se encontra integrado nas funções de diretor da Rádio Cariri, preenchendo a lacuna deixada pelo radiador Enildo Silveira.

A TV Borborema inchou, em dias, na sua programação, documentários sobre as Olimpíadas de Tóquio, com apresentações assinaladas pelo mais completo êxito.

Ronaldo Soares é uma voz campinense que se dedica à música brasileira na sua beleza e valor do seu modernismo, sempre que canta ante as câmeras do Canal 9. É um jovem cantor que porta inegáveis méritos.



JEAN GOULART, sempre presente às audições de "O Domingo é Nosso", na TV Borborema, garantiu com segurança, os sucessos obtidos pelos sambas de sua autoria, no carnaval de 63. Foi mais um dos que brilharam no carnaval que passou.

Ramalho Filho em breves dias, introduzirá várias novidades na programação diária e semanal da Rádio Borborema redando os claros deixados por sequências dedicadas ao carnaval de 65.

Luismar Resende ainda vem sendo parabenizado pelo sucesso obtido no concurso da melhor fantasia do carnaval, dentro do seu já famoso Magazine, programa da nossa TV Borborema.

Coluna "Rádio e TV" - Diário da Borborema - março de 1965.

**AOS TELESPECTADORES DO INTERIOR**

Eis as características da antena para receber em ótimas condições a TV BORBOREMA CANAL — 9.

Ela deve ser colocada no mesmo mastro onde estão as de Recife, todavia DIRIGIDA para Campina Grande. As Lojas 'A Televisão', têm para pronta entrega. Rua Maçiel Pinheiro, 212.

Anúncio do Diário da Borborema - 1965

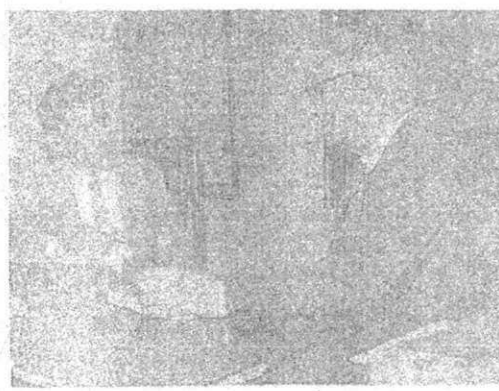
# TV Borborema Canal 4 em fase experimental: realizou primeiro programa

### Participação de destacados artistas pernambucanos

Autoridades e pessoas gratas da sociedade campinense estiveram presentes — Primeiro tele-jornal

Desde hoje a fase experimental da TV Borborema Canal 4 apresenta ao público o primeiro programa oficial de caráter experimental, com participação de destacados artistas pernambucanos e de pessoas gratas da sociedade campinense, presentes a sessão grandiosa da noite.

Apresentado hoje, para o Canal 4, o primeiro programa oficial de caráter experimental, com participação de destacados artistas pernambucanos e de pessoas gratas da sociedade campinense, presentes a sessão grandiosa da noite.



A foto acima foi tirada, em conjunto, na residência do Sr. Elpidio de Almeida, autor da obra, para o lançamento do livro.

## Lançamento hoje de "A mulher brasileira: direitos políticos e civis"

Monte Carlo, sábado próximo, com o lançamento do livro "A mulher brasileira: direitos políticos e civis", de autoria de Elpidio de Almeida.

Além das presenças das autoridades locais, presentes ao lançamento do livro "A mulher brasileira: direitos políticos e civis", de autoria de Elpidio de Almeida.

## Livro do dr. Elpidio de Almeida será lançado dentro de breves dias

Pela Livraria Pedrosa — Histórico da obra

Um trabalho de grande importância social, que tem como autor o Sr. Elpidio de Almeida, será lançado dentro de breves dias pela Livraria Pedrosa.

O livro "A mulher brasileira: direitos políticos e civis", de autoria de Elpidio de Almeida, será lançado dentro de breves dias pela Livraria Pedrosa.

O livro "A mulher brasileira: direitos políticos e civis", de autoria de Elpidio de Almeida, será lançado dentro de breves dias pela Livraria Pedrosa.

## Gov. disposto a conceder

o Sr. Elpidio de Almeida, autor da obra, para o lançamento do livro.

## CAMPINA GRANDE A 391 DIAS DE SEU CENTENARIO

### Sindicato dos Jornalistas Profissionais tem novo Delegado em Campina Grande

Designado o nosso companheiro Epitácio Soares — Ofício do presidente José Ramalho da Costa

O Sr. Epitácio Soares, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Campina Grande, foi designado como novo delegado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Campina Grande.

### "COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENARIO" Nota da Presidência

- 1. A comissão executiva do centenario...
- 2. A comissão executiva do centenario...
- 3. A comissão executiva do centenario...
- 4. A comissão executiva do centenario...
- 5. A comissão executiva do centenario...



Rádafone PHILIPS  
F4R06-AM  
A Vista NCr\$ 189,00

Ou em  
Mensalidades  
de  
NCr\$ 21,50

Rádio PHILIPS-B3R08-A  
A Vista NCr\$ 165,00  
Ou em mensalidades de  
NCr\$ 13,99

Eletrofone PHILIPS-NG-1151  
A Vista NCr\$ 185,00  
Ou NCr\$ 20,70 Mensais

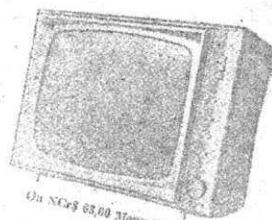
# ANIVERSÁRIO SUPER LEGAL

DA  
**SOCIC**  
COM OFERTAS ESPECIAIS

PAPAI VAI  
NESSAI!



Televisor  
PHILIPS  
Stabilmatic  
A VISTA  
NCr\$ 205,00



Ou NCr\$ 68,00 Mensais



Rádio PHILIPS — BEIC067/10  
A Vista NCr\$ 72,50 ou NCr\$ 8,00 Mensais



Rádio PHILIPS - L2W57 - T  
A Vista NCr\$ 130,00  
Ou NCr\$ 10,35 Mensais

Eletrofone PHILIPS-GF-410  
A Vista NCr\$ 135,00  
Ou NCr\$ 12,80 Mensais

Rádio PHILIPS - B4R17 - T  
A Vista NCr\$ 175,00  
Ou NCr\$ 12,80 Mensais

**SOCIC**  
Utilidades

Comandando na Cidade as Vendas de seu Gigante Aniversário, e sorteando no fim do mês uma Goladeira Prodôcente como  
Prêmio a Sua Pontualidade...

Rua Pres. João Pessoa, 274 - e Maciel Pinheiro, 80/86 no Palácio do Comércio